Bertolt Brecht

Teatro Completo

3

A ópera de três vinténs
Ascensão e queda da cidade de Mahagonny
O vôo sobre o oceano
A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo
Aquele que diz sim e aquele que diz não
A decisão

3ª Edição

PAZ E TERRA

BERTOLT BRECHT

TEATRO COMPLETO

em 12 Volumes

3ª Edição

PAZ E TERRA

Coleção *TEATRO*
Vol. 11
Direção: Fernando Peixoto

BERTOLT BRECHT

TEATRO COMPLETO
em 12 Volumes

III

A ÓPERA DE TRÊS VINTÉNS (1928)
Tradução de Wolfgang Bader e Marcos Roma Santa
Versificação das canções: Wira Selanski

ASCENSÃO E QUEDA DA CIDADE DE MAHAGONNY (1928-1929)
Tradução de Luis Antônio Martinez Corrêa e Wolfgang Bader

O VÔO SOBRE O OCEANO (1928-1929)
Tradução de Fernando Peixoto

A PEÇA DIDÁTICA DE BADEN-BADEN SOBRE O ACORDO (1929)
Tradução de Fernando Peixoto

AQUELE QUE DIZ SIM E AQUELE QUE DIZ NÃO (1929-1930)
Tradução de Luis Antônio Martinez Corrêa e Marshall Netherland
Colaboração de Paulo César Souza

A DECISÃO (1929-1930)
Tradução de Ingrid Dormien Koudela

Copyright by Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main 1955

Títulos dos originais em alemão: Die Dreigroschenoper; Aufstieg und Fall der Stadt Mahagonny; Der Ozeanflug; Das Badener Lehrstück vom Einverstandnis; Der Jasager und Der Neinsager; Die Massnahme; *in* Gesammelte Werke in 20 Banden, Werkausgabe Edition Suhrkamp.

Coordenação geral: Wolfgang Bader/Fernando Peixoto

Revisão dos textos: Wolfgang Bader/Marcos Roma Santa

Capa: Isabel Carballo

Revisão: Bárbara Benevides/Arnaldo Arruda/Araci Rosa
Oscar F. Menin/Marcia C. Menin

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brecht, Bertolt, 1898-1956.
B841t Teatro completo, em 12 volumes / Bertolt Brecht ; [tradução Wolfgang Bader, Marcos Roma Santa, Wira Selanski]. — Rio de Janeiro :
v.3 Paz e Terra, 1988. (Teatro completo / Bertolt Brecht ; 3) (Coleção teatro ; v. 11)

1. Teatro alemão I. Título. II. Série.

88-1416 CDD-832.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Século 20 : Teatro : Literatura alemã 832.91
2. Teatro : Século 20 : Literatura alemã 832.91

EDITORA PAZ E TERRA S/A
Rua do Triunfo, 177
Santa Efigênia, São Paulo, SP – CEP: 01212-010
Tel.: (011) 3337-8399

E-mail: vendas@pazeterra.com.br
Home Page: www.pazeterra.com.br

2004
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

ÍNDICE

A ópera de três vinténs 9
Ascensão e queda da cidade de Mahagonny 109
O vôo sobre o oceano 165
A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo 187
Aquele que diz sim e Aquele que diz não 213
A decisão 233

A ópera de três vinténs

Die Dreigroschenoper

Escrito em 1928
Estréia: 31.8.1928 em Berlim

Tradução: Wolfgang Bader e Marcos Roma Santa
Versificação das canções: Wira Selanski

Segundo *The Berggar's Opera*, de John Gay
Colaboradores: E. Hauptmann, K. Weill

PERSONAGENS:

Macheath, chamado Mac Navalha
Jonathan Jeremiah Peachum, dono da firma "O amigo do mendigo"
Célia Peachum, sua mulher
Polly Peachum, sua filha
Brown, supremo chefe de polícia de Londres
Lucy, sua filha
Jenny, chamada Jenny-Espelunca
Smith
Reverendo Kimball
Filch
Um Cantor de Moritat
O Bando
Mendigos
Putas
Policiais

PRÓLOGO

A MORITAT DE MAC NAVALHA

Uma feira em Soho.

Os mendigos mendigam, os assaltantes assaltam, as prostitutas se prostituem. Um cantor de feira canta uma moritat.

Tubarão tem dentes fortes,
Que não tenta esconder;
Mackie tem uma navalha,
Que ninguém consegue ver.

Tubarão tem barbatanas,
Que de sangue rubras são;
Mackie usa uma luva,
Que esconde a vil ação.

Nas londrinas águas verdes
Some gente — grande azar!
Não é cólera nem peste:
É o Navalha a rondar!

Num domingo ensolarado,
Um cadáver jaz no chão —
E um homem dobra a esquina —
É o Navalha, o valentão.

Mosche Meier está sumido,
E outros tantos marajás:
Sua grana embolsa o Mackie,
Mas tu nada provarás.

Peachum passeia pelo palco com mulher e filha, da esquerda para a direita.

Jenny Towler foi achada
Esfaqueada lá no cais —
Quem furou seu peito branco?
Foi Navalha? É demais!

E o cocheiro, a testemunha,
Que não pode mais depor,
Onde foi que evaporou-se?
Mackie sabe? Não, senhor!

E o incêndio lá no Soho:
Seis crianças e um ancião —
Entre o povo está o Navalha,
A quem nada indagarão.

E violada foi no sono
Uma viúva, que é menor...
Qual o preço prometido
Pelo tal bandido-mor?

Uma gargalhada entre as prostitutas. Um homem escapa do meio delas e atravessa rápido toda a praça.

JENNY-ESPELUNCA — É o Mac Navalha!

PRIMEIRO ATO

1

PARA COMBATER O CRESCENTE ENDURECIMENTO DOS CORAÇÕES DOS HOMENS, O COMERCIANTE J. PEACHUM ABRIRA UMA LOJA, ONDE O MAIS POBRE DENTRE OS POBRES ADQUIRIA UMA APARÊNCIA CAPAZ DE COMOVER OS CORAÇÕES CADA VEZ MAIS EMPEDERNIDOS

Roupária para mendigos de Jonathan Jeremiah Peachum.

O CORAL MATINAL DE PEACHUM

Acorda, mesquinho cristão!
Começa a pecar, salafrário!
Tu não passas de um charlatão:
Ganharás do Senhor teu salário.

Vende a mulher e o irmão,
Porque és um patife venal.
Deus pra ti é uma bolha de sabão?
Tu verás no Juízo Final.

PEACHUM *para o público* — Preciso inventar algo novo. Está ficando cada vez mais difícil, pois meu negócio é despertar a piedade dos homens. Existem umas poucas coisas capazes de comover o coração humano, poucas apenas, mas o pior é que, quando são usadas com freqüência, elas deixam de fazer efeito. É que o homem tem a terrível capacidade de se tornar insensível a seu bel-prazer. Por exemplo, se um homem vê um pobre aleijado parado na esquina, na primeira vez, assustado, dá-lhe logo dez vinténs, mas na segunda vez solta apenas cinco, e se o vir uma terceira vez, o mandará friamente para a cadeia. A mesma coisa acontece com os meios espirituais. *Do alto da cena desce um grande letreiro: "Dai, e dar-se-vos-á".* De que valem essas belas frases pungentes, escritas em atraentes letreiros, se elas logo se desgastam. Na Bíblia há umas quatro ou cinco frases que tocam o coração; uma vez desgastadas, lá se vai nosso ganha-pão. Olhem só esta aqui: "É maior ventura dar que receber". Já não dá mais nada, e só faz três semanas que entrou em circulação. É que a gente sempre tem que lançar uma novidade. E claro, será da Bíblia que vamos tirá-la. Mas por quanto tempo ainda?

Batem à porta. Peachum abre, um moço chamado Filch entra.

FILCH — Peachum & Companhia é aqui?

PEACHUM — Eu sou Peachum.

FILCH — O senhor é o dono da firma "O amigo do mendigo"? Me mandaram procurar o senhor. Puxa, que frases! Isto é que é investimento. O senhor deve ter uma biblioteca inteirinha dessas coisas, hein? Isso é que é, sim, senhor! Gente como nós — de onde tiraria uma idéia dessas; e sem instrução, como é que o negócio pode dar certo?

PEACHUM — Seu nome?

FILCH — Bem, senhor Peachum, acontece que desde criança tive uma vida infeliz. Minha mãe era uma bêbada e meu pai, um jogador. Deixado desde pequeno aos meus próprios cuidados, sem a mão carinhosa de uma mãe, afundei cada vez mais na lama da grande cidade. Jamais soube o que fosse a atenção de um pai nem o aconchego de um lar. E aqui estou, senhor...

PEACHUM — E aqui está o senhor...

FILCH *confuso* — ...privado de qualquer recurso, presa de meus instintos.

PEACHUM — Como um barco naufragado em alto-mar etc. etc. Mas diga lá, seu barco naufragado, em que distrito você recita essa história da carochinha?

FILCH — Como assim, senhor Peachum?

PEACHUM — Você faz esse discurso publicamente, não é?

FILCH — Pois é, senhor Peachum, e justamente ontem aconteceu um pequeno incidente meio desagradável na Highland Street. Eu estava lá, quieto no meu canto, infeliz da vida, chapéu na mão, sem maldar nada...

PEACHUM *olhando um livro de ocorrências* — Highland Street. Exato, é isso mesmo. Então você é o sujeitinho de merda que Honey e Sam pegaram em flagrante ontem. Você teve o descaramento de molestar os transeuntes no décimo distrito. Desta vez só foi uma boa surra, pois bem podia ser o caso de você não saber onde é que Deus mora. Mas ai de você se for visto por lá outra vez, pode ir encomendando o caixão, entendeu?

FILCH — Por favor, senhor Peachum, pelo amor de Deus. Que é que eu posso fazer? Aqueles senhores me moeram de pancadas e depois me deram o seu cartão. Se eu tirar meu paletó, o senhor vai pensar que está diante de um bacalhau.

PEACHUM — Meu caro, se você ainda não está parecendo um mulato-velho, é que meu pessoal andou relaxando no serviço. Imagina só, me chega um desses novatos otários e vai logo pensando que é só estender a pata e o filezinho já está garantido. Que é que você diria se roubassem os bois mais gordos da sua fazenda?

FILCH — Ora, senhor Peachum, eu não tenho fazenda.

PEACHUM — Bem, licença só para profissionais. *Mostra um mapa da cidade com ares de negociante.* Londres está dividida em quatorze distritos. Qualquer um que pretenda exercer o ofício de mendigo precisa de uma licença da Jonathan Jeremiah Peachum & Companhia. Ou você acha que é só vir se chegando — presa de seus instintos?

FILCH — Senhor Peachum, com os poucos xelins que me restam estou à beira da ruína total. Preciso fazer alguma coisa, tenho aqui dois xelins...

PEACHUM — Vinte!

Filch — Senhor Peachum!

Com um gesto implorativo mostra um cartaz, onde se lê: "Não tapeis o ouvido ao clamor do pobre". Peachum aponta para a cortina diante de uma vitrina onde se lê: "Dai, e dar-se-vos-á".

Filch — Dez xelins.

Peachum — E cinqüenta por cento sobre a féria semanal. Com equipamento, setenta por cento.

Filch — Me diga, por favor, em que consiste o equipamento?

Peachum — Isso quem determina é a firma.

Filch — E em que distrito eu faria ponto?

Peachum — Baker Street, do número 2 ao 104. Aí inclusive é mais barato. Apenas cinqüenta por cento, incluído o equipamento.

Filch — Aqui está. *Paga.*

Peachum — Seu nome?

Filch — Charles Filch.

Peachum — Está certo. *Grita:* Dona Célia! *Entra a senhora Peachum.* Este é Filch. Número 314. Distrito Baker Street. Eu mesmo faço o registro. Já entendi, você quer o emprego justamente agora que vamos ter as festas da coroação: oportunidade única na vida de um homem para faturar uns trocados. Equipamento C.

Abre a cortina diante de uma vitrina, onde se encontram manequins vestidos.

Filch — O que é isso?

Peachum — Estes são os cinco tipos básicos da miséria capazes de comover o coração humano. Ao ver tais tipos, o homem cai naquele incomum estado de espírito que o predispõe a soltar o dinheiro.

Equipamento A: vítima do progresso dos meios de transporte. O aleijado bem-humorado, sempre alegre — *mostra como se faz* —, sempre despreocupado, exacerbado por um toco de braço.

Equipamento B: vítima da arte da guerra. O treme-treme importuno, molesta os transeuntes, inspira repulsa — *mostra como se faz* —, atenuada por condecorações.

Equipamento C: vítima do progresso industrial. O cego digno de piedade ou A Escola Superior da Arte de Mendigar. *Mostra como se faz, cambaleando em direção a Filch. No momento em que ele se choca com Filch, este dá um grito de pavor. Peachum pára de imediato, examina-o, espantado, de alto a baixo, e grita repentinamente:* Ele está com pena! Você jamais será um mendigo nessa vida! Isso aí só serve para ser transeunte! Portanto, Equipamento D! Célia, você andou bebendo de novo! E agora está que nem consegue enxergar. O número 136 se queixou do traje. Quantas vezes ainda tenho que lhe dizer que um cavalheiro distinto não veste trapos imundos. O número 136 pagou um traje novinho em folha. Neste caso, são as manchas que inspiram piedade. Bastava você ter aplicado parafina com um ferro quente. Para que é que você tem a cabeça? A gente tem que fazer tudo sozinho! *Para Filch:* Tire essa roupa e bota essa aqui, e vê se tem cuidado com ela!

Filch — E o que vai acontecer com as minhas coisas?

Peachum — Agora pertencem à firma. Equipamento E: jovem que conheceu dias melhores, isto é, cujo berço não lhe prometia tanta desgraça.

Filch — Então o senhor vai reutilizá-las. E por que eu mesmo não posso fazer esse negócio dos dias melhores?

Peachum — Porque ninguém acredita na nossa verdadeira miséria, meu filho. Se você tem dor de barriga e diz que tem, só causa aversão. Aliás, aqui você não tem nada que perguntar, tem só é que vestir esses trapos.

Filch — Eles não estão um tanto sujos? *Como Peachum lhe lança um olhar fulminante:* Desculpe, senhor, por favor, desculpe.

SENHORA PEACHUM — Vê se anda ligeiro, rapazinho, não vou ficar segurando suas calças até o ano que vem.

FILCH, *de repente, com muita veemência* — Mas as minhas botas eu não tiro! De jeito nenhum. Aí, prefiro desistir. É o único presente que recebi da minha pobre mãe, e nunca, jamais, mesmo que eu estivesse na sarjeta...

SENHORA PEACHUM — Não fala bobagem, sei muito bem que você está é com os pés sujos.

FILCH — Também, onde é que eu podia lavar meus pés? Com esse inverno todo!

A senhora Peachum o leva para trás de um biombo, depois senta-se à esquerda e passa parafina num traje com um ferro quente.

PEACHUM — Onde está sua filha?

SENHORA PEACHUM — Polly? Lá em cima!

PEACHUM — Aquele sujeito esteve aqui ontem de novo? Aquele que sempre vem quando não estou em casa!

SENHORA PEACHUM — Não seja tão desconfiado, Jonathan. Não há cavalheiro mais fino do que ele. O senhor Capitão aprecia muito a nossa filha.

PEACHUM — Ah, é?

SENHORA PEACHUM — E se é que eu tenho um tiquinho de massa cinzenta, Polly também gosta muito dele.

PEACHUM — Célia, você solta sua filha por aí como se eu fosse algum milionário! Quer que ela se case, não é? Pois muito bem, você acha que esta porcaria de loja se agüentaria por mais uma semana se essa gentalha de clientes desse de cara só com as nossas pernas? Um noivo! Logo, logo cairíamos todos nas garras dele! Ele nos teria assim, ó! Você acredita que, na cama, sua filha tem mais talento para ficar calada do que você?

SENHORA PEACHUM — Bela imagem que você faz da sua filha!

PEACHUM — A pior. A pior de todas. Ela não passa de um poço de sensualidade!

SENHORA PEACHUM — Aliás, nisso, ela não puxou a você.

PEACHUM — Casar! Minha filha tem que ser para mim o que o pão é para o pobre — *folheando* —; até a Bíblia diz isso. Casar, grande porcaria! Num instante, eu tiro essa idéia de casamento da cabeça dela.

SENHORA PEACHUM — Jonathan, você é simplesmente um ignorante.

PEACHUM — Ignorante! Como é mesmo o nome daquele cavalheiro?

SENHORA PEACHUM — Chamam ele apenas de "Capitão".

PEACHUM — Quer dizer que nunca nem perguntaram o nome dele? Interessante!

SENHORA PEACHUM — Nós não seríamos tão grossas a ponto de lhe perguntar pela certidão de nascimento, ainda mais depois de ele ter tido a fineza de nos convidar para dançar no Hotel do Polvo.

PEACHUM — Onde?

SENHORA PEACHUM — Dançar no Hotel do Polvo.

PEACHUM — Capitão? Hotel do Polvo? Ah... sei, sei...

SENHORA PEACHUM — Este senhor sempre tratou a mim e a minha filha com luvas de pelica.

PEACHUM — Luvas de pelica!

SENHORA PEACHUM — Aliás, ele está sempre de luvas, e por sinal brancas: luvas de pelica brancas.

PEACHUM — Sei, luvas brancas e uma bengala com castão de marfim e polainas e sapatos de verniz e um modo encantador e uma cicatriz...

SENHORA PEACHUM — No pescoço. Mas como? Então você já sabe quem é?

Filch sai devagar de trás do biombo.

FILCH — Senhor Peachum, não dava para o senhor me dar mais uma dica? Sempre fui a favor de um sistema, e não de ficar falando de improviso.

SENHORA PEACHUM — É de um sistema que ele precisa!

PEACHUM — Que ele faça um idiota. Você volta às seis horas e aí nós vamos lhe ensinar o necessário. Cai fora!

FILCH — Obrigado, senhor Peachum, muito obrigado. *Sai.*

PEACHUM — Cinqüenta por cento! — E agora lhe direi quem é este senhor de luvas: Mac Navalha.

Sobe correndo a escada até o quarto de Polly.

SENHORA PEACHUM — Oh, meu Deus! Mac Navalha! Jesus! Oh, meu Jesus, visitai esta casa! — Polly! O que houve com Polly?

Peachum volta devagar.

PEACHUM — Polly? Polly não voltou para casa. A cama dela não está desfeita.

SENHORA PEACHUM — Então ela foi cear com o comerciante de lã. Com certeza, Jonathan!

PEACHUM — Deus queira que tenha sido o comerciante de lã.

Senhor e senhora Peachum se colocam diante da cortina e cantam. Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

CANÇÃO DO EM-VEZ-DE

1

PEACHUM — Em vez de viver
Em seu lar, no seu leito deitar,
Elas querem prazer,
Querem extravagâncias sem par.
SENHORA PEACHUM — É do Soho o luar
E a letra danada daquela toada:
"Para onde fores, irei eu também, meu Johnny", a soar
Quando surge o amor e a lua prateada.

2

PEACHUM — Em vez de fazer
Algo que tem sentido na vida,
Elas querem prazer,
E o fim é — sarjeta fedida.
AMBOS — Onde foi-se do Soho o luar?
E a letra danada daquela toada:
"Para onde fores, irei eu também, meu Johnny", a soar
Quando acaba o amor e tu acabas na lama metida?

2

NO CORAÇÃO DO SOHO, O BANDIDO MAC NAVALHA CELEBRA SEU CASAMENTO COM POLLY PEACHUM, A FILHA DO REI DOS MENDIGOS

Uma estrebaria vazia.

MATTHIAS, *chamado Matthias-moeda, revólver na mão, fazendo correr a luz de uma lanterna por todos os cantos da estrebaria* — Alô, se tiver alguém aí, mãos ao alto!

Macheath entra e dá uma volta pela cena.

MACHEATH — Então, tem gente aí?

MATTHIAS — Ninguém! Aqui poderemos celebrar o casamento em paz.

POLLY *entra vestida de noiva* — Mas isto aqui é uma estrebaria!

Mac — Senta por enquanto aí no cocho, Polly. *Para o público:* Celebrar-se-á hoje, nesta estrebaria, minha boda com a senhorita Polly Peachum, que por amor me seguiu para compartilhar comigo a minha vida futura.

Matthias — Muita gente em Londres dirá que foi a maior façanha que você realizou até hoje, isso de ter tirado da casa paterna a única filha do senhor Peachum.

Mac — Quem é o senhor Peachum?

Matthias — Ele mesmo dirá que é o homem mais pobre de Londres.

Polly — Mas você não está querendo celebrar o nosso casamento neste lugar! Isto aqui não passa de uma simples estrebaria! E chamar o pastor aqui, nem pensar. Além do mais, ela sequer é nossa. Realmente, Mac, não deveríamos começar nossa nova vida invadindo a propriedade alheia. Afinal, este é o dia mais lindo de nossas vidas.

Extrato das "Notas à *Ópera de três vinténs*" *

Observações para os atores **

(As notas no texto referem-se às *Observações para os atores*)

No que diz respeito à transmissão do enredo, o espectador não deve ser levado a trilhar o caminho da empatia, mas que se estabeleça uma comunicação entre o espectador e o ator, na qual, apesar de toda a estranheza e todo o distanciamento, o ator em última instância se dirija diretamente ao espectador. Assim, o ator deve narrar mais ao espectador sobre a personagem a ser representada do que "está em seu papel". Claro que ele terá de assumir aquela atitude através da qual o acontecimento flui com facilidade. Porém, ele também deve ser capaz de se relacionar com acontecimentos diferentes dos do argumento, portanto não apenas atender ao argumento. Por exemplo, numa cena de amor com Macheath, Polly é não apenas a amada de Macheath, mas também a filha de Peachum; e nem sempre só a filha, mas também a empregada de seu pai. Suas relações com o espectador têm de conter sua crítica às imagens usuais do espectador quanto ao que seja uma mulher de bandido, uma filha de comerciante e assim por diante.

---

* [Vide notas restantes nos *Escritos para o Teatro* (*Schriften zum Theater*), notas às peças e às representações.]

** Comparem-se as *Notas à Ópera* [*in Escritos para o Teatro* (*Schriften zum Theater*), notas às peças e notas.]

Mac — Minha querida, tudo será como você deseja, para que o teu pé não tropece em alguma pedra. Até a mobília já está encomendada.

Matthias — Os móveis estão chegando.

Ouve-se o barulho de grandes caminhões que chegam. Meia dúzia de homens entra carregando tapetes, móveis, louças etc., com que transformam a estrebaria num local exageradamente luxuoso.[1]

Mac — Que lixo.

Depositam os presentes à esquerda, cumprimentam a noiva e prestam contas ao noivo.[2]

Jakob, *chamado Jakob-dedo-de-gancho* — Felicidades! Ginger Street, 14. Havia gente no primeiro andar. Tivemos que desinfetar a área antes.

Robert, *chamado Robert-serrote* — Felicidades! Um policial virou presunto na beira do rio.

Mac — Amadores.

Ede — Fizemos o que pudemos, mas não deu para salvar as três pessoas no Westend, elas estavam mesmo a fim de morrer. Felicidades.

Mac — Amadores e incompetentes.

Jimmy — Sobrou um pouco para um velho também. Mas não acho que tenha sido grave. Felicidades.

Mac — Minhas instruções eram: sem derramamento de sangue! Fico doente só de pensar nisso. Vocês nunca serão homens de negócios! Canibais, sim, mas homens de negócios, jamais!

---

1. Os atores deveriam evitar apresentar esses bandidos como um bando daquelas tristes figuras de lenços vermelhos que animam as feiras e com as quais nenhum homem honesto tomaria um chope. Trata-se naturalmente de homens assentados na vida, alguns corpulentos e todos, sem exceção, bem sociáveis fora de seu trabalho.

2. Aqui os atores terão a oportunidade de mostrar a utilidade das virtudes burgueses, bem como a relação íntima entre sentimentalismo e vigarice.

Walter, *chamado Walter-salgueiro-chorão* — Felicidades. Este cravo, madame, até uma meia hora atrás pertencia à duquesa de Somersetshire.

Polly — Que móveis são esses?

Mac — Você gosta dos móveis, Polly?

Polly *chora* — Toda essa pobre gente, e só por causa de alguns móveis.

Mac — E que móveis! Tudo lixo! Você tem toda razão de ficar aborrecida. Um cravo marchetado junto de um sofá renascentista. Imperdoável. E mesa? Não trouxeram nenhuma?

Walter — Mesa?

Colocam algumas tábuas sobre os cochos.

Polly — Oh, Mac! Sinto-me tão infeliz! Deus queira que pelo menos o pastor não venha.

Matthias — Claro que vem. Explicamos o caminho para ele direitinho.

Walter *apresentando a mesa* — Aqui está a mesa!

Mac, *pois Polly está chorando* — Minha esposa está horrorizada. E as cadeiras? Afinal, onde estão? Um cravo e nenhuma cadeira. Para que é que vocês têm cabeça? E justamente hoje, quantas vezes acontece de eu celebrar a minha boda, hein? Cala a boca, Salgueiro-chorão! Quantas vezes acontece, hein, de eu deixar vocês fazerem algo sozinhos? Assim vocês tornam minha esposa infeliz logo no primeiro dia.

Ede — Querida Polly. . .

Mac, *tirando-lhe o chapéu com um safanão*[3] — "Querida Polly!" Vou te afundar a cabeça até as tripas com o seu "Querida Polly!", seu cagão. Onde já se ouviu isso, "Querida Polly!" Você por acaso dormiu com ela?

Polly — Mac, por favor!

Ede — Bem, eu juro que. . .

Walter — Minha ilustre senhora, se ainda faltam algumas peças da mobília, a gente pode sair mais uma vez para. . .

Mac — Um cravo marchetado e nenhuma cadeira. *Ri.* O que acha disso, você que é a noiva?

Polly — Na verdade, isso não é o pior.

Mac — Duas cadeiras e um sofá, e os noivos sentam no chão.

Polly — É, imagina só!

Mac *incisivo* — Serrem as pernas deste cravo! Anda, rápido!

Quatro Homens *serram os pés do cravo e cantam:*

Bill Lawgen e Mary Syer
Tornaram-se marido e mulher,
Mas, quando se casaram na capela,
Ele ignorava de onde vinha a roupa dela,
E ela não sabia o nome dele sequer.
Viva!

Walter — E assim, ilustre senhora, temos um final feliz: do cravo surge um banquinho.

Mac — E agora eu pediria aos senhores que tirassem esses trapos imundos e se arrumassem como convém. Afinal, não se trata do casamento de um qualquer. Polly, você poderia cuidar dos comes e bebes.

Polly — É este o banquete nupcial? Tudo roubado, Mac?

Mac — Mas claro!

Polly — Eu queria saber o que você faria se batessem à porta e fosse o xerife.

Mac — Aí você veria do que é que o seu homem é capaz.

Matthias — Isto é totalmente impossível hoje. É claro que toda a polícia montada está em Daventry. Foram receber a rainha por causa da coroação na sexta-feira.

---

[3] Deve-se mostrar que energia brutal um homem tem de despender para criar condições favoráveis a uma postura digna de um homem civilizado (como, por exemplo, a de um noivo).

POLLY — Duas facas e quatorze garfos. Uma faca para cada cadeira.

MAC — Que fracasso, assim não dá! Trabalho de aprendiz, não de homens competentes! Vocês não têm idéia do que seja estilo, não? Tá na cara a diferença entre um Chippendale e um Louis XIV!

O bando volta. Os senhores vestem agora elegantes trajes de noite, mas infelizmente, durante o resto da cena, não se comportam de acordo.

WALTER — Na verdade, queríamos trazer as coisas mais preciosas. Dá uma olhada nessa madeira! O material é de primeiríssima.

MATTHIAS — Psiu! Psiu! Com sua licença, Capitão...

MAC — Polly, vem cá.

O casal se coloca em posição de quem vai receber cumprimentos.

MATTHIAS — Com sua licença, Capitão, gostaríamos, no mais belo de seus dias, na primavera de sua carreira, quero dizer, neste momento solene em que começa uma nova vida, expressar os nossos mais sinceros e ao mesmo tempo mais profundos votos de felicidade etc. Ai que nojo este tom metido a besta. Bem, curto e grosso — *apertando a mão de Mac*: cabeça erguida, meu velho!

MAC — Obrigado, Matthias, você foi muito gentil.

MATTHIAS *apertando a mão de Polly depois de ter abraçado Mac, emocionado* — Isto é de coração! Nada de abaixar a cabeça, patroa, isto é — *com um sorrisinho* —, quanto à cabeça, é ele que não pode deixá-la abaixar.

Gargalhadas barulhentas dos convidados. De repente, Mac dá uma gravata em Matthias, derrubando-o facilmente no chão.

MAC — Cala essa boca. Vai contar essas piadinhas sujas para sua Kitty, ela é a rameira certa para isso.

POLLY — Mac, não seja tão vulgar.

MATTHIAS — Olha, esse negócio de chamar Kitty de rameira, eu não gostei... *Levanta-se com dificuldade.*

MAC — Ah, é? Não gostou?

MATTHIAS — E tem mais, da minha boca ela nunca ouviu piadinhas sujas. Tenho Kitty em alta consideração, coisa que você talvez nem seja capaz de entender, do jeito que você é. Aliás, você é a pessoa indicada para reprovar piadinhas sujas. Pensa que a Lucy não me contou o que você disse pra ela? Comparado com isso, sou até uma luva de pelica.

Mac lhe lança um olhar significativo.

JAKOB — Vamos, vamos, afinal estamos num casamento.

Afastam Matthias.

MAC — Belo casamento, hein, Polly? Rodeada por todo esse lixo no dia da sua boda. Você também não teria imaginado que seu marido fosse deixado assim por seus amigos! A gente sempre aprende.

POLLY — Até que estou gostando.

ROBERT — Bobagem. Ninguém aqui falou em deixar ninguém. Divergência de opinião é coisa que acontece em qualquer lugar. Nós gostamos tanto da sua Kitty como de qualquer outra. E agora, Moedinha, passa pra cá seu presente de núpcias.

TODOS — Vamos, vamos, o presente!

MATTHIAS *sentido* — Aqui está.

POLLY — Ah, um presente de núpcias. Mas que amável, senhor Matthias-moeda. Mac, que camisola mais bonita.

MATTHIAS — Talvez seja mais uma piadinha suja, hein, Capitão?

MAC — Está bom. Não queria te ofender neste dia festivo.

WALTER — E o que me dizem disto? Chippendale! *Descobre um enorme relógio de pé, estilo Chippendale.*

MAC — Louis XIV.

POLLY — Ele é magnífico. Estou tão feliz. Não tenho palavras. Os senhores são maravilhosamente atenciosos. Que pena a gente não ter um apartamento onde colocar tudo isso, não é, Mac?

MAC — Bem, estamos apenas começando. Todo começo é difícil. Muitíssimo obrigado, Walter. Bom, tirem isso daqui. Vamos à comida!

JAKOB, *enquanto os outros põem a mesa* — E eu, como sempre, mais uma vez não trouxe nada. *Para Polly, de uma maneira solicita:* Creia-me, jovem senhora, para mim isto é profundamente constrangedor.

POLLY — Senhor Jakob-dedo-de-gancho, isso não tem a menor importância.

JAKOB — A rapaziada chega a esbanjar com presentes, e eu aqui de mãos abanando. Compreenda a minha situação. Mas comigo é sempre assim. Eu poderia lhe contar cada coisa, meu Deus, a senhora ficaria pasma! Ainda outro dia, encontrei com a Jenny-Espelunca, olá, disse, e aí?, sua puta velha...

De repente, vê Mac parado atrás dele e sai sem dizer mais uma palavra.

MAC *conduzindo Polly para o seu lugar* — Eis a melhor comida que você poderia provar neste dia, Polly. Por favor!

Todos se sentam à mesa do banquete.[4]

---

[4] Deve-se mostrar a exposição da noiva e da sua dimensão casual no momento da posse definitiva. Pois no instante em que a oferta deve cessar, a demanda tem de atingir mais uma vez sua culminância. A noiva é cobiçada por todos, e o noivo é quem, por fim, "ganha a parada". Trata-se, portanto, de um incidente essencialmente teatral. Deve-se mostrar, também, que a noiva come muito pouco. Freqüentemente vêem-se as pessoas mais delicadas engolirem galinhas e peixes inteiros. As noivas jamais fazem isso.

EDE *apontando para o serviço* — Bonitos pratos! Hotel Savoy!

JAKOB — Os ovos com maionese são de Selfridge. Estava ainda previsto um balde de paté de foie gras. Mas, no caminho, o Jimmy devorou tudo de tanta raiva, porque o balde tinha um buraco.

WALTER — Gente fina não usa a palavra buraco.

JIMMY — Não devore os ovos assim, Ede, pelo menos hoje!

MAC — Por que ninguém canta alguma coisa? Algo que deleite?

MATTHIAS *engasga de tanto rir* — Algo que deleite? Que palavra mais chique. *Sob o olhar aniquilador de Mac, torna a sentar-se.*

MAC *arranca a travessa da mão de um deles com um safanão* — Na verdade, eu não queria que começássemos a comer já. Vocês sempre atacam a mesa e caem logo de boca na comida. Mas eu teria preferido antes alguma coisa solene. Afinal, com outras pessoas também sempre acontece algo especial, num dia como este.

JAKOB — O quê, por exemplo?

MAC — Será que eu tenho que inventar tudo sozinho? Claro que não estou esperando nenhuma ópera aqui. Mas vocês bem que poderiam ter preparado alguma coisa, algo que não se resumisse em comer e contar piadinhas sujas. Pois é, num dia como este é que ficamos sabendo até que ponto podemos contar com os amigos.

POLLY — O salmão está maravilhoso, Mac.

EDE — É, um assim a senhora ainda não engoliu. Com Mac Navalha, tem isto todos os dias. A senhora deu um verdadeiro golpe do baú. É como eu sempre digo: Mac é um partidão para moças que aspiram a coisas elevadas. Ainda ontem estava dizendo isto para Lucy.

POLLY — Lucy? Quem é Lucy, Mac?

Jakob *embaraçado* — Lucy? Ora, sabe, a senhora não devia levar isto tão a sério.

Matthias se levanta e gesticula atrás de Polly para que Jakob se cale.

Polly *olhando para ele* — Está precisando de alguma coisa? Sal, talvez. . . ? O que era mesmo que queria dizer, senhor Jakob?

Jakob — Oh, nada, absolutamente nada. Realmente, eu não queria expressamente dizer absolutamente nada. Eu ainda vou me dar mal.

Mac — Que é que você tem aí na mão, Jakob?

Jakob — Uma faca, Capitão.

Mac — E o que é mesmo que você tem no prato?

Jakob — Uma truta, Capitão.

Mac — Pois é, quer dizer então que você come a truta com a faca. Isso é uma vergonha, Jakob. Você viu uma coisa dessas, Polly? Comer o peixe com a faca! Quem faz isso é simplesmente um animal, entendeu, Jakob? A gente sempre aprende. Você terá um bocado de trabalho, Polly, para transformar estes bostas em homens. Por acaso, vocês sabem o que isso significa: um homem?

Walter — Homem ou hímen?

Polly — Que horror, senhor Walter!

Mac — Então, vocês não querem cantar nada, nenhuma canção que embeleze o dia? Vai ter que ser mesmo aquela porcaria de dia, triste, ordinário, maldito como todos os outros? Tem ao menos alguém lá fora, vigiando a porta? Será que eu mesmo vou ter que fazer isso também? Então, eu mesmo, no dia de hoje, vou ter que vigiar a porta, para que vocês fiquem aqui dentro, enchendo a barriga à minha custa?

Walter *mal-humorado* — Que é que você quer dizer com isso: à minha custa?

Jimmy — Pára, Waltinho! Já estou indo lá fora. Mas quem teria a idéia de vir até aqui? *Sai.*

Jakob — Seria engraçado se num dia como este todos os convidados do casamento acabassem na cadeia.

Jimmy *entrando precipitadamente* — Capitão, os tiras!

Walter — Brown, o tigre!

Matthias — Bobagem, é o reverendo Kimball.

Kimball entra.

Todos *gritando* — Boa noite, reverendo Kimball!

Kimball — Até que enfim encontrei vocês. Uma casinha modesta, esta aqui, mas o que conta é que ela é própria.

Mac — Do duque de Devonshire.

Polly — Boa noite, reverendo. Ah, estou tão feliz que Sua Reverendíssima, no dia mais lindo de nossas vidas. . .

Mac — E agora, por favor, um hino em homenagem ao reverendo Kimball.

Matthias — Que tal a do Bill Lawgen e Mary Syer?

Jakob — É. . . Bill Lawgen, pode ser.

Kimball — Seria tão bonito ver vocês se soltarem um pouco, rapazes!

Matthias — Comecemos, meus senhores.

Três homens se levantam e cantam de uma maneira hesitante, fraca e insegura:

CANÇÃO DE NÚPCIAS PARA GENTE POBRE

Bill Lawgen e Mary Syer
Tornaram-se marido e mulher,
(Viva! Viva! Viva!)
Mas, quando se casaram na capela,
Ele ignorava de onde vinha a roupa dela,

E ela não sabia o nome dele sequer.
Viva!

Sabe onde sua mulher trabalha? Não!
Pretende abandonar seus vícios? Não!
(Viva! Viva! Viva!)

Bill Lawgen confessou-me isto à parte:
Eu quero dela só uma pequena parte.
Porcalhão!
Viva!

Mac — Só isso? Que precariedade!

Matthias *engasga de novo* — Precariedade, eis a palavra certa, meus senhores, precariedade.

Mac — Cala essa boca!

Matthias — Bem, eu só queria dizer que faltou alma, calor, algo assim.

Polly —Meus senhores, se ninguém quer cantar nada, eu mesma apresentarei um numerozinho, isto é, vou imitar uma menina que eu vi uma vez num desses botecos-de-quatro-vinténs, lá no Soho. Ela era a copeira e, vejam, senhores, todo mundo ria dela; mas aí ela se dirigia aos fregueses e dizia para eles o que eu agora cantarei para os senhores. Bem, isto aqui é o pequeno balcão, imaginem que ele está horrivelmente sujo, e atrás dele, ela ficava, dia e noite. Este é o balde e este é o esfregão com o qual ela lavava os copos. Onde estão sentados os senhores, estavam os fregueses que riam dela. Os senhores também podem rir para que tudo fique exatamente como era; mas se não puderem, também não precisam rir. *Ela faz como se levasse os copos, murmurando algo para si.* Agora, por exemplo, um dos senhores vai dizer — *apontando para Walter* — o senhor: Então, quando é que vai chegar teu navio, Jenny?

Walter — Então, quando é que vai chegar teu navio, Jenny?

Polly — E um outro diz, o senhor por exemplo: Você continua lavando os copos, Jenny, sua noiva de piratas?

Matthias — Você continua lavando os copos, Jenny, sua noiva de piratas?

Polly — Isso, e agora eu começo.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

JENNY-PIRATA

1

Meus senhores, hoje eu lavo copos
E faço a cama de qualquer freguês,
Aceitando gorjetas, no papel
De pobre empregada num sujo hotel,
E ninguém me pergunta: quem és?
Mas um dia ouvem-se gritos no porto
E perguntam: que sons infernais?
Ao me verem sorrindo sobre os copos:
Por que raios sorri sempre mais?
  E a nau de oito velas,
  Com cinqüenta canhões,
  Ancora no cais.

2

E dizem: lava seus copos, menina!
E dão-me algum vintém.
A grana é tomada, a cama feita ligeiro,
Mas ninguém deita mais no travesseiro,
E quem sou, não sabe ninguém!
Mas um dia ouvem-se gritos no porto
E perguntam: que sons infernais?

Ao me verem de pé atrás das janelas,
Dizem: que sorriso de azar!
    E a nau de oito velas,
    Com cinqüenta canhões,
    Bombardeia o lugar.

3

Meus senhores, seu riso logo passa.
Estes muros estão por cair,
A cidade está por ser devastada,
Só um sujo hotel sobra no nada:
E quem vivo consegue sair?
Nesta noite, ouvem-se gritos em torno
E dizem: por que o hotel se salvou?
Quando fecho a porta pela última vez,
Perguntam: é ela quem lá morou?
    E a nau de oito velas,
    Com cinqüenta canhões,
    Embandeira o convés.

4

Desembarcam cem homens ao meio-dia,
E nas sombras vão se envolver
E prendem um em cada lugar,
Para eu os presos julgar,
Perguntando: quem deve morrer?
E reina silêncio total no porto
Quando indagam: quem deve ser morto?
Todos! — falo sem pestanejar.
E ao tombar a cabeça, digo: — oba!
    E a nau de oito velas,
    Com cinqüenta canhões,
    Some comigo no mar.

MATTHIAS — Que legal, engraçado, não é? Como ela leva jeito, a madame!

MAC — Como assim, legal? Isso não tem nada de legal, seu idiota! Isso é arte, não é legal. Você esteve maravilhosa, Polly. Mas para esses bostas, queira desculpar, reverendo, nem vale a pena. *Com voz baixa para Polly:* Aliás, não me agrada nada em você esse tipo de encenação, faça-me o favor de não repeti-la no futuro. *Gargalhadas na mesa. O bando ri-se do pastor.* O que é mesmo que o senhor tem na mão, reverendo?

JAKOB — Duas facas, Capitão!

MAC — E o que é que o senhor tem no prato, reverendo?

KIMBALL — Salmão, creio eu.

MAC — Pois é, quer dizer então que o senhor come o salmão com a faca?

JAKOB — Vocês já viram uma coisa dessas, comer o peixe com a faca? Quem faz isso é simplesmente um. . .

MAC — Animal. Entendeu, Jakob? A gente sempre aprende.

JIMMY *entra precipitadamente* — Capitão, os tiras. O xerife em pessoa.

WALTER — Brown, o tigre.

MAC — Sim, Brown-o-tigre, perfeitamente. É ele mesmo, Brown-o-tigre, o supremo xerife de Londres, o sustentáculo de Old Bailey, que agora fará sua entrada no humilde barraco do Capitão Macheath. Vejam se aprendem!

Os bandidos se escondem.

JAKOB — Isso vai dar forca na certa!

Brown entra.

MAC — Alô, Jackie!

BROWN — Alô, Mac! Não posso me demorar, preciso voltar logo. Tinha que ser justamente uma estrebaria alheia? De novo um arrombamento!

MAC — Ora, Jackie, estava tão à mão. Fico feliz de você ter vindo participar do casamento de seu velho amigo Mac.

Deixa eu lhe apresentar agora minha senhora, da família Peachum. Polly, este aqui é Brown-o-tigre, não é mesmo, meu chapa? *Dá tapinhas no ombro dele.* E aqui estão meus amigos, Jackie. Você já deve tê-los visto alguma vez.

Brown *aflito* — Mas eu não vim aqui a serviço, Mac.

Mac — Eles também não. *Ele os chama. Entram todos de mãos ao alto.* — Alô, Jakob!

Brown — Este é Jakob-dedo-de-gancho, um grande porco.

Mac — Alô Jimmy, alô Robert, alô Walter!

Brown — Ok, esquece por hoje.

Mac — Alô Ede, alô Matthias!

Brown — Sentem-se, senhores, sentem-se!

Todos — Muito obrigado, senhor.

Brown — Muito me alegra conhecer a bela senhora de meu velho amigo Mac.

Polly — Não há de quê, senhor.

Mac — Senta aí, velho marujo, e dá um mergulho no whisky! — Minha querida Polly, meus senhores! Recebemos hoje em nosso meio um homem que os impenetráveis desígnios do rei colocaram muito acima de seus pares, mas que, no entanto, permaneceu meu amigo em todas as tormentas e reveses etc. etc. Os senhores sabem de quem estou falando — e você também sabe, Brown. Ah, Jackie, você se lembra como nós dois, você um soldado e eu um soldado, servíamos na Índia? Ah, Jackie, vamos cantar agora a canção dos canhões!

Os dois sentam na mesa.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

CANÇÃO DOS CANHÕES

1

John estava lá e Jim também,
E Georgie tornou-se sargento;
Não importa, na guerra, quem é quem,
Ao partir pro ofício sangrento.
Viva a brigada
Na canhonada
Do Cabo ao Industão:
Na chuva ou granizo,
Diante do paraíso,
Achando muita graça
Em cada nova raça,
Faziam dela picadinho com feijão.

2

Johnny achava o whisky muito quente
Jimmy se queixava do frio,
Mas Georgie puxou-os de lado: Gente,
A guerra é um desafio!
Viva a brigada
Na canhonada
Do Cabo ao Industão:
Na chuva ou granizo,
Diante do paraíso,
Achando muita graça
Em cada nova raça,
Faziam dela picadinho com feijão.

3

John já morreu e Jim está morto,
De Georgie, nem sombra no mundo,
Mas o sangue é rubro, o mundo, torto,
E a guerra é um poço sem fundo.

Sentados, mexem com os pés como se estivessem marchando.

Viva a brigada
Na canhonada
Do Cabo ao Industão:
Na chuva ou granizo,
Diante do paraíso,
Achando muita graça
Em cada nova raça,
Faziam dela picadinho com feijão.

Mac — Embora a vida com suas torrentes caudalosas nos tenha separado violentamente, nós, amigos de juventude, embora nossos interesses profissionais sejam absolutamente distintos e, alguns até diriam, antagônicos, nossa amizade sobreviveu a tudo. Vejam se aprendem! Cástor e Pólux, Heitor e Andrômaca etc. etc. Raramente eu, o simples rato de rua, bem, vocês sabem o que quero dizer, fiz uma pequena pescaria sem dar-lhe, ao meu amigo, uma parte, uma considerável parte, hein?, Brown, como presente e prova de minha inextinguível fidelidade, e raramente ele — tira a faca da boca, Jakob! —, ele, o todo-poderoso chefe de polícia, deu uma blitz sem antes me dar uma pequena dica, a mim, seu amigo de juventude. Bem, e assim por diante, afinal é essa a lei da reciprocidade. Vejam se aprendem. *Dá o braço a Brown.* Bem, velho Jackie, fico feliz de você ter vindo, isto é que é verdadeira amizade. *Pausa, pois Brown lança um olhar preocupado a um tapete.* É um persa legítimo.

Brown — Da Companhia de Tapetes Orientais.

Mac — É de lá que nós pegamos tudo o que precisamos. Sabe, Jackie, fiz questão de tê-lo aqui hoje; porém, sua posição... espero que isso não crie problemas para você.

Brown — Ora, Mac, você sabe muito bem que eu não posso lhe recusar nada. Mas agora preciso ir. Tenho mil preocupações na cabeça; se acontecer o menor incidente na coroação da rainha...

Mac — Escute aqui, Jackie, o meu sogro é um nojento de um burro velho. Se ele tentar me aprontar uma, será que na Scotland Yard consta alguma coisa contra mim?

Brown — Não consta absolutamente nada contra você na Scotland Yard.

Mac — É claro.

Brown — Dei sumiço a tudo. Boa noite.

Mac — Vocês não vão se levantar?

Brown *para Polly* — Muitas felicidades! *Sai, acompanhado de Mac.*

Jakob, *que, acompanhado por Matthias e Walter, conversava com Polly* — Devo confessar que senti um certo medo quando disseram que Brown-o-tigre estava chegando.

Matthias — Pois saiba, distinta senhora, que nós temos lá as nossas relações com as mais altas autoridades.

Walter — É, quando a gente nem imagina, Mac tem sempre uma carta na manga. Mas nós também temos as nossas cartinhas. Meus senhores, são nove e meia.

Matthias — E agora vem o principal.

Todos vão para trás do tapete, que esconde algo.
Mac entra.

Mac — E aí, o que está acontecendo?

Matthias — Mais uma pequena surpresa, Capitão.

Atrás do tapete, cantam suave e animadamente a canção de Bill Lawgen. Mas quando chegam ao verso "...não sabia o nome dele sequer", Matthias arranca o tapete; agora todos cantam de modo grosseiro, batendo na cama que estava escondida atrás do tapete.

Mac — Muito obrigado, meus amigos, muito obrigado.

Walter — Bem, então vamos sair de fininho.

Todos saem.

Mac — E agora é a vez do sentimento. Senão o homem vira um animal de carga. Sente-se, Polly.

Música.

MAC — Vês a lua sobre o Soho?

POLLY — Eu vejo, querido. Sentes meu coração bater, amado?

MAC — Eu sinto, amada.

POLLY — Para onde fores, irei eu também.

MAC — E onde ficares, eu ficarei também.

AMBOS — Mesmo sem registro civil afinal,
E sem flor no altar,
Sem saber de onde vem teu vestido nupcial,
Sem grinalda para te enfeitar —
O prato, do qual tu comeste teu pão,
Sem dó, deves longe jogar!
O amor dura ou chega ao fim,
Neste ou noutro lugar.

3

PARA PEACHUM, QUE CONHECE AS AGRURAS DO MUNDO, PERDER SUA FILHA SIGNIFICA A RUÍNA TOTAL

Rouparia para mendigos de Peachum.

À direita, o senhor e a senhora Peachum. Na porta está Polly, vestida de mantô e chapéu, segurando uma mala na mão.

SENHORA PEACHUM — Casada? Primeiro, nós a cobrimos toda de vestidos e chapéus e luvas e sombrinhas, e depois que ela já nos saiu tão cara quanto um transatlântico, ela mesma se joga na sarjeta como um pepino podre. Você casou mesmo?

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

COM UMA PEQUENA CANÇÃO, POLLY INSINUA AOS PAIS SEU CASAMENTO COM O LADRÃO MACHEATH

1

Outrora, ainda inocente
— Eu era inocente, podem crer! —
Pensei: talvez, um dia, venha um cavalheiro,
Então, devo saber o que fazer.
Se ele for rico,
Se for amável,
Com o pescoço cheirando a loção,
Se for bem-educado com a dama,
Então, minha resposta será: "não".
Pois a gente deve ser inacessível
E manter-se imparcial.
Certamente a lua brilha a noite toda,
E nas ondas se balança a canoa,
Nada mais além disso, afinal.
Sim, a gente deve negar-se,
Deve manter frio o coração.
Tanta coisa pode acontecer à noite,
Mas eu sempre respondo: "não".

2

O primeiro veio de Kent —
Um galante dos pés à cabeça;
O outro tinha três navios no porto;
O terceiro pegou fogo depressa.
Mas como eram ricos,
E eram amáveis,
O pescoço cheirando a loção,
E sabiam respeitar a dama,
Então, minha resposta foi: "não".
Eu fui distante e inacessível
E mantive-me imparcial.
Certamente a lua brilhou a noite toda,

E nas ondas balançou-se a canoa,
Nada mais além disso, afinal.
Sim, a gente deve negar-se,
Deve manter frio o coração.
Tanta coisa pode acontecer à noite,
Mas eu sempre respondo: "não".

3

Mas um dia, e o dia estava azul,
Veio alguém, que não soube pedir:
Pendurou seu chapéu atrás da porta,
E eu não pude mais resistir.
E como não era rico
Nem era amável,
Seu pescoço cheirando a sabão,
E não soube respeitar a dama,
A resposta não foi mais: "não".
Então, tornei-me acessível,
E não permaneci imparcial.
Certamente a lua brilhou a noite toda,
E nas ondas balançou-se a canoa,
Tudo mais aconteceu, afinal.
Pois a gente não deve negar-se
E não deve manter frio o coração.
Tanta coisa pode acontecer à noite,
Quando a resposta não é "não".

PEACHUM — Então, ela virou uma fêmea de criminoso. Muito bonito. Que beleza!

SENHORA PEACHUM — Já que você desceu tanto a ponto de se casar, tinha que ser com um ladrão de cavalo e salteador? Você ainda vai pagar caro por isso! Eu sabia que ia acabar assim. Já de criança tinha esse nariz em pé que nem a rainha da Inglaterra.

PEACHUM — Então, ela casou mesmo!

SENHORA PEACHUM — É, ontem às cinco horas.

PEACHUM — Com um criminoso notório. Pensando bem, temos aí uma prova da grande ousadia desse homem. Se dou de bandeja a minha filha, o único arrimo de minha velhice, então a minha casa desaba e eu fico a ver navios. Eu não ousaria abrir mão nem de um único fio de cabelo; isto seria morte certa por inanição. Ora, se nós três agüentássemos todo o inverno com uma única acha de lenha, aí, quem sabe, chegaríamos a ver o próximo ano. Quem sabe...

SENHORA PEACHUM — O que é que há com você, afinal? Esta é a nossa paga, Jonathan. Estou ficando louca. Está tudo girando na minha cabeça. Não me agüento em pé. Oh! *Desmaia.* Um copo de Cordial Médoc.

PEACHUM — Está vendo como você deixou sua mãe? Rápido! Então, uma fêmea de criminoso. Muito bonito. Que beleza! É notável como a pobre tomou isso a peito. *Polly volta com uma garrafa de Cordial Médoc.* Este é o único consolo que resta a tua pobre mãe.

POLLY — Pode dar-lhe tranqüilamente dois copos. Minha mãe agüenta uma dose dupla quando não está muito católica. Isto a porá de pé outra vez. *Durante toda a cena, ela apresenta um aspecto muito feliz.*

SENHORA PEACHUM *acorda* — Oh, agora ela vem de novo com este zelo fingido e este falso cuidado.

Entram cinco homens.[5]

---

[5] Ao mostrar tais coisas como o negócio de Peachum, os atores não precisam se preocupar demais com o transcurso habitual da ação. Porém, eles não devem apresentar um ambiente, mas sim um acontecimento. O ator que fizer um desses mendigos tem de pretender mostrar a escolha de uma perna de pau adequada e convincente (experimentando uma, deixando-a de lado, experimentando outra para, em seguida, se decidir pela primeira), de maneira tal que, especialmente por causa deste número, as pessoas se resolvam a procurar o teatro mais uma vez, no momento em que ele se realiza, e nada impede que o teatro anuncie este número nos quadros do fundo da cena!

MENDIGO — A gente temos que se queixar com energia, em que aqui é uma porcaria, em que isto não é nenhum coto direito, mas um remendo mal-arranjado que com ele não jogo o meu dinheiro fora.

PEACHUM — Que é que você quer, este coto é tão bom quanto todos os outros, só que você não o mantém limpo.

MENDIGO — É, né? E por que eu não ganho tanto quanto todos os outros? Não, o senhor não pode fazer isso comigo. *Joga o coto no chão.* Para ter uma droga dessas, então era melhor cortar logo a minha perna de verdade.

PEACHUM — O que é que vocês querem, afinal? Por acaso é culpa minha se as pessoas têm um coração de pedra? Também não posso fornecer cinco cotos a vocês! Em cinco minutos, transformo um homem numa carcaça tão lamentável que até um cão choraria ao vê-lo! Pega aí mais um coto se um só não lhe basta. Mas cuide das suas coisas.

MENDIGO — É, assim vai dar pé.

PEACHUM *examinando a prótese de outro* — Couro não serve, Célia; borracha é bem mais nojenta! *Ao terceiro:* O inchaço também diminuiu, ainda por cima é o último. Agora a gente vai ter que começar tudo de novo. *Examinando o quarto:* Realmente, a tinha natural nunca chega a ser tão perfeita quanto a artificial. *Ao quinto:* Ora, mas que aparência é esta? Você se empanturrou de novo, agora vamos ter que tomar medidas drásticas.

MENDIGO — Senhor Peachum, juro que não comi nada de mais, esta minha gordurinha não é nada normal. Não tenho culpa.

PEACHUM — Nem eu. Está despedido. *Novamente ao segundo mendigo:* Entre "comover" e "dar no saco" há uma diferença muito grande, meu caro. Eu preciso é de artistas. Hoje em dia, só os artistas é que tocam o coração. Se vocês trabalhassem direito, seriam aplaudidos de pé pelo público! O que falta é criatividade! Assim não vai dar para renovar o seu contrato. *Os mendigos saem.*

POLLY — Chega aqui, dá só uma olhada. Você acha ele bonito? Não, né? Mas ele tem como se virar e me oferece uma vida digna. Ele é um notável arrombador ao mesmo tempo que um salteador experiente e de visão. Sei direitinho e até poderia dizer o total da sua poupança hoje. Mais alguns empreendimentos bem-sucedidos e a gente vai poder se retirar para uma pequena casa no campo, exatamente como o senhor Shakespeare, quem papai tanto aprecia.

PEACHUM — Bem, tudo isso é muito simples. Você está casada. E o que é que se faz quando se está casado, hein? Não precisa nem pensar. Claro, é só divorciar. Será que é tão difícil chegar a esta conclusão?

POLLY — Não estou entendendo o que você quer dizer.

SENHORA PEACHUM — Divórcio.

POLLY — Mas se eu o amo, como posso pensar em divórcio?

SENHORA PEACHUM — Me diz uma coisa, você não tem vergonha, não?

POLLY — Mamãe, se você alguma vez amou na sua vida...

SENHORA PEACHUM — Amor! Esses malditos livros que você leu acabaram virando sua cabeça! Polly, todo mundo faz isso!

POLLY — Então eu vou ser a exceção.

SENHORA PEACHUM — Então eu vou lhe dar uma surra, sua exceção.

POLLY — É, toda mãe faz isso, mas não adianta nada. Porque o amor é sempre maior do que a surra.

SENHORA PEACHUM — Polly, não exagera.

POLLY — Não deixo ninguém roubar o meu amor.

SENHORA PEACHUM — Mais uma palavra e você leva um tapa na cara.

POLLY — Mas o amor é a coisa mais sublime do mundo.

SENHORA PEACHUM — E aliás, aquele sujeito tem várias mulheres. Se um dia ele for enforcado, é bem possível que meia dúzia de mulherzinhas apareçam como viúvas, cada uma delas trazendo provavelmente um fedelho no braço. Oh, Jonathan!

PEACHUM — Enforcado, de onde você tirou isso? Está aí uma boa idéia. Saia um instante, Polly. *Polly sai.* Certo. Isto vai dar quarenta libras.

SENHORA PEACHUM — Já entendi. Fazer uma denúncia ao xerife.

PEACHUM — É isso mesmo. Além do mais, ele será enforcado inteiramente grátis... E assim, nós matamos dois coelhos com uma só cajadada. Só que temos que saber onde é que ele se meteu.

SENHORA PEACHUM — Isso eu posso lhe dizer com certeza, meu querido. Ele está lá, metido com suas vagabundas.

PEACHUM — Mas elas não o entregarão.

SENHORA PEACHUM — Deixa comigo. Onde o ouro fala, tudo cala. Vou agora mesmo a Turnbridge falar com as meninas. Se daqui a duas horas este senhor se encontrar com uma delas, estará frito.

POLLY, *que ouviu tudo atrás da porta* — Querida mamãe, não precisa se dar ao trabalho. A se encontrar com uma dama dessas, Mac preferiria ir pessoalmente ao cárcere de Old Bailey. Mas mesmo que ele fosse a Old Bailey, o xerife lhe ofereceria um drinque e, entre um cigarro e outro, bateria um papo com ele sobre um certo negócio nesta rua, onde nem tudo está como manda o figurino. Pois, querido papai, este xerife se divertiu muito no meu casamento.

PEACHUM — Qual é o nome do xerife?

POLLY — Brown. Mas você só o conhecerá como Brown-o-tigre. Pois todos que têm motivo para temê-lo o chamam de Brown-o-tigre. Mas veja, meu marido o trata por Jackie. Pois para ele é simplesmente seu querido Jackie. São amigos de juventude.

PEACHUM — Ah, é? Então quer dizer que são amigos. O xerife e o bandido-mor devem ser mesmo os únicos amigos nesta cidade.

POLLY, *num tom poético* — Toda vez que juntos eles tomavam um drinque, se acariciavam a face, dizendo: "Se queres mais um trago, eu também quererei". E toda vez que um deles saía, o outro, com os olhos rasos d'água, dizia: "Se tu fores para algum lugar, eu também irei para algum lugar". Não consta absolutamente nada contra Mac na Scotland Yard.

PEACHUM — Pois muito bem. Pretextando casamento, o senhor Macheath, um homem certamente casado mais de uma vez, induziu minha filha Polly a deixar a casa paterna, de terça à noite até a manhã de quinta. Eis o motivo que, antes mesmo de a semana acabar, o levará à forca, que é o que ele merece. "Senhor Macheath, outrora o senhor tinha luvas de pelica brancas, uma bengala com castão de marfim, uma cicatriz no pescoço e freqüentava o Hotel do Polvo. Agora só lhe restou a cicatriz, que, dentre todas as suas marcas, é a de menor valor; e freqüentar, só as gaiolas, para, como é de prever, logo, logo, lugar nenhum..."

SENHORA PEACHUM — Ah, Jonathan, você não vai conseguir; estamos falando de Mac Navalha, conhecido como o bandido-mor de Londres. Com ele ninguém pode.

PEACHUM — Pois quem é Mac Navalha? Se arruma que nós vamos ver o xerife de Londres. E você vai para Turnbridge.

SENHORA PEACHUM — Ver as putas.

PEACHUM — Pois a maldade do mundo é grande e é preciso gastar as solas para que ninguém nos roube os sapatos.

POLLY — Quanto a mim, papai, terei muito prazer de apertar novamente a mão do senhor Brown.

Os três se adiantam para o proscênio e cantam sob iluminação para canção. Nos letreiros lê-se:

PRIMEIRO FINAL DE TRÊS VINTÉNS

SOBRE A INSTABILIDADE DAS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA HUMANA

POLLY — É demais, meu coração?
Nesta vida castigada
Entregar-se e ser amada,
É absurda ambição?

PEACHUM *com a Bíblia na mão* — Já que a vida é breve, o homem tem direito
De estar feliz, em nosso mundo cão,
Para o prazer da mesa e do leito,
E mastigar, não pedra, mas o pão.
É seu sagrado, primordial direito.
Mas que o tal direito fosse concedido,
Nunca ouviu-se em sérias conversas;
O homem gosta de ser bem-servido,
Porém as circunstâncias são adversas.

SENHORA PEACHUM — Eu gostaria de ser boa
E lhe dar o que quiser:
Da vida a florida coroa —
Acredite: com prazer.

PEACHUM — Ser homem bom! Sim, quem não gostaria?
Doar tudo aos pobres nos seduz.
Seu reino advém com nossa melhoria,
E quem não quer estar na sua luz?
Ser homem bom! Sim, quem não gostaria?
No entanto, infelizmente, em nossa vida,
Pessoas são sovinas e perversas.
Quem não prefere paz e harmonia?
Porém as circunstâncias são adversas.

POLLY E A SENHORA PEACHUM — Infelizmente, ele tem razão:
O mundo é pobre, o homem, um vilão.

PEACHUM — Naturalmente, estou com a razão:
O mundo é pobre, o homem, um vilão.
Quem não pretende um Éden terreal?
Mas e as circunstâncias, afinal?
Elas se negam a corresponder.
E vejam bem: seu mais querido irmão,
Faltando o bife, vira furacão
E pisa-lhe bem o rosto, pode crer!
E ser leal, não é maior prazer?
Porém, sua esposa adorada,
Sentindo sua chama já cansada,
Pisa-lhe bem o rosto, pode crer!
E grato, quem será que não quer ser?
Porém, seu próprio filho bem-amado,
Quando, no fim, o vir desamparado,
Pisa-lhe bem o rosto, pode crer!
E ser humano, quem não pretende ser?

POLLY E A SENHORA PEACHUM — Eis a eterna mesmice,
Isso é uma chatice.
O mundo é pobre, o homem, um vilão.
Infelizmente, ele tem razão.

PEACHUM — Naturalmente, estou com a razão:
O mundo é pobre, o homem, um vilão.
Não fossem as pessoas tão perversas
E nossas circunstâncias, adversas.

OS TRÊS — Basta que se confira:
O mundo é uma mentira!

PEACHUM — O mundo é pobre, o homem, um vilão.
Infelizmente, estou com a razão.

OS TRÊS — Eis a eterna mesmice,
Isso é uma chatice.
Basta que se confira:
O mundo é uma mentira!

SEGUNDO ATO

4

TARDE DE QUINTA-FEIRA; MAC NAVALHA SE DESPEDE DE SUA MULHER A FIM DE, FUGINDO DE SEU SOGRO, IR PARA O PÂNTANO DE HIGHGATE

A estrebaria.

POLLY *entrando* — Mac! Mac, não se assuste.

MAC *deitado na cama* — Ora, o que foi, que cara é essa, Polly?

POLLY — Estive com Brown, e meu pai também, e eles combinaram de pegar você; papai fez ameaças terríveis e Brown ficou do seu lado, mas aí ele voltou atrás, e agora ele também acha, Mac, que você deveria sumir por uns tempos. Arrume logo suas coisas.

MAC — Ora, bobagem, arrumar nada. Vem cá, Polly. O que eu quero fazer com você agora é outra coisa, não as malas.

POLLY — Não, agora não pode ser. Estou tão assustada. O tempo todo só falaram de forca.

MAC — Não gosto de ver você agitada, Polly. Não consta absolutamente nada contra mim na Scotland Yard.

POLLY — É, ontem talvez não, mas, hoje, de repente, consta muitíssimo. O problema é que você... tenho aqui a relação das acusações; nem sei se consigo me lembrar de tudo, é uma lista que não acaba mais... você matou dois comerciantes, fez mais de trinta arrombamentos, vinte e três assaltos, incêndios, falsificações, homicídios premeditados, falsos testemunhos, e tudo isso em um ano e meio. Você é um homem terrível. E ainda seduziu duas irmãs menores em Winchester.

MAC — A mim, elas disseram que tinham mais de vinte anos. O que é que o Brown falou? *Levanta-se lentamente e caminha, assobiando, para a direita.*

POLLY — Ele ainda me pegou no corredor e me disse que agora ele não poderia fazer mais nada por você. Oh, Mac!

Lança-se ao pescoço dele.

MAC — Tudo bem, já que eu tenho que partir, você deve assumir a direção do negócio.

POLLY — Nada de negócios agora, Mac, não posso nem ouvir falar nisso. Beija a sua pobre Polly mais uma vez e jura que você nunca, nunca...

Mac a interrompe bruscamente e a conduz para a mesa, plantando-a numa cadeira.

MAC — Eis os livros de contabilidade. Presta bastante atenção. Esta é a relação do pessoal. *Lê:* Bem, aqui temos Jakob-dedo-de-gancho, um ano e meio de serviço; vejamos o que ele conseguiu. Um, dois, três, quatro, cinco relógios de ouro, não é muito, mas foi um trabalho limpo. Não sente no meu colo, não estou a fim agora. Aqui temos Walter-salgueiro-chorão, um tipo pouco confiável. Faz transações por conta própria. Alivia por três semanas, e depois rua. Entrega ele simplesmente para o Brown.

POLLY *chorando* — Entrego ele simplesmente para o Brown.

MAC — Jimmy II, um sujeito descarado, lucrativo mas descarado. Leva até as calcinhas das senhoras da alta sociedade. Dê-lhe um adiantamento.

POLLY — Dou-lhe um adiantamento.

MAC — Robert-serrote, um cara mesquinho, sem o menor talento, não morre enforcado, mas também não deixa nada.

POLLY — Também não deixa nada.

MAC — De resto, você faz exatamente como até agora, levanta às sete, se lava, toma um banho etc.

POLLY — Você tem toda razão, tenho que trabalhar duro e cuidar dos negócios. O que é seu, agora também é meu, não é mesmo, Mac? E seus quartos? Não seria melhor me desfazer deles? Tenho a maior pena de jogar o dinheiro fora com o aluguel.

Mac — Não, preciso deles ainda.

Polly — Mas para quê? Só vai consumir o nosso dinheiro!

Mac — Tenho a impressão de que você acha que não voltarei nunca mais.

Polly — Como assim? Você sempre pode voltar a alugar! [6] Mac. . . Mac, eu não agüento mais. Fico sempre olhando para a sua boca e aí não escuto o que você diz. Você também me será fiel, Mac?

Mac — Claro que eu serei fiel; amor com amor se paga. Ou será que você acha que eu não te amo? O problema é que eu vejo mais longe que você.

Polly — Eu lhe sou tão grata, Mac. Você aqui se preocupando comigo, enquanto os outros te perseguem como cães de caça. . .

Ao ouvir a expressão "cães de caça", Mac fica paralisado, levanta, vai para a direita, tira o paletó, lava as mãos.

Mac *apressado* — Você vai continuar mandando o lucro para o banco Jack Poole, em Manchester. Aqui entre nós: é só uma questão de semanas e eu me transfiro para o ramo bancário. É mais seguro e também mais lucrativo. No máximo em duas semanas, o dinheiro tem que ser retirado deste negócio, aí você vai ao Brown e entrega a lista à polícia. No máximo em quatro semanas, toda essa ralé terá desaparecido no xadrez de Old Bailey.

Polly — Ora, Mac! Como é que você ainda pode olhar para eles depois de tê-los riscado do seu livro, levando-os praticamente à forca? Como é que, depois de tudo isso, você ainda consegue apertar a mão deles?

Mac — De quem? Robert-serrote, Matthias-moeda, Jakob-dedo-de-gancho? Esses patifes?

Entra o bando.

Mac — Meus senhores, como me alegro em vê-los.

Polly — Boa tarde, meus senhores.

Matthias — Capitão, consegui finalmente o programa das festividades da coroação. Eu diria que temos dias de muito trabalho pela frente. Daqui a meia hora, chega o arcebispo de Canterbury.

Mac — A que horas?

Matthias — Às cinco e meia. Temos que partir já, Capitão.

Mac — É verdade, vocês têm que partir já.

Robert — O que significa este "vocês"?

Mac — Bem, é que, infelizmente, sou obrigado a fazer uma pequena viagem.

Robert — Deus do céu, estão querendo prendê-lo?

Matthias — E isso justamente às vésperas da coroação! Sem o senhor, a coroação será como pão sem manteiga.

Mac — Cala essa boca! Nestas circunstâncias passo, por pouco tempo, a direção do negócio a minha esposa. Polly! *Empurra-a para frente e vai para o fundo, observando-a de lá.*

Polly — Rapazes, penso que nosso Capitão pode partir tranqüilamente. Nós daremos conta do recado. Serviço de primeira, hein, rapazes?

Matthias — Bem, eu aqui não apito nada. Mas não sei se justamente uma mulher, numa época como essa. . . Não é nada contra a senhora, madame.

Mac, *do fundo* — O que é que você diz disso, Polly?

Polly — Seu canalha, estamos começando bem, hein? *Grita:* Claro que não é nada contra mim! Porque se fosse, estes senhores aqui já teriam tirado as tuas calças e te dado uma boa sova, não é mesmo, meus senhores?

---

[6] É absolutamente desejável que o espectador sinta a senhorita Polly Peachum como uma jovem virtuosa e agradável. Assim como na segunda cena ela provou que seu amor é isento de qualquer cálculo, agora ela mostra aquela disposição prática, sem a qual este amor seria mera leviandade.

Pequena pausa, depois todos aplaudem freneticamente.

Jakob — Olha que isso não deixa de ser verdade; pode acreditar nela.

Walter — Bravo, a senhora capitã sabe como falar! Viva Polly!

Todos — Viva Polly!

Mac — O chato em tudo isso é que eu não poderei estar aqui para a coroação. Isso é que é um puta negócio. De dia, todos os apartamentos vazios e de noite, a grã-finada toda bêbada. Aliás, Matthias, você bebe demais. Na semana passada, você insinuou novamente que foi você que incendiou o hospital infantil de Greenwich. Se uma coisa dessas tornar a acontecer, você está despedido. Então? Quem foi que incendiou o hospital infantil?

Matthias — Claro que fui eu.

Mac *para os outros* — Quem foi que o incendiou?

Os outros — O senhor, Capitão Macheath.

Mac — Quem foi mesmo?

Matthias, *rabugento* — O senhor, Capitão Macheath. Desse jeito, pessoas como a gente nunca subirão na vida.

Mac, *com um gesto, sugere o enforcamento* — Você subirá mesmo se achar que pode me fazer concorrência. Onde já se viu um professor de Oxford deixar qualquer um de seus assistentes assinar seus erros científicos? Ele mesmo assina.

Robert — Distinta senhora, disponha de nós enquanto o senhor seu esposo estiver viajando; toda quinta-feira, prestação de contas, distinta senhora.

Polly — Toda quinta-feira, rapazes.

Sai o bando.

Mac — E agora, adeus, meu coração; cuide-se e não se esqueça de se maquiar todo dia, exatamente como se eu estivesse aqui. Isto é muito importante, Polly.

Polly — E você, Mac, prometa-me não olhar mais para nenhuma mulher e partir logo. Pode acreditar que a sua pequena Polly não está falando por ciúme, mas porque isto é muito importante, Mac.

Mac — Ora, Polly, por que é que eu haveria de me interessar por esses baldes furados? Eu só amo você. Assim que a noite descer, pegarei meu alazão em qualquer estrebaria, e antes que, da sua janela, você possa ver a lua, eu já estarei além do pântano de Highgate.

Polly — Ah, Mac, não parta meu coração. Fique comigo e sejamos felizes.

Mac — Mas eu mesmo tenho que partir meu coração, pois preciso ir embora e ninguém sabe quando voltarei.

Polly — Durou tão pouco, Mac.

Mac — Por acaso acabou?

Polly — Oh, ontem tive um sonho. Nele, eu olhava pela janela e ouvia uma gargalhada na rua e, quando enxerguei melhor, vi a nossa lua, e a lua estava tão fina quanto um vintém bastante gasto. Onde você estiver, Mac, não se esqueça de mim.

Mac — Claro que eu não te esquecerei, Polly. Me dá um beijo, Polly.

Polly — Adeus, Mac.

Mac — Adeus, Polly. *Saindo:*
O amor dura ou chega ao fim,
Neste ou noutro lugar.

Polly *sozinha* — E ele não mais voltará. *Canta:*
Tudo era belo, então,
Mas agora só resta a dor.
Arranca seu coração,
Diga adeus, meu amor!
Não adianta o lamento!

Virgem do céu, ouve esta prece!
Ah, se minha mãe soubesse
O que comigo acontece!

Os sinos começam a repicar.

Polly — Agora, Londres recebe a rainha em procissão,
Onde estaremos no dia da coroação!

INTERMEZZO

A senhora Peachum e Jenny-Espelunca aparecem diante da cortina.

Senhora Peachum — Então, se vocês virem Mac Navalha nos próximos dias, corram ao policial mais próximo para denunciá-lo; vocês receberão dez xelins por isso.

Jenny — Mas como nós o veremos, se a polícia já está atrás dele? Quando a caçada começar, ele não vai perder seu tempo conosco.

Senhora Peachum — Vou te dizer uma coisa, Jenny: mesmo com toda Londres atrás dele, Macheath não é homem de abrir mão de seus hábitos. *Ela canta:*

BALADA DA SERVIDÃO SEXUAL

1

Aquele é um sem-vergonha excomungado,
Que vê nos outros miserável gado.
Um cão danado, um sedutor vadio,
Quem vence o espertalhão? O mulherio!
Queira ou não, ergue-se o animal:
É esta a servidão sexual.
A Bíblia não é sua leitura,
Um egoísta, eis a verdade pura!
Só sabe rir de todos e de tudo,
Ao canto da sereia é surdo-mudo.

Porém à noite vai mudando o ar:
Seu esporte favorito é trepar.

2

Assim termina, geralmente, a luta:
Quem vence o herói é sempre a puta!
E os pretensos seres elevados
Pelas piranhas foram sepultados.
Queira ou não, ergue-se o animal:
É esta a servidão sexual.
Um prende-se ao Código Civil; o outro, à Bíblia Sagrada,
Um torna-se cristão; o outro, anarquista:
De dia come apenas as torradas com salada,
À tardinha, suas idéias reconquista,
Porém à noite vai mudando o ar:
Seu esporte favorito é trepar.

5

OS SINOS DA COROAÇÃO AINDA NÃO HAVIAM ACABADO DE SOAR E MAC NAVALHA JÁ SE ENCONTRAVA ENTRE AS PUTAS DE TURNBRIDGE. AS PUTAS O TRAEM. ANOITECER DE QUINTA-FEIRA

Puteiro em Turnbridge.

Uma tarde comum; as putas, a maioria delas em trajes íntimos, passam roupa, jogam damas, se lavam: um idílio burguês.[7] *Jakob-dedo-de-gancho está lendo o jornal sem que ninguém lhe dê atenção. Dá a impressão de atravancar a passagem.*

---

[7] Essas damas detêm a posse tranqüila de seus meios de produção. Justamente por isso elas não devem transmitir a impressão de que são livres. A elas, a democracia não oferece aquela liberdade que proporciona a todos cujos meios de produção podem ser tomados.

Jakob — Hoje ele não vem.

Puta — Será?

Jakob — Eu acho que ele não vem nunca mais.

Puta — Seria uma pena.

Jakob — Será? Se eu o conheço bem, ele já está fora da cidade. Desta vez é dar no pé mesmo. *Macheath entra, pendura o chapéu num prego e senta no sofá atrás da mesa.*

Mac — Meu café!

Encrenqueira *repete num tom admirativo* — "Meu café!"

Jakob *horrorizado* — Como? Você não está em Highgate?

Mac — Hoje é a minha quinta-feira. Não vou renunciar a meus hábitos por causa dessas ninharias. *Joga no chão o libelo de acusação.* Além do mais, está chovendo.

Jenny *lê o libelo* — Em nome do Rei, acusamos o Capitão Macheath por três...

Jakob *arranca-o das mãos dela* — Eu também apareço aí?

Mac — Claro, o pessoal todo.

Jenny *à outra puta* — Olha só as acusações. *Pausa.* Mac, deixa eu ver a tua mão.

Ele estende a mão.

Dolly — Isso, Jenny, lê a mão dele, você entende do riscado. *Segura um lampião.*

Mac — Alguma herança?

Jenny — Não, nada de herança!

Betty — Por que essa cara, Jenny? Chega a dar um frio na espinha.

Mac — Alguma longa viagem para breve?

Jenny — Não, nenhuma longa viagem.

Encrenqueira — O que é que você está vendo então?

Mac — Por favor, só coisa boa, nada de ruim!

Jenny — Ah, esquece! Estou vendo uma escuridão apertada e pouca luz. E também estou vendo um grande A, A de astúcia de uma mulher. Também estou vendo...

Mac — Chega! Agora, por exemplo, eu quero é saber detalhes sobre a escuridão apertada e a astúcia e, por exemplo, o nome da mulher astuta.

Jenny — Só estou vendo que ele começa com J.

Mac — Então está errado. Ele começa com P.

Jenny — Mac, quando os sinos da coroação em Westminster começarem a repicar, você viverá tempos difíceis!

Mac — Continua! *Jakob dá uma gargalhada.* O que foi, hein? *Corre até Jakob e começa a ler também.* Mentira, eram só três.

Jakob *ri* — Eu sei!

Mac — Bonitinha essa roupa.

Puta — Do berço ao túmulo, o importante é a roupa.

Puta velha — Eu nunca uso seda. Os fregueses pensam logo que a gente está doente.

Jenny se esgueira de fininho pela porta.

Segunda puta *a Jenny* — Aonde você vai, Jenny?

Jenny — Vocês verão. *Sai.*

Molly — Mas o linho caseiro também não agrada.

Puta velha — Eu dou muita sorte com linho caseiro.

Encrenqueira — Claro, aí os homens se sentem logo em casa.

Mac *a Betty* — Você continua usando os galões negros?

Betty — Continuo, sim.

Mac — E que roupa você usa por baixo?

Segunda puta — Ah, chego a ficar envergonhada. Não posso levar ninguém no meu quarto, é que a minha tia é doida por homem, e nas entradas das casas... vocês sabem, né?, simplesmente não uso nenhuma roupa por baixo. *Jakob ri.*

MAC — Acabou?

JAKOB — Não, agora é que cheguei nos estupros.

MAC, *de novo ao lado do sofá* — Mas onde é que está Jenny? Caras damas, muito antes de a minha estrela brilhar sobre esta cidade...

ENCRENQUEIRA — "Muito antes de a minha estrela brilhar sobre esta cidade..."

MAC — ...eu vivi nas condições mais precárias com uma das senhoras, caras damas. E mesmo sendo hoje Mac Navalha, jamais esquecerei, em meio à felicidade, os companheiros dos dias sombrios, sobretudo Jenny, que, entre todas as meninas, me era a mais cara. Prestem atenção!

Enquanto Mac canta, Jenny, em pé do lado direito da janela, faz sinais para o policial Smith. A senhora Peachum vem juntar-se a ela. Debaixo do poste, os três observam a casa.

BALADA DO CAFETÃO

1

MAC — Bom tempo aquele que não volta mais.
Como casal, vivíamos sem briga,
No esforço para o mesmo ideal:
Eu da cabeça, ela da barriga.
Pode ser diferente, e pode ser tal qual.
Quando chegava outro cavalheiro,
Eu lhe cedia a cama prazenteiro
E, vendo a grana, ria: Meu senhor,
A casa é sempre sua, por favor!

Foi num bordel de fina freguesia,
Onde fixamos nossa moradia.

2

JENNY — Bom tempo aquele que não volta mais.
Trepávamos sem conta e sem noção,
E ele, gastando o nosso capital,
Botava as minhas roupas no leilão.
Pode ser diferente, e pode ser tal qual.
Fiquei de birra, por achar-me nua,
E perguntei: Rapaz, qual é a tua?
Sua resposta foi uma porrada
Que me deixou, por dias, acamada.
Foi num bordel de fina freguesia,
Onde fixamos nossa moradia.

3

AMBOS *juntos e alternando* — Bom tempo aquele que não volta mais.[8]
MAC — A nossa vida era iluminada:
JENNY — Trepávamos de dia, afinal
MAC — À noite, ela estava ocupada.
(Pode ser diferente, e pode ser tal qual.)

---

[8] Os atores que fazem o Macheath, e que na representação da agonia não dão mostras de inibição, negam-se geralmente a cantar esta terceira estrofe: evidentemente eles não recusariam uma formulação trágica do fenômeno sexual. Mas em nossa época o sexual pertence indubitavelmente ao âmbito do cômico, pois a vida sexual está em contradição com a vida social, e esta contradição é cômica porque é histórica, isto é, pode ser resolvida através de uma outra ordem social. Portanto o ator tem de levar tal balada num tom cômico. A apresentação da vida sexual no palco é muito importante, mesmo porque aí aparece um materialismo instintivo. O artificial e o transitório de todas as superestruturas sociais tornam-se visíveis.

JENNY — Peguei um filho deste valentão.

MAC — Mas com prazer eu lhe servia de colchão

JENNY — Para não esmagar no ventre a criancinha

MAC — E que se foi pro brejo ainda bem novinha.
Foi num bordel de fina freguesia,
Onde fixamos nossa moradia.

Dança. Mac pega a bengala, ela lhe dá o chapéu e, enquanto ele dança, Smith pousa a mão no seu ombro.

SMITH — Tudo bem. Por aqui, por favor.

MAC — Então, essa espelunca continua só com uma saída?

Smith quer algemar Macheath, mas Mac dá-lhe um soco no peito; enquanto Smith cambaleia, Mac salta pela janela. Do lado de fora encontram-se a senhora Peachum e policiais.

MAC *sereno, com muita cortesia* — Boa noite, distinta senhora.

SENHORA PEACHUM — Meu caro senhor Macheath. Meu marido costuma dizer que os maiores heróis da história universal caíram por causa deste pequeno deslize.

MAC — Se me permite a pergunta: como está seu esposo?

SENHORA PEACHUM — Melhor. Infelizmente, o senhor terá que se despedir agora dessas encantadoras damas. Policial, aqui por favor, conduza este senhor ao seu novo lar. *Levam-no preso. A senhora Peachum falando pela janela:* Minhas senhoras, se quiserem visitá-lo, o encontrarão sempre em casa, pois aquele senhor, de agora em diante, morará em Old Bailey. Bem que eu sabia que ele estaria vadiando com suas putas. A conta fica comigo. Passar bem, minhas senhoras. *Sai.*

JENNY — Olha só o que aconteceu, Jakob.

JAKOB, *que, absorvido na leitura, não percebeu nada* — Cadê o Mac?

JENNY — Os policiais estiveram aqui.

JAKOB — Porra, e eu aqui lendo, lendo, lendo... Deus do céu! *Sai.*

6

TRAÍDO PELAS PUTAS, MACHEATH É TIRADO DA CADEIA PELO AMOR DE UMA OUTRA MULHER

Prisão em Old Bailey, uma cela.

Entra Brown.

BROWN — Tomara que meu pessoal não consiga agarrá-lo! Meu Deus, quem dera que ele já estivesse além do pântano de Highgate, pensando no seu Jackie. Mas ele é tão descuidado, como todos os grandes homens. Se o trouxessem agora, preso, e ele me olhasse com aqueles olhos de cão fiel, aí eu não agüentaria. Graças a Deus que é noite de lua. Se ele agora estiver cavalgando sobre o pântano, pelo menos não se perderá. *Ruído no fundo.* Que é isso? Oh, meu Deus, estão trazendo ele.

MAC, *amarrado com cordas grossas e escoltado por seis policiais, entra com altivez* — Bem, seus bundas-moles, graças a Deus retornamos agora a nossa velha mansão. *Percebe Brown, que se refugia no canto extremo da cela.*

BROWN, *depois de uma longa pausa, sob o terrível olhar do seu antigo amigo* — Ah, Mac, não fui eu... fiz tudo o que... não me olhe assim, Mac... não agüento... Esse teu silêncio também me apavora. *Grita para um policial:* Ei, seu porco, precisa arrastá-lo ainda com essa corda?... Diz alguma coisa, Mac. Diz alguma coisa para o seu pobre Jackie... Uma palavra só para... *Recosta a cabeça na parede e chora.* Ele não me acha digno sequer de uma palavra. *Sai.*

MAC — Asqueroso, esse Brown. A má consciência em pessoa. Quem diria que um cara assim é o supremo chefe de polícia! Foi bom não ter gritado com ele. Até cheguei a pensar nisso. Mas aí, na hora H, achei que um olhar profundo e punidor o abalaria muito mais. Bateu em cheio. Foi só olhar e ele se desmanchou em lágrimas. Esse truque, eu tirei da Bíblia.

Smith entra com as algemas.

MAC — Como é, seu guarda? Então são estas as mais pesadas que vocês têm? Com todo respeito, eu pediria um par mais confortável. *Saca seu talão de cheques.*

SMITH — Bem, senhor Capitão, aqui nós temos para todos os preços. Só depende de quanto o senhor pensa gastar. De um a dez guinéus.

MAC — E nenhuma? Quanto custa?

SMITH — Cinqüenta.

MAC *preenche um cheque* — Mas o pior é que todo mundo vai ficar sabendo dessa história com a Lucy. Se contarem para o Brown que, por trás de suas costas amigáveis, andei aprontando com a filha dele, aí sim é que ele vira um tigre.

SMITH — É, quem faz sua cama, nela se deita.

MAC — Com certeza, aquela vagabunda já está esperando lá fora. Que belos dias até a execução!

Julgai, senhores, isso lá é vida?
Não acho graça onde não a tem.
Já cedo aprendi a lição devida:
Só na fartura é que se vive bem.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

BALADA DA BOA VIDA [9]

1

Louvam a vida de uns ilustres seres,
Cuja barriga sempre está vazia,
Que moram em choupana pobre e fria.
Poupem-me, por favor, destes prazeres!
A vida assim, deixo pra quem quiser.
Eu não comungo desta fantasia:
Nenhuma ave disso viveria
Um dia só, vocês me podem crer!
E a liberdade — servirá a quem?
Só na fartura é que se vive bem.

2

Aventureiros de arrojado porte,
Conscientes da centelha que os invade,
Ansiosos, correm a dizer verdade
Pra que os burgueses leiam algo forte.
No inverno, batem dentes com a esposa,
Deitados numa cama fria e dura,
Prevendo na evolução futura,
O ano 5000 em nada rosa.
Eu que pergunto: isto é bom pra quem?
Só na fartura é que se vive bem.

---

[9] Essa balada, como também outras da *Ópera de três vinténs,* contém algumas linhas de François Villon, na tradução de K. L. Ammer. Vale a pena o ator folhear a tradução de Ammer para que ele veja a diferença entre uma balada para ser cantada e uma balada para ser lida.*

* São elas: *A balada do cafetão, A balada da boa vida, A canção de Salomão, A balada na qual Macheath pede desculpas a todos* e o *Clamor da tumba.* A canção de Polly, *Tudo era belo então,* tem como modelo quatro linhas de um poema de Kipling. (Nota de Elisabeth Hauptmann.)

3

Seria nobre minha existência,
Se eu tivesse tais conceitos antes;
Olhei de perto seres semelhantes
E vi: não são da minha preferência.
Pobreza é sábia, mas também ingrata,
Coragem, fama — valem uma figa!
É insensato quem para elas liga.
Melhor é ter o sangue de barata.
Felicidade é para quem tem,
Só na fartura é que se vive bem!

Entra Lucy.

Lucy — Seu patife ordinário, como é que você ainda tem coragem de olhar para mim depois de tudo o que houve entre nós?

Mac — Lucy, então você não tem coração? Vendo o teu homem numa situação dessas.

Lucy — Meu homem? Seu monstro! Você acha então que eu não sei nada dessa história com a senhorita Peachum! Eu devia era arrancar seus olhos!

Mac — Honestamente, Lucy, será possível que você seja tão insensata a ponto de ter ciúmes de Polly?

Lucy — E você não está casado com ela, seu animal?

Mac — Casado! Esta é boa! Eu freqüento a casa. Falo com ela. Às vezes até lhe dou uma espécie de beijinho, e agora essa cretina anda espalhando por aí que está casada comigo. Minha querida Lucy, estou disposto a tudo para que você fique tranqüila, e se você acha que isso só depende de um casamento comigo — tudo bem. O que mais um cavalheiro poderia dizer? Não pode dizer mais nada!

Lucy — Oh, Mac, eu queria apenas ser uma mulher decente.

Mac — Se você acha que só conseguirá isso casando-se comigo — tudo bem. O que mais um cavalheiro poderia dizer? Não pode dizer mais nada! *Entra Polly.*

Polly — Onde está meu marido? Oh, Mac, até que enfim. Não vire o rosto, você não precisa sentir vergonha de mim. Afinal, sou tua esposa.

Lucy — Ah, seu patife ordinário.

Polly — Oh, Mackie na cadeia. Por que você não fugiu pelo pântano de Highgate? Você me disse que não visitaria mais aquelas mulheres. Eu sabia o que elas iam te aprontar, mas não te disse nada porque acreditei em você. Mac, eu continuo do seu lado, até a morte. — Nenhuma palavra, Mac? Nenhum olhar? Oh, Mac, pensa bem como a tua Polly sofre vendo você assim.

Lucy — Ah, mas que vagabunda.

Polly — O que é isso, Mac? Quem é essa mulher? Ao menos diga a ela quem eu sou. Por favor, diga a ela que eu sou tua esposa. Não sou tua esposa? Olha para mim, não sou mesmo tua esposa?

Lucy — Seu velhaco traidor, então você tem duas mulheres, seu desgraçado?

Polly — Diga, Mac, eu não sou tua esposa? Não fiz tudo por você? Subi pura ao altar, você sabe disso. E você também me passou a chefia do bando e eu fiz tudinho como combinamos, e o Jakob até me pediu que...

Mac — Se vocês duas pudessem calar o bico por apenas dois minutos, tudo se esclareceria.

Lucy — Não vou calar bico nenhum. Não agüento mais. Quem tem sangue nas veias, não pode agüentar uma coisa dessas.

Polly — Ora, minha filha, é evidente que a esposa...

Lucy — A esposa!!

Polly — ...a esposa, naturalmente, tem uma certa precedência. Sinto muito, minha filha, pelo menos em público. Qualquer um acaba maluco com tanta confusão.

LUCY — Confusão! Esta é boa! É isso o que você foi arranjar? Essa titiquinha? Grande conquista, a sua! Então é ela a tua beldade do Soho?

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

DUETO DO CIÚME

1

LUCY — Venha cá, oh bela do Soho!
Quero ver suas pernas formosas!
Eu adoro ver coisas tão finas,
Que não acho em outras meninas!
Dizem que por você meu Mac perde a cabeça!
POLLY — Dizem mesmo? Dizem mesmo?
LUCY — Isso é mesmo muito engraçado!
POLLY — É mesmo? É mesmo?
LUCY — Era só o que me faltava.
POLLY — Era só o que te faltava?
LUCY — Que Mac te desse uma cantada.
POLLY — Que Mac me desse uma cantada?
LUCY — Há, há, há, ninguém te liga,
Seu bagulho de uma figa!
POLLY — Espere só e verá.
LUCY — Espere só e verá.
AMBAS — Mackie e eu vivemos quais pombinhos,
Ninguém vai me roubar os seus carinhos.
Não acredito nessa,
Que ele perca a cabeça
Por um bagulho desses!
É ridículo!

2

POLLY — Sim, sou a bela do Soho,
Dizem que tenho pernas formosas!
LUCY — Serão estas?
POLLY — Uns adoram ver coisas tão finas
Que não acham nas outras meninas!
LUCY — Sua merda!
POLLY — Merda é você!
Sim, por mim meu homem já perdeu a cabeça!
LUCY — Já perdeu? Já perdeu?
POLLY — Isso é mesmo muito engraçado!
LUCY — É mesmo? É mesmo?
POLLY — Era só o que me faltava.
LUCY — Era só o que te faltava?
POLLY — Que ele não me ligasse.
LUCY — Que ele não te ligasse?
POLLY *ao público* — Vocês acham que ninguém me liga:
Eu, bagulho de uma figa?
LUCY — Espere só e verá.
POLLY — Espere só e verá.
AMBAS — Mackie e eu vivemos quais pombinhos,
Ninguém vai me roubar os seus carinhos.
Não acredito nessa,
Que ele perca a cabeça
Por um bagulho desses!
É ridículo!

MAC — Tudo bem, querida Lucy, fique tranqüila, ouviu? Isso não passa de um truque da Polly. O que ela quer é nos ver separados. Eu vou ser enforcado e ela adoraria desfilar por aí como minha viúva. Realmente, Polly, este não é o momento adequado.

Polly — Como? Você tem coragem de me renegar?

Mac — E você tem coragem de continuar me azucrinando com este papo de que estou casado? Por que piorar a minha desgraça, Polly? *Abana a cabeça recriminando.* Polly! Polly!

Lucy — Realmente, senhorita Peachum, a senhora assim só se expõe. Além do mais, é uma monstruosidade da sua parte aborrecer tanto um cavalheiro numa situação dessas!

Polly — A mais simples norma de boa educação, que, a meu ver, a prezada senhorita deveria aprender, diz que, na presença de sua esposa, um homem deve ser tratado com um pouco mais de discrição.

Mac — Honestamente, Polly, você está indo longe demais.

Lucy — E se a prezada dama pretende criar caso aqui na prisão, serei obrigada a chamar o guarda para que ele lhe mostre onde fica a porta. Sinto muito, distinta senhorita.

Polly — Senhora! Senhora! Senhora! Permita-me dizer-lhe mais uma coisa: esses ares que a prezada senhorita se dá caem-lhe muito mal. É o meu dever estar ao lado do meu esposo.

Lucy — O que é isso? Que é que você está dizendo? Ah, ela não quer ir embora! Ela fica aí, nós a expulsamos e ela não se manda. Será que devo falar mais claro?

Polly — Sua... ou você fecha agora essa latrina, seu trapo, ou lhe encho a cara de sopapo, prezada senhorita!

Lucy — Fora daqui, sua lambisgóia! Com você tem que ser mesmo no grito, já que com delicadeza não dá.

Polly — Estou vendo a tua delicadeza! Olha, a minha dignidade não me permite. Não vou me rebaixar até você... de jeito nenhum. *Ela chora.*

Lucy — Olha aqui para a minha barriga, sua vagabunda! Pensa que foi o Espírito Santo? Você ainda não sacou?

Polly — Então é isso! Você está prenha! E ainda se gaba disso? — Não deixasse ele montar, sua moça fina.

Mac — Polly!

Polly *chorando* — Realmente é demais. Mac, isto não podia ter acontecido. Já não sei mais o que fazer.

Entra a senhora Peachum.

Senhora Peachum — Eu sabia que ela estava com o seu patife. Passa já para cá, sua vagabunda. Quando teu patife for enforcado, você pode se enforcar junto. Olha o que você faz sua venerável mãe passar, tendo que tirá-la da prisão. E ele tem logo duas consigo — este Nero!

Polly — Me deixa, mamãe, por favor. Você não sabe...

Senhora Peachum — Já para casa.

Lucy — Está vendo? Sua mamãe tem que lhe dizer como se comportar.

Senhora Peachum — Rápido!

Polly — Já vou. Só preciso ainda... Preciso ainda dizer-lhe mais uma coisa... Realmente... Sabe, é muito importante.

Senhora Peachum *dá-lhe um bofete* — Pronto, isto também é importante. Rápido!

Polly — Oh, Mac! *É arrastada para fora.*

Mac — Lucy, você esteve maravilhosa. Bem, claro que fiquei com pena dela; foi por isso que não tratei a vadia como ela merece. Você bem que chegou a pensar que era verdade o que ela dizia. Não estou certo?

Lucy — É, pensei mesmo, amorzão.

Mac — Ora, se fosse verdade, nunca que a mãe dela teria me colocado nesta enrascada. Você ouviu como ela baixou o pau em mim? Só um sedutor seria tratado assim por uma mãe; um genro, jamais.

Lucy — Você não sabe como eu fico feliz de ouvir você falar assim, do fundo do seu coração. Eu te amo tanto,

tanto, que quase te preferia ver na forca do que nos braços de outra. Isto não é engraçado?

Mac — Lucy, minha vida está nas suas mãos.

Lucy — É maravilhoso ouvir você dizer isso. Diz outra vez.

Mac — Lucy, minha vida está nas suas mãos.

Lucy — Deixa eu fugir com você, meu amor?

Mac — Bem, você sabe, se fugirmos juntos vai ser muito difícil a gente se esconder. Assim que eles pararem com a caçada, mandarei buscar você, o mais rápido possível, pode crer.

Lucy — O que posso fazer para te ajudar?

Mac — Traz o chapéu e a bengala!

Lucy volta com o chapéu e a bengala e os joga para dentro da cela.

Mac — Lucy, o fruto de nosso amor que geras sob o teu coração nos unirá por toda a eternidade.

Lucy sai.

Smith *aparece, entra na cela e diz a Mac* — Faça o favor de passar a bengala para cá.

Smith persegue Mac com uma cadeira e uma barra de ferro. Esta caçada dura algum tempo até que Mac consegue saltar sobre as grades. Os policiais saem correndo atrás dele. Brown atrás da cena.

Brown (*voz*) — Olá, Mac! — Mac, por favor, responda, sou eu, Jackie. Mac, por favor, não faz assim, responda, não agüento mais. *Entra.* Mackie! Mas o que é isto? Ele se foi! Graças a Deus. *Senta-se no catre.*

Entra Peachum.

Peachum *a Smith* — Meu nome é Peachum. Vim pegar as quarenta libras prometidas em troca da prisão do bandido Macheath. *Vai até a cela.* Ei! Senhor Macheath? *Brown cala.* Ah, é assim! Então, o outro cavalheiro foi dar uma voltinha? Ora, a gente aparece aqui para visitar um criminoso e quem está sentado aí: o senhor Brown! Brown-o-tigre está sentado aí, e seu amigo Macheath não está sentado aí.

Brown *queixando-se* — Oh, senhor Peachum, não é minha culpa.

Peachum — Claro que não, de jeito nenhum, jamais o senhor mesmo iria... caso contrário, o senhor se poria numa tal situação... impossível, Brown.

Brown — Senhor Peachum, eu não sei mais o que fazer.

Peachum — Acredito. O senhor tem mesmo que estar se sentindo péssimo.

Brown — É, este sentimento de impotência é que paralisa a gente. Esses caras fazem mesmo o que querem. É horrível, horrível.

Peachum — O senhor não quer se deitar um pouco? É só fechar os olhos e fazer como se nada tivesse acontecido. Imagine que está num belo prado verde com nuvenzinhas no céu, e o mais importante, que o senhor tira da cabeça essas coisas horríveis. As que já passaram e, principalmente, as que ainda virão.

Brown *intranqüilo* — O que é que o senhor quer dizer com isso?

Peachum — O senhor está reagindo maravilhosamente. Eu, na sua situação, eu desmoronaria, iria para a cama e tomaria chá quente. E, sobretudo, cuidaria que alguém me passasse alguma mão na cabeça.

Brown — Com os diabos, eu não tenho culpa se o cara fugiu. Neste caso, a polícia não pode fazer nada.

Peachum — Como neste caso a polícia não pode fazer nada? O senhor acha então que não veremos mais o senhor Macheath aqui? *Brown dá de ombros.* Neste caso o senhor será vítima de uma horrível injustiça. Claro que agora as pessoas vão dizer que a polícia não deveria tê-lo deixado escapar. É, eu ainda não vejo o brilhante cortejo da coroação.

Brown — O que quer dizer com isso?

Peachum — Permita-me lembrar-lhe um incidente histórico que, embora na sua época, isto é, no ano 1400 antes de Cristo, tenha causado grande sensação, hoje em dia o grande público desconhece. Quando o faraó egípcio Ramsés II morreu, o chefe de polícia de Nínive, quer dizer, do Cairo, cometeu umas pequenas arbitrariedades contra as camadas mais baixas da população. Já naquela época, as conseqüências foram terríveis. De acordo com os manuais de história, o cortejo da coroação da sucessora ao trono, Semíramis, acabou se transformando numa "seqüência de catástrofes por causa da participação um tanto animada das camadas mais baixas da população". Os historiadores falam com horror da maneira terrível como Semíramis tratou seu chefe de polícia. Eu não me lembro dos detalhes, mas mencionaram-se as cobras que ela o fez amamentar.

Brown — É mesmo?

Peachum — O Senhor esteja convosco, Brown. *Sai.*

Brown — Agora, só um golpe de força pode ajudar. Sargentos, reunião, alarme!

Cortina. Macheath e Jenny-Espelunca se colocam diante da cortina e cantam sob a iluminação para canção.

SEGUNDO FINAL DE TRÊS VINTÉNS

POIS DE QUE VIVE O HOMEM?

1

Mac — Como viver sem crime e sem briga,
Nos dai, senhores, nobre ensinamento;
Porém, enchei-nos, antes, a barriga,
Depois falai, é este o seguimento.
Prezai a vossa pança e a nossa lida,
Porém, sabei a regra universal,
Torcei, virai, mas eis a lei da vida:
Primeiro, o pão, mais tarde, a moral.
Que a gente pobre aprenda a simples arte
De abocanhar do bolo a sua parte.

Voz *atrás do palco* — Pois de que vive o homem?

Mac — Pois de que vive o homem? Tão-somente
De maltratar, morder, matar como um animal insano,
E tendo esquecido inteiramente
De que ele próprio é um ser humano.

Coro — Não vos deixeis, senhores, iludir:
O homem vive só de destruir!

2

Jenny — A que a moral uma mulher obriga,
Nos dai, senhores, nobre ensinamento.
Porém, enchei-nos, antes, a barriga,
Depois falai, é este o seguimento.
A nós, pudor, a vós, luxúria atrevida.
Porém, sabei a regra universal,
Torcei, virai, mas eis a lei da vida:
Primeiro, o pão, mais tarde, a moral.
Que a gente pobre aprenda a simples arte
De abocanhar do bolo a sua parte.

VOZ *atrás do palco* — Pois de que vive o homem?

JENNY — Pois de que vive o homem? Tão-somente
De maltratar, morder, matar como um animal insano,
E tendo esquecido inteiramente
De que ele próprio é um ser humano.

CORO — Não vos deixeis, senhores, iludir:
O homem vive só de destruir!

TERCEIRO ATO

7

NA MESMA NOITE, PEACHUM SE PREPARA PARA UMA AÇÃO. ELE ESTÁ DECIDIDO A PERTURBAR O CORTEJO DA COROAÇÃO COM UMA MANIFESTAÇÃO DA MISÉRIA

Rouparia para mendigos de Peachum.

Os mendigos estão escrevendo cartazes onde se lêem frases como "Dei meu olho ao rei", e assim por diante.

PEACHUM — Meus senhores, neste momento, em nossas onze filiais, de Drury Lane até Turnbridge, 1432 cavalheiros estão trabalhando como vocês em cartazes semelhantes para participar da coroação de nossa rainha.

SENHORA PEACHUM — Vamos! Trabalhando! Quem não quer trabalhar, não pode mendigar. Como é que você pretende ser um cego se nem sabe fazer um R como deve? Ei, não escreva como velho, isso tem que parecer letra de criança.

Rufar de tambores.

MENDIGO — Agora, a guarda da coroação está se colocando em formação, também eles ainda não fazem idéia de que hoje, no dia mais belo de suas vidas militares, vão ter trabalho com a gente.

FILCH *entra avisando* — Senhora Peachum, está vindo aí uma dúzia de galinhas pernoitadas. Elas afirmam que aqui tem dinheiro para elas.

Entram as putas.

JENNY — Distinta senhora. . .

SENHORA PEACHUM — Ora, mas vocês estão com uma cara de galinha que caiu do poleiro. Vieram buscar a recompensa pelo seu Macheath, não é mesmo? Pois fiquem sabendo que não receberão nada, entenderam?, absolutamente nada.

JENNY — O que devemos entender por isso, distinta senhora?

SENHORA PEACHUM — Invadir o meu ninho no meio da noite! Entrar numa casa de família às três da madrugada! Vocês deviam era ir descansar de seu batente. Estão todas com cara de leite vomitado.

JENNY — Quer dizer, então, distinta senhora, que não receberemos nossos honorários contratados pela prisão do senhor Macheath?

SENHORA PEACHUM — Exatamente, uma merda para vocês, que salário de Judas, coisa nenhuma.

JENNY — E por quê, distinta senhora?

SENHORA PEACHUM — Porque o digníssimo senhor Macheath bateu de novo as asas e voou. Por isso. E agora, caras damas, para fora da minha requintada loja.

JENNY — Ora, mas isto é o cúmulo. Não faça isso com a gente, não! Estou lhe avisando. Com a gente, não!

SENHORA PEACHUM — Filch, as damas desejam ser acompanhadas até a porta.

Filch caminha até elas, Jenny o empurra.

JENNY — Gostaria de pedir à senhora que fechasse essa latrina, senão poderia acontecer que...

Entra Peachum.

PEACHUM — O que é que está havendo? Espero que você não tenha dado dinheiro a elas. Então, como é que é, minhas senhoras? O senhor Macheath está ou não está na prisão?

JENNY — Vê se o senhor não me enche mais o saco com essa sua idéia fixa no Macheath. O senhor não chega nem aos pés dele. Até tive que dispensar um freguês, esta noite, de tanto que fiquei chorando no travesseiro, só de pensar que vendi este cavalheiro ao senhor. É, minhas amigas, e o que vocês acham que aconteceu hoje de madrugada? Não faz nem uma hora, eu acabara de adormecer de tanto chorar, quando assobiaram, e na rua estava justamente este senhor por quem eu chorara, pedindo que eu lhe jogasse a chave. Nos meus braços, queria me fazer esquecer a desgraça que lhe causei. É ele o último cavalheiro de Londres, minhas senhoras. E se a nossa colega Suky Tawdry não nos acompanhou até aqui é porque ele, depois que me deixou, foi ainda à casa dela para consolá-la também.

PEACHUM *para si* — Suky Tawdry...

JENNY — Bem, agora o senhor sabe que não chega nem aos pés dele. Seu delator infame.

PEACHUM — Filch, vai correndo até o próximo posto de polícia. O senhor Macheath está na casa da senhorita Suky Tawdry. *Filch sai.* Mas, minhas senhoras, para que brigarmos? É claro que o dinheiro será pago. Querida Célia, por que é que você, ao invés de ficar aí insultando as senhoras, não lhes prepara um café?

SENHORA PEACHUM *saindo* — Suky Tawdry! *Canta a terceira estrofe da "Balada da servidão sexual":*

Para a forca corre a sua estrada,
Já a cal, para caiá-lo, está comprada!
Por um cabelo pende sua vida,
Mas continua a mente atrevida!
Perto do fim ainda ergue-se o animal:
É esta a servidão sexual.
    Um Judas feminino o despachou.
    Até que, finalmente, ele viu:
    Buraco da mulher se lhe tornou
    Em tal buraco que o coveiro abriu.
    Mas mesmo assim, com todo este azar,
    Seu esporte favorito é trepar.

PEACHUM — Vamos, vamos! Vocês simplesmente acabariam nas cloacas de Turnbridge se, em minhas noites insones, eu não tivesse descoberto um meio de cavar alguns vinténs da sua pobreza. Descobri que os donos do mundo são capazes de provocar a miséria, mas ver a miséria, isto eles não suportam. Porque eles são covardes e imbecis, exatamente como vocês. Mesmo tendo com que se empanturrar até o fim de seus dias e podendo besuntar o chão de suas casas com manteiga, a ponto de até as migalhas caídas de suas mesas ficarem engorduradas, eles não agüentam ver com indiferença um homem desmaiando de fome; só que ele vai ter que desmaiar na porta deles.

Entra a senhora Peachum trazendo uma bandeja com xícaras de café.

SENHORA PEACHUM — Amanhã, vocês podem passar aqui na loja e pegar seu dinheiro, mas só depois da coroação.

JENNY — Senhora Peachum, não tenho palavras.

PEACHUM — Atenção, todos, daqui a uma hora nós nos reuniremos em frente ao palácio de Buckingham. Vamos!

Os mendigos alinham-se.

FILCH *entra correndo* — Os tiras! Nem deu para eu chegar até a delegacia. A polícia já está vindo aí!

PEACHUM — Escondam-se! *À senhora Peachum:* Chama o pessoal da banda, rápido. E quando você me ouvir dizer inofensivo, entendeu?, i-no-fen-si-vo...

SENHORA PEACHUM — Inofensivo? Não entendi nada.

PEACHUM — É claro que você não entendeu nada. Bem, quando eu disser i-no-fen-si-vo... *Batem à porta.* Graças a Deus, a deixa é esta, i-no-fen-si-vo, e aí vocês atacam com uma música qualquer. Rápido!

A senhora Peachum sai com os mendigos. Os mendigos, menos a moça com o cartaz "Vítima da arbitrariedade militar", vão para o fundo com suas coisas e se escondem à direita atrás do cabide. Entram Brown e policiais.

BROWN — Bem, o negócio agora é sério, senhor amigo dos mendigos. Smith, algema nele! Ah, temos aqui alguns dos graciosos cartazes. *À moça:* "Vítima da arbitrariedade militar" — é você?

PEACHUM — Bom dia, Brown, bom dia, dormiu bem?

BROWN — O quê?

PEACHUM — Bom dia, Brown.

BROWN — Ele está falando comigo? Ele conhece um de vocês? Acho que ainda não tive o prazer de conhecê-lo.

PEACHUM — Ah, não? Bom dia, Brown.

BROWN — Arranquem o chapéu da cabeça dele.

Smith cumpre a ordem.

PEACHUM — Pois é, Brown, já que o senhor está passando por aqui, estou dizendo passando, Brown, quero aproveitar a oportunidade para lhe pedir que ponha, finalmente, na cadeia um certo Macheath.

BROWN — O homem enlouqueceu. Não ria, Smith. Me diga uma coisa, Smith. Como é possível que este criminoso notório ainda circule livre por Londres?

PEACHUM — Porque ele é seu amigo, Brown.

BROWN — Ele quem?

PEACHUM — Mac Navalha. Eu não. Por acaso eu sou algum criminoso? Sou é um homem pobre, Brown. A mim o senhor não pode destratar. Brown, vejo que o senhor está a um passo da pior hora de sua vida; quer um café? *Às putas:* Meninas, ofereçam um gole de café ao senhor chefe de polícia, anda, sejam educadas! Por que não viver em harmonia? Nós todos obedecemos a lei! A lei foi feita única e exclusivamente para explorar aqueles que não a entendem ou que, por pura necessidade, não podem cumpri-la. E quem quiser receber sua parte nessa exploração tem que agir rigorosamente dentro da lei.

BROWN — Então, o senhor quer dizer que os nossos juízes são corruptos!

PEACHUM — Pelo contrário, senhor, pelo contrário! Nossos juízes são absolutamente incorruptíveis: e não há dinheiro no mundo que os corrompa a ponto de fazerem valer a justiça.

Segundo rufar de tambores.

PEACHUM — Saída da guarda para formar alas. Os mais pobres dentre os pobres sairão meia hora depois.

BROWN — É isso mesmo, senhor Peachum. Os mais pobres sairão meia hora depois diretamente para a prisão de Old Bailey, onde passarão o inverno. *Aos policiais:* Muito bem, rapazes, comecem a catar o que tiver por aí. Toda a patriotada que vocês acharem. *Aos mendigos:* Alguma vez já ouviram falar de Brown-o-tigre? É que esta noite, Peachum, encontrei a solução e devo dizer que salvei um amigo da morte certa. E agora vou dar uma geral neste seu covil. E prenderei todo mundo por... é, por que será mesmo? Por mendicância! Pois foi o senhor que insinuou que aproveitaria o dia de hoje para jogar os mendigos contra mim e a rainha. Estes mendigos vão comigo! A gente sempre aprende.

PEACHUM — Tudo bem, mas... que mendigos?

BROWN — Ora, estes estropiados aí. Smith, os senhores patriotas vão conosco.

PEACHUM — Brown, estou aqui para impedir que o senhor se precipite; graças a Deus o senhor veio falar comigo a tempo... Ora, é claro que o senhor pode prender esta meia dúzia de coitados, mas é todo mundo inofensivo, inofensivo...

Música introduzindo alguns compassos da "Canção da ineficácia".

BROWN — Mas o que é isso?

PEACHUM — Música. Eles fazem o que podem. A canção da ineficácia. O senhor não conhece? Pois pode aprender.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

CANÇÃO DA INEFICÁCIA DO EMPENHO HUMANO

1

Quem vive da cabeça
De lucros não transborda.
Tenta: que da cabeça
Só um piolho engorda.
    Pois que nesta vida
    O espertalhão não tem vez:
    Nunca é percebida
    Manha e malvadez.

2

Faça um grande projeto
Seja a luz brilhante,
Faça um outro projeto —
Ambos não vão avante.
    Pois que nesta vida
    O charlatão não tem vez:
    Só na dura lida
    Achas altivez.

3

Corra atrás da sorte,
Mas não corra demais;

Todos correm atrás da sorte
E a sorte — sempre mais.
Pois que nesta vida
O sôfrego não tem vez:
A gana desmedida
Leva ao xadrez.

PEACHUM — Seu plano, Brown, era genial, mas inviável. O senhor aqui só prenderia alguns jovenzinhos que estão festejando a coroação de sua rainha com um baile a fantasia. Espera só chegarem os verdadeiros miseráveis — aqui não há nenhum — e o senhor verá, serão milhares. Aí está: vocês esqueceram o espantoso número de pobres. Imagine-os só na porta da igreja, não é uma visão nada festiva. O aspecto deles não agrada mesmo. Sabe o que é erisipela, Brown? Imagine agora 120 caras erisipelosas! A jovem rainha deveria estar entre rosas e não entre pessoas erisipelosas. E depois aqueles mutilados no portal da igreja. Olha, vamos evitar isso, Brown. O senhor pensará talvez que a polícia conseguirá nos conter, a nós pobres coitados. Engano seu. Já pensou no espetáculo de seiscentos pobres aleijados, derrubados pela violência dos cassetetes durante a coroação? Seria muito feio. Nojento mesmo. É de dar náuseas. Só de pensar nisso, já me sinto mal, Brown. Uma cadeirinha, por favor.

BROWN *a Smith* — Isto é uma ameaça, seu... Isto é uma chantagem. E não se pode fazer nada contra o homem; pelo bem da ordem pública, não se pode fazer absolutamente nada contra o homem. Nunca se viu uma coisa dessas.

PEACHUM — Mas agora se vê. Escute o que vou lhe dizer: quanto à rainha da Inglaterra, o senhor pode se comportar como quiser. Mas não pise no pé do homem mais pobre de Londres, senão será deschefiado, senhor chefe de polícia.

BROWN — Bem, então devo prender Mac Navalha? Prender? É fácil falar. Mas antes de prender o homem é preciso pôr as mãos nele.

PEACHUM — Se é o senhor que está dizendo, quem sou eu para contradizer? Então, eu mesmo vou cuidar do homem; veremos se ainda há moral neste país. Jenny, onde é que está o senhor Macheath?

JENNY — Na casa de Suky Tawdry, Oxford Street, 21.

BROWN — Smith, vá imediatamente à casa de Suky Tawdry na Oxford Street, 21, prenda Macheath e leve-o para Old Bailey. Enquanto isso, vou pôr meu uniforme de gala. Num dia como este, tenho que pôr meu uniforme de gala.

PEACHUM — Brown, se ele não for enforcado até as seis...

BROWN — Oh, Mac, não teve jeito mesmo.

Sai com os policiais.

PEACHUM *gritando atrás dele* — Aprendeu, hein, Brown?

Terceiro rufar de tambores.

PEACHUM — Terceiro rufar de tambores. Reformulação do plano de marcha. Nova direção: os cárceres de Old Bailey. Em frente!

Os mendigos saem.

PEACHUM *canta a quarta estrofe da "Canção da Ineficácia":*

Se o homem não quer nada,
Dá-lhe uma paulada;
Curtindo-lhe o couro
Aprende a valer ouro.

Pois que nesta vida
O bom moço não tem vez:
Com a lição devida
Vem a sensatez.

Cortina. Jenny aparece diante da cortina com um realejo e canta a

CANÇÃO DE SALOMÃO

1

Foi grande o sábio Salomão,
Mas triste seu destino!
No fim da vida percebeu:
Maldita a hora em que nasceu
E o mundo que é cretino.
Foi grande o sábio Salomão!
E antes de findar-se o dia,
Soube-se a razão:
Nefasta é a sabedoria,
Livrar-se dela é a salvação!

2

Formosa foi Cleópatra,
Mas triste seu destino!
Arruinou dois imperadores,
E no final do desatino
Morreu de seus amores.
Babel também foi bela em vão!
E antes de findar-se o dia,
Soube-se a razão:
Beleza só problemas cria,
Livrar-se dela é a salvação!

3

E César corajoso foi,
Mas triste seu destino!
Pensava que era onipotente,
Igual a um ser divino
Reinando, mas infelizmente
Foi morto por traição.
E antes de findar-se o dia,
Soube-se a razão:
Coragem traz desarmonia,
Livrar-se dela é a salvação!

4

Vocês conhecem Bertolt Brecht,
Sedento de saber!
Ele indagava, de onde vêm
Os bens dos ricos. Podem crer,
Isto não lhes convém!
Perdeu a casa e o chão.
E antes de findar-se o dia,
Soube-se a razão:
Curiosidade desafia,
Livrar-se dela é a salvação!

5

E vejam o Navalha aqui,
Já prestes a morrer!
A vida estando por um fio,
Acaba-se o prazer.
Bandido foi, e foi vadio
De louco coração!
E antes de findar-se o dia,
Soube-se a razão:
Tesão demais má sorte cria,
Livrar-se dele é a salvação!

8

LUTA PELA POSSE [10]

Aposento feminino em Old Bailey.

Lucy.

SMITH *entra* — Distinta senhorita, a senhora Polly Macheath deseja falar-lhe.

LUCY — Senhora Macheath? Faça-a entrar.

Entra Polly.

POLLY — Bom dia, distinta senhora. Distinta senhora, bom dia!

LUCY — Por favor, o que deseja?

POLLY — A senhora me reconhece?

LUCY — Claro que a conheço.

POLLY — Estou vindo para lhe pedir desculpas pelo meu comportamento de ontem.

LUCY — Interessante.

POLLY — Na verdade não há desculpa para o meu comportamento de ontem, a não ser minha própria desgraça.

LUCY — Está bem.

POLLY — Distinta senhora, a senhora tem que me desculpar. Ontem, o comportamento do senhor Macheath me deixou muito irritada. Realmente, ele não podia ter nos colocado numa situação como aquela, não é mesmo? A senhora bem que deveria dizer isto a ele quando o vir.

LUCY — Eu... eu... não o verei.

POLLY — A senhora o verá, sim.

LUCY — Eu não o verei.

POLLY — Como assim?

---

[10] Esta cena é especialmente para aquelas atrizes que, fazendo o papel de Polly, possuem talento de comediante.

LUCY — Mas ele a quer muito bem.

POLLY — Que nada, é a senhora que ele ama, estou certa disso.

LUCY — Muito amável.

POLLY — Mas, distinta senhora, o homem sempre tem medo da mulher que o ama demais. É claro, em conseqüência disso, ele menospreza e finalmente evita a mulher. Logo vi que ele estava comprometido com a senhora de uma maneira que naturalmente eu não podia prever.

LUCY — A senhora está falando sério?

POLLY — Claro que estou falando sério, distinta senhora. Sem dúvida! Por favor.

LUCY — Querida senhorita Polly, nós duas o amamos demais.

POLLY — Talvez seja isto. *Pausa.* E agora, distinta senhora, gostaria de lhe explicar como tudo aconteceu. A primeira vez que eu vi o senhor Macheath foi no Hotel do Polvo, há dez dias. Minha mãe estava comigo. Cinco dias depois, ou seja, mais ou menos anteontem, nós nos casamos. Ontem fiquei sabendo que a polícia o procura por vários crimes. E hoje já não sei como vai ser. E com tudo isso, distinta senhora, doze dias atrás, eu nem sequer podia adivinhar que seria capaz de me envolver com um homem.

Pausa.

LUCY — Eu a compreendo, senhorita Peachum.

POLLY — Senhora Macheath.

LUCY — Senhora Macheath.

POLLY — Aliás, nas últimas horas, eu tenho pensado muito sobre este homem. E não é nada fácil. Pois, entenda, fico até com inveja da senhorita pela maneira como ele a tratou outro dia. Quando tive que deixá-lo, se bem que pressionada por mamãe, ele não lamentou nem um pouco. Talvez, no lugar do coração, ele tenha uma pedra. O que acha disso, Lucy?

LUCY — Bem, querida senhorita, eu realmente não sei se o senhor Macheath é o único culpado. Você nunca deveria ter deixado sua classe social, querida senhorita.

POLLY — Senhora Macheath.

LUCY — Senhora Macheath.

POLLY — Tem toda razão — ou pelo menos deveria ter conduzido tudo em termos comerciais, como papai sempre quis.

LUCY — Sem dúvida.

POLLY *chorando* — Mas ele é meu único bem.

LUCY — Minha querida, esta desgraça pode acontecer à mulher mais inteligente do mundo. Ora, legalmente, a senhora é a esposa dele, isto deveria tranqüilizá-la. Não quero mais ver você assim, tão deprimida, minha filha. Posso lhe oferecer uma coisinha?

POLLY — O quê?

LUCY — Algo para comer!

POLLY — Oh, sim, por favor, uma coisinha para comer. *Lucy sai. Polly consigo:* Que peste!

LUCY *volta com café e bolo* — Está bom assim?

POLLY — Não precisava se incomodar tanto, distinta senhora. *Pausa. Elas comem.* Este retrato dele é muito bonito. Quando foi mesmo que ele o trouxe?

LUCY — Como assim, trouxe?

POLLY *inocente* — Quero dizer, quando foi que ele o trouxe para cá?

LUCY — Ele nunca o trouxe.

POLLY — Ele lhe deu o retrato aqui mesmo, no quarto?

LUCY — Ele não esteve aqui no quarto.

POLLY — Ah é? Mas também isto não teria a menor importância, não é mesmo? Realmente, os caminhos do destino são bastante emaranhados.

LUCY — Mas vamos parar com essa conversa mole. O que a senhora quer é espionar.

POLLY — Diga a verdade, a senhora sabe onde ele está.

LUCY — Eu? Mas como? A senhora é que deveria saber.

POLLY — Diga logo onde ele está.

LUCY — Não faço idéia.

POLLY — Então a senhora não sabe onde ele está. Jura?

LUCY — Não, não sei. Então, a senhora mesma também não sabe?

POLLY — Por incrível que pareça, não. *Polly ri e Lucy chora.* Agora que ele tem dois compromissos, ele some.

LUCY — Não agüento mais. Ah, Polly, tudo isto é tão terrível.

POLLY *alegre* — Estou tão feliz! Pelo menos no fim dessa tragédia encontrei uma verdadeira amiga. Posso lhe oferecer mais alguma coisa, mais um pedaço de bolo?

LUCY — Por favor. Ah, Polly, não seja tão amável comigo. Realmente, eu não mereço. Ah, Polly, os homens não prestam.

POLLY — É claro que os homens não prestam, mas o que podemos fazer?

LUCY — Não. Agora, quero pôr tudo a limpo. Polly, você vai ficar muito zangada comigo?

POLLY — Por quê?

LUCY — Ela não é verdadeira.

POLLY — Ela quem?

LUCY — Esta aqui! *Aponta para a barriga.* E tudo isso por causa daquele bandido.

POLLY *ri* — Ah, mas isto é fantástico! Então, era um travesseiro? Você é danada de esperta, hein? Olha, quer ficar com o Mac? Eu te dou ele de presente. Se você o achar, pega ele. *Ouvem-se vozes e passos no corredor.* O que é isto?

LUCY *na janela* — Mackie! Eles o prenderam de novo.

POLLY *desaba* — Agora acabou.

Entra a senhora Peachum.

SENHORA PEACHUM — Ah, Polly, até que enfim te encontrei. Muda a roupa, vão enforcar teu marido. O vestido de luto está aqui comigo. *Polly despe-se e põe o vestido de luto.* Você será uma viúva linda. Vamos, faça uma cara mais alegre.

9

CINCO HORAS DA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA: MAC NAVALHA, QUE ESTEVE OUTRA VEZ COM AS PUTAS, FOI TRAÍDO OUTRA VEZ PELAS PUTAS. AGORA, ELE SERÁ ENFORCADO

Cela dos condenados à morte.

Os sinos de Westminster repicam. Os policiais trazem Macheath algemado para o cárcere.

SMITH — Para dentro com ele. Os sinos de Westminster estão repicando pela primeira vez. Vê se fica em pé direito; não quero nem saber qual é a dessa cara amarrotada. Você deveria se envergonhar. *Aos policiais:* Quando os sinos de Westminster repicarem pela terceira vez, às seis em ponto, ele já deverá estar enforcado. Preparem tudo.

UM POLICIAL — Não eram nem cinco horas e todas as ruas de Newgate já estavam entupidas de todo tipo de gente; agora, então, nem dá para passar.

SMITH — Que estranho; como é que eles ficaram sabendo?

POLICIAL — Se continuar assim, daqui a pouco toda Londres vai ficar sabendo. Aí, as pessoas que iam ver o cortejo da coroação vão aparecer todas aqui. E a rainha terá que desfilar por ruas vazias.

SMITH — Por isso temos que mandar brasa. Se terminarmos tudo às seis, ainda dará tempo de as pessoas pegarem o cortejo da coroação, às sete horas. Mexam-se agora!

MAC — Oi, Smith, que horas são?

SMITH — Você é cego? Cinco e quatro.

MAC — Cinco e quatro.

Mal Smith acaba de fechar a porta da cela por fora, Brown aparece.

BROWN, *de costas para a cela, pergunta a Smith* — Ele está aí dentro?

SMITH — O senhor quer vê-lo?

BROWN — Não, não, não, pelo amor de Deus, faça tudo sozinho. *Sai.*

MAC, *de repente, inicia em voz baixa uma interminável verborragia* — Ora, Smith, não vou dizer nada, nada de suborno, não tenha medo. Sei muito bem. Se o senhor se deixasse subornar, seria, no mínimo, obrigado a deixar o país. É, seria mesmo. Mas aí o senhor teria que ter o bastante para viver despreocupado até o fim de sua vida. Mil libras, que tal? Não diga nada! Daqui a vinte minutos, o senhor ficará sabendo se poderá dispor destas mil libras ainda hoje à tarde. Nada de sentimentos. Saia agora e pense bem. A vida é curta e o dinheiro é pouco. E ainda não faço a menor idéia de como o arranjarei. Mas deixe entrar quem quiser me ver.

SMITH *devagar* — Senhor Macheath, isto é um absurdo. *Sai.*

MAC *canta baixinho e rapidíssimo o "CLAMOR DA TUMBA":*

Ouçam a voz que pede piedade!
Mackie não jaz debaixo da roseira,
Porém na escura tumba, em verdade.
Culpada disso é a sina traiçoeira.
Que Deus do céu lhe envie a mão clemente!

Não há ninguém no mundo que o proteja?
Seus ossos sentem frio de inverno.
Quando morrer, bebam uma cerveja,
Mas tirem-no agora deste inferno,
Terminem seu martírio tão pungente! [11]

Matthias e Jakob aparecem no corredor. Querem ver Macheath e são interpelados por Smith.

Smith — Eh, rapaz, você está parecendo uma sardinha destripada.

Matthias — Desde que o Capitão foi embora, eu é que tenho que emprenhar as nossas damas para que elas se beneficiem do parágrafo da incapacidade! É preciso ser de ferro para manter-se firme neste trabalho. Preciso falar com o Capitão.

Ambos vão até Mac.

Mac — Cinco e vinte e cinco. Vocês não tiveram a mínima pressa.

Jakob — Ora, acontece que a gente... [12]

Mac — Acontece... acontece... Acontece que vou ser enforcado, homem. Não tenho mais tempo para me aborrecer com vocês. Cinco e vinte e oito. Então: quanto é que vocês podem tirar da poupança particular de vocês? Mas tem que ser agora!

Matthias — Da nossa, às cinco da manhã?

Jakob — Já chegamos a esse ponto?

Mac — Quatrocentas libras, pode ser?

Jakob — Sim, mas e nós? Afinal é tudo o que temos.

Mac — Quem vai ser enforcado, vocês ou eu?

Matthias *agitado* — Quem se deita com Suky Tawdry em vez de dar no pé? Quem se deita com Suky Tawdry, nós ou você?

Mac — Cala a boca. Logo eu vou estar deitado é num lugar bem diferente da cama daquela vagabunda. Cinco e meia.

Jakob — Então, Matthias, a gente vai ter que ir nessa mesmo.

Smith — O senhor Brown manda perguntar o que o senhor desejaria como sua... refeição.

Mac — Me deixa em paz. *A Matthias:* Então, quer ou não quer? *A Smith:* Aspargos.

Matthias — Não vem com grito pra cima de mim, não.

Mac — Mas eu não estou gritando com você. É que eu... Então, Matthias, você quer me ver enforcado?

Matthias — É claro que não quero te ver enforcado. Quem disse isso? Mas afinal é tudo o que temos. Quatrocentas libras é mesmo tudo o que temos. Será que a gente não pode mais dizer a verdade?

Mac — Cinco e trinta e oito.

Jakob — Então rapidinho, Matthias, senão não vai adiantar nada.

Matthias — Se é que a gente consegue passar; está tudo entupido. Essa plebe! *Ambos saem.*

Mac — Se vocês não estiverem aqui até cinco minutos antes das seis, não me verão nunca mais. *Grita:* Não me verão nunca mais...

---

[11] Andando em círculo, o ator que fizer o Macheath pode aqui repetir no seu cárcere todas as maneiras de andar que, até então, mostrou ao público. O passo atrevido do sedutor, o passo desanimado do perseguido, o passo altivo, o passo erudito etc. Nesta curta caminhada, ele pode mostrar mais uma vez todas as posturas de Macheath durante estes poucos dias.

[12] Nesta cena o ator de teatro épico não se deixará seduzir pelo empenho de levar ao extremo o medo de Macheath à morte, fazendo dele o clímax dominante de todo o ato, sob pena de frustrar o efeito teatral da representação seguinte, que é a da verdadeira amizade. (A amizade é verdadeira apenas sob a condição de ser limitada. A vitória moral dos dois amigos mais leais do sr. Macheath não se torna absolutamente amesquinhada por aquela derrota moral ocorrida mais tarde, quando, por ocasião da entrega de suas economias para o livramento de seu amigo, eles não se apressam o bastante.)

SMITH — Já foram. E aí, como é que é? *Faz o gesto de quem conta dinheiro.*

MAC — Quatrocentas. *Smith sai dando de ombros. Mac grita atrás dele:* Preciso falar com Brown.

SMITH *chegando com policiais* — Trouxeram a graxa?

POLICIAL — É, mas esta não é da boa.

SMITH — Deixa de onda, isso é coisa que se monta em dez minutos.

POLICIAL — Mas o alçapão não funciona.

SMITH — Tem que funcionar, não ouviu que os sinos já repicaram pela segunda vez?

POLICIAL — Isto aqui é uma porcaria.

MAC *canta* — Agora vejam como ele sofre,
A vítima da pérfida maldade!
Vocês aqui, que adoram só o cofre
E o julgam ser a maior autoridade,
Não deixem seu herói na fossa, gente!
Corram depressa junto à soberana
Para pedir clemência, anistia;
Pois os malvados contam minha grana
E, eu sofrendo, riem de alegria.
Terminem meu martírio tão pungente!

SMITH — Não posso deixá-la entrar assim. A senhora só tem o número dezesseis. Ainda não chegou a sua vez.

POLLY — Ora, que história é essa de número dezesseis? Não seja tão burocrático. Eu sou a mulher dele, preciso falar com ele.

SMITH — Mas cinco minutos no máximo.

POLLY — Que história é essa de cinco minutos? É um absurdo. Cinco minutos! Isso é lá coisa que se diga? Pensa que é tão simples assim? Afinal, é uma despedida para sempre. Aí mesmo é que há tantas coisas para serem ditas entre marido e mulher... Mas onde ele está?

SMITH — Ora, a senhora não está vendo ele?

POLLY — Ah, mas é claro! Muito obrigada.

MAC — Polly!

POLLY — Sim, Mac, sou eu.

MAC — Ah, mas é claro!

POLLY — Como é que você está passando? Está muito deprimido? É tão difícil!

MAC — E você, o que vai fazer de agora em diante? O que vai ser de você?

POLLY — Sabe, Mac, nossos negócios vão muito bem. Isto é o de menos. Mackie, você está muito nervoso?... O que que o seu pai era mesmo? Há tantas coisas que você ainda não me contou. Não consigo entender. Afinal você foi sempre tão saudável.

MAC — Escuta, Polly, você não pode me ajudar a sair daqui?

POLLY — Ah, mas é claro!

MAC — Com dinheiro, claro. É que eu combinei com o guarda...

POLLY *devagar* — O dinheiro já foi mandado para Manchester.

MAC — Então, você está sem nada?

POLLY — É, estou sem nada mesmo. Mas sabe, Mac, eu poderia falar com alguém, por exemplo... até poderia perguntar à própria rainha, talvez. *Ela desmorona.* Oh, Mac!

SMITH *afastando Polly* — Então já conseguiu as suas mil libras?

POLLY — Vai com Deus, Mac, tudo de bom para você e não me esqueça! *Sai.*

Smith e um policial trazem uma mesa com um prato de aspargos.

SMITH — Os aspargos estão macios?

POLICIAL — Sim, senhor. *Sai.*

Brown *aparece e se dirige a Smith* — Smith, o que ele quer comigo? Foi bom você ter me esperado para pôr a mesa. Vamos entrar agora mesmo com ela para que ele veja que nós somos bem-intencionados. *Juntos entram na cela com a mesa. Smith sai. Pausa.* Alô, Mac. Aqui estão os aspargos. Você não quer provar um pouquinho?

Mac — Não se incomode, senhor Brown, há outras pessoas que me renderão as últimas homenagens.[13]

Brown — Ah, Mac!

Mac — Queira apresentar as contas, por favor. Se me permite, enquanto isso, eu como. Afinal, é a minha última refeição. *Come.*

Brown — Bom apetite. Ah, Mac, é como se você traspassasse meu coração com um ferro em brasa.

Mac — As contas, senhor; por favor, as contas. Nada de sentimentalismos.

Brown, *suspirando, tira um caderninho do bolso* — Eu as trouxe comigo, Mac. Aqui estão as contas do último semestre.

Mac *em tom cortante* — Então, o senhor só veio até aqui para sacar o seu dinheiro.

Brown — Mas você sabe que não é assim...

Mac — Como queira, mas o senhor não deve sair prejudicado. Quanto lhe devo? Mas, por favor, especifique os cálculos. A vida me tornou desconfiado... E o senhor, melhor do que ninguém, me compreenderá.

Brown — Mac, se você fala assim, eu não consigo nem mais pensar.

Ouvem-se golpes de martelo atrás.

---

[13] Talvez o ator tenha a possibilidade de mostrar o seguinte: Macheath sente absolutamente como certo que, no seu caso, trata-se de um pavoroso erro jurídico. Na verdade a justiça perderia totalmente sua boa reputação se os bandidos se tornassem suas vítimas com mais freqüência do que na realidade acontece!

Smith (*voz*) — Assim, agora está firme.

Mac — As contas, Brown.

Brown — Bem, se você faz tanta questão: primeiro temos aqui a quantia referente à captura de assassinos, denunciados por você ou seu pessoal. No total, você recebeu do Governo...

Mac — Por três casos, a quarenta libras cada, 120 libras. Uma quarta parte para o senhor daria, então, trinta libras, que são, portanto, as que nós lhe devemos.

Brown — Está bem, está bem... mas eu realmente não sei, Mac, se nos últimos minutos...

Mac — Por favor, deixe de baboseiras, sim? Trinta libras. E por aquele de Dover, oito libras.

Brown — Como? Só oito libras? Mas o combinado...

Mac — O senhor confia ou não confia em mim? Portanto, liquidando as contas do último semestre, o senhor receberá 38 libras.

Brown *irrompendo em soluços* — Uma vida inteira... realizando...

Ambos — Todos os seus desejos.

Mac — Três anos na Índia — John estava lá e Jim também —, cinco anos em Londres, e esta é a paga. *Mostrando o aspecto que terá como enforcado:*

Mackie jamais a um piolho ofendeu
E pende por obra de um ser traiçoeiro.
No seu pescoço, que a corda torceu,
Sente ele o peso do próprio traseiro.

Brown — Mac, se você vem desse jeito... quem ataca a minha honra, a mim ataca. *Sai apressado da cela, furioso.*

Mac — Sua honra...

Brown — É, minha honra. Smith, comece! Deixe entrar as pessoas. *A Mac:* Com licença, por favor.

SMITH *rápido, para Macheath* — Ainda posso tirar o senhor daqui, mas tem que ser agora, porque daqui a um minuto não dá mais. Já tem o dinheiro aí?

MAC — Sim, assim que os rapazes voltarem.

SMITH — Nem sinal deles. Portanto: fim de papo.

Deixam entrar as pessoas. Peachum, a senhora Peachum, Polly, Lucy, as putas, o reverendo, Matthias e Jakob.

JENNY — Não queriam deixar a gente entrar. Mas eu disse para eles: se vocês não tirarem essas cabeças de merda do caminho, aí vocês vão ver quem é Jenny-Espelunca.

PEACHUM — Eu sou o sogro dele. Com licença; qual dos cavalheiros é o senhor Macheath?

MAC *apresenta-se* — Macheath.

PEACHUM, *passando pela cela, coloca-se, como todos os que vêm depois, do lado direito* — Senhor Macheath, o destino determinou que o senhor, sem que eu o conhecesse, se tornasse meu genro. As circunstâncias, nas quais eu o vejo pela primeira vez, são bem tristes. Senhor Macheath, outrora o senhor tinha luvas de pelica brancas, uma bengala com castão de marfim, uma cicatriz no pescoço e freqüentava o Hotel do Polvo. Agora, só lhe restou a cicatriz, que, dentre todas as suas marcas, é a de menor valor, e freqüentar, só as gaiolas, para, como é de prever, logo, logo, lugar nenhum...

Polly passa chorando pela cela e se coloca do lado direito.

MAC — Que vestido bonito o seu.

Matthias e Jakob passam pela cela e se colocam do lado direito.

MATTHIAS — Não conseguimos passar por causa da multidão na rua. Corremos tanto que eu fiquei com medo do Jakob ter um enfarto. Se você não acredita na gente...

MAC — O que diz meu pessoal? Eles conseguiram bons lugares?

MATTHIAS — Olha, Capitão, achamos que o senhor nos compreenderia. É que uma coroação também não acontece todos os dias. O pessoal tem que ganhar a vida como pode. Eles mandam lembranças.

JAKOB — Cordiais!

SENHORA PEACHUM *aproxima-se da cela e se coloca do lado direito* — Senhor Macheath, quem podia imaginar isso, quando uma semana atrás dançávamos no Hotel do Polvo?

MAC — É, dançávamos.

SENHORA PEACHUM — Mas os caminhos desta vida são cruéis.

BROWN *no fundo, para o reverendo* — E foi com este homem que eu lutei, ombro a ombro, no fogo cruzado da batalha mais violenta de Azerbeidjã.

JENNY *aproxima-se da cela* — O pessoal lá de Drury Lane está completamente em pânico. Ninguém foi à coroação. Todas querem te ver. *Coloca-se do lado direito.*

MAC — Me ver.

SMITH — Bem, então vamos. Seis horas. *Manda tirá-lo da cela.*

MAC — É, não vamos deixar as pessoas esperando. Minhas senhoras, meus senhores, estão vendo extinguir-se o representante de uma classe em extinção. Nós, pequenos artesãos burgueses, que trabalhamos com o bom e velho pé-de-cabra as modestas caixas dos pequenos comerciantes, estamos sendo engolidos pelos grandes empresários, atrás dos quais estão os bancos. O que é uma gazua comparada a uma ação ao portador? O que é um assalto a um banco comparado à fundação de um banco? O que é o assassinato de um homem comparado com a contratação de um homem? Concidadãos, aqui me despeço de vocês. Agradeço por terem vindo. Alguns de vocês me eram muito caros. Que Jenny me tenha denunciado, muito me surpreende. É uma prova inequívoca de que o mundo continua o mesmo. A coincidência de algumas circunstâncias infelizes provocou minha queda. Pois bem — eu caio.

Iluminação para canção: luz dourada. O órgão é iluminado. Do alto da cena descem três refletores presos a uma barra. Nos letreiros lê-se:

BALADA NA QUAL MACHEATH PEDE DESCULPAS A TODOS

Irmãos que vêm após a nossa morte,
Contenham-se do impiedoso insulto,
Também não riam da perversa sorte,
Atrás das barbas bobo riso oculto,
E não praguejem sobre os enforcados,
E não se mostrem, qual justiça, duros;
Pois todos nós deixamos de ser puros,
E todos afundamos nos pecados.
Queiram ouvir a nossa advertência,
Pedindo a Deus a graça e a clemência.

As chuvas a nós todos purificam,
Lavando a carne muito bem-nutrida;
Os olhos, insaciáveis nesta vida,
Para que não cobicem, corvos picam.
Alto subimos, cheios de ganância,
Pagando pela nossa arrogância,
Deixando nossa existência amada,
Igual a sujo esterco sobre a estrada.
Queiram ouvir a nossa advertência,
Pedindo a Deus a graça e a clemência.

Às moças, desnudando os seus seios
Para pescar fregueses sempre prontos,
Aos cavalheiros que não são alheios
Aos charmes das perdidas nos seus pontos,
Aos vagabundos, frescos, prostitutas,
Aos maltrapilhos, loucos e birutas,

Eu peço que perdoem meus pecados.
Também aos tiras. Claro, não invejo
A sina deles: cada tarde e dia
Alimentar os presos com sobejos
E torturar na cela escura e fria.
Eles merecem minha maldição,
Porém prefiro ser condescendente,
Que aprendam a magnânime lição:
Lhes pedirei perdão, humildemente.

Que suas caras se desfaçam logo
Sob golpes de martelos mais pesados!
De resto, quero esquecer e rogo:
Desculpem, pois, todos os meus pecados!

SMITH — Por favor, senhor Macheath.

SENHORA PEACHUM — Polly, Lucy, amparem o marido de vocês nesta sua última hora.

MAC — Minhas senhoras, seja lá o que for que entre nós...

SMITH *levando-o* — Vamos!

Marcha para a forca.

Todos saem pelas portas à esquerda. Estas portas se encontram nas telas de projeção. Depois, todos voltam pelo outro lado do palco com lanternas na mão. Quando Macheath se encontra sobre o patíbulo, fala

PEACHUM — Prezado público, lá vem o fim:
O senhor Macheath será enforcado,
Pois toda a cristandade age assim —
Cada qual paga pelo seu pecado.
Porém, não pensem como aprovado
Por nós o que pratica tanta gente.
O senhor Macheath não será enforcado:
Nós temos um desfecho diferente.

Na ópera, a injustiça que nos laça
Fica vencida, às vezes, pela graça.
Eis um arauto com a boa nova,
Que salva o herói da escura cova.

Nos letreiros lê-se:

TERCEIRO FINAL DE TRÊS VINTÉNS

ENTRADA DO ARAUTO A CAVALO

CORO — Escuta quem vem aí!
O real arauto a cavalo vem aí!

Briosamente montado, Brown aparece como arauto.

BROWN — Por motivo de sua coroação, Sua Majestade a Rainha ordena que o Capitão Macheath seja imediatamente libertado. *Aplausos entusiásticos.* Ao mesmo tempo, ele será elevado à categoria de nobre hereditário — *júbilo* — e receberá o castelo de Marmarel, bem como uma pensão de dez mil libras até o fim de sua vida. Aos casais de noivos aqui presentes, Sua Majestade transmite seus régios votos de felicidades.

MAC — Salvo, salvo! É, eu sabia, quando o Diabo fecha a porta, Deus abre uma janela.

POLLY — Salvo, o meu querido Mac está salvo. Estou tão feliz.

SENHORA PEACHUM — Afinal, tudo acaba bem. Que vida boa e tranqüila teríamos se os reais arautos chegassem sempre a galope.

PEACHUM — Por isso, fiquem todos onde estão para cantar o coral dos mais pobres deste mundo, cuja vida dura vocês representaram hoje, pois, na realidade, justamente o fim deles é que é péssimo. Os reais arautos quase nunca aparecem, depois de os pisados desta vida terem se levantado. Por isso, a iniqüidade não deveria ser por demais perseguida.

TODOS *cantam ao órgão, avançando para o proscênio* —

Jamais persigam tanto a iniqüidade,
Pois ela mesma exaure seu alento.
Pensem na noite fria que invade
O nosso vale, cheio de lamento.

Ascensão e queda da cidade de Mahagonny

Ópera

Aufstieg und Fall der Stadt Mahagonny
Oper

Escrito em 1928/29
Estréia: 9.3.1930 em Leipzig

Tradução: Luis Antônio Martinez Corrêa e Wolfgang Bader

Colaboradores: E. Hauptmann, C. Neher, K. Weill

PERSONAGENS:

Paul —
Heinrich —
Lenhadores
Jakob —
Joseph —
Leokadja Begbick
Moisés Trindade
Willy, o Procurador
Jenny
Homens e Garotas de Mahagonny

1

FUNDAÇÃO DA CIDADE DE MAHAGONNY

Numa região deserta, pára um grande caminhão em péssimo estado.

Willy, o Procurador — Ei! Nós temos que tocar pra frente!

Moisés Trindade — É, mas o caminhão pifou.

Willy, o Procurador — Bem, então a gente não pode tocar pra frente.

Pausa.

Moisés Trindade — Mas nós temos que tocar pra frente!

Willy, o Procurador — É, mas pra frente é o deserto.

Moisés Trindade — Bem, então a gente não pode tocar pra frente.

Pausa.

Willy, o Procurador — Então, vamos ter que tocar pra trás.

Moisés Trindade — Mas os tiras estão atrás de nós! Eles conhecem a nossa cara.

Willy, o Procurador — Bem, então a gente não pode tocar pra trás.

Os dois sentam-se no estribo e fumam.

Moisés Trindade — Mas na costa lá em cima tem ouro.

Willy, o Procurador — É, mas a costa é muito comprida.

Moisés Trindade — Bem, então a gente não pode ir pra lá.

Willy, o Procurador — Mas lá em cima tem ouro.

Moisés Trindade — É, mas a costa é comprida demais.

Leokadja Begbick *surgindo em cima do caminhão* — Não vamos tocar pra frente?

Moisés Trindade — Não.

Begbick — Bem, então vamos ficar aqui. Tive uma idéia: já que não podemos tocar pra frente, a gente fica aqui mesmo. Vejam só, todo mundo que veio de lá de cima tem a mesma opinião: os rios não largam o ouro assim tão facilmente. É um trabalho duro e nós não sabemos trabalhar. Mas eu que tenho visto essa gente, eu lhes digo: são eles que vão largar o dinheiro! É muito mais fácil arrancar ouro dos homens do que dos rios!

Por isso vamos fundar uma cidade
E lhe dar o nome de Mahagonny,
Que quer dizer: cidade-arapuca!
Ela vai ser como a arapuca
Que se arma para os passarinhos.
Em toda parte se dá duro e se trabalha.
Mas aqui se goza,
Porque este é o desejo dos homens:
Não sofrer nada e gozar tudo.
Este é o sentido do ouro:
Gin e whisky,
Garotas e garotos.
A semana vai ter sete dias de descanso,
E os grandes tufões aqui não chegam.
A violência aqui não tem vez,
E os homens, fumando em paz, esperam o anoitecer.
De três em três dias haverá lutas,
Com berros e rudeza, mas as lutas serão limpas.
Então finquem esta vara de pescar no chão e hasteiem este pano
Para que as naves vindas da costa do ouro
Possam nos ver.
E o bar será
Debaixo desta seringueira.
Aqui é a cidade.
Aqui é o centro
Que se chama: "Hotel do Homem Rico".

A bandeira vermelha de Mahagonny sobe lentamente até a ponta de uma longa vara de pescar.

WILLY E MOISÉS — Só existe esta Mahagonny
Porque o mundo vai muito mal,
Não há mais sossego,
Não há mais harmonia,
Tudo é uma porcaria,
E não há nada em que se segurar.

2

EM POUCAS SEMANAS SURGE UMA CIDADE. APARECEM OS PRIMEIROS TUBARÕES

Entram Jenny e seis garotas trazendo grandes malas. Elas se sentam em cima das malas e cantam o "Alabama Song":

Oh, show us the way to the next whisky bar!
Oh, don't ask why! Oh, don't ask why!
For we must find the next whisky bar,
For if we don't find the next whisky bar,
I tell you we must die!
Oh, moon of Alabama,
We now must say good-bye,
We've lost our good old mamma,
And must have whisky,
Oh, you know why!

Oh, show us the way to the next pretty boy!
Oh, don't ask why! Oh, don't ask why!
For we must find the next pretty boy,
For if we don't find the next pretty boy,
I tell you we must die!
Oh, moon of Alabama,
We now must say good-bye,
We've lost our good old mamma,
And must have boys,
Oh, you know why.

Oh, show us the way to the next little dollar!
Oh, don't ask why! Oh, don't ask why!
For we must find the next little dollar,
For if we don't find the next little dollar,
I tell you we must die!
Oh, moon of Alabama,
We now must say good-bye,
We've lost our good old mamma,
And must have dollars,
Oh, you know why.

As garotas saem com as malas.

3

A NOTÍCIA DA FUNDAÇÃO DE UMA CIDADE-PARAÍSO CHEGA ÀS GRANDES CIDADES

Uma projeção mostra a vista de uma metrópole e fotos de uma multidão de homens.

HOMENS — Nossas cidades estão sobre sarjetas:
O vazio dentro e a fumaça no ar.
Ainda estamos nelas, longe das nossas metas.
Nós passamos depressa, e elas, devagar.

Willy, o Procurador, e Moisés Trindade aparecem com cartazes.

WILLY, O PROCURADOR — Longe da agitação do mundo...

MOISÉS TRINDADE — ...onde as grandes estradas não passam...

WILLY, O PROCURADOR — ...fica Mahagonny, a cidade-ouro.

MOISÉS TRINDADE — Lá, ontem mesmo, perguntavam por vocês.

WILLY, O PROCURADOR — Hoje em dia as grandes metrópoles estão cheias de gente que detesta viver nelas. É esta gente que vai para Mahagonny, a cidade-ouro.

Moisés Trindade — Bebidas a preços módicos.

Willy, o Procurador — A cidade de vocês tem barulho demais,
Só agitação, desentendimento,
E não há nada em que se segurar.

Moisés Trindade — Porque tudo é uma porcaria.

Willy e Moisés — Mas quando vocês se sentarem
Conosco em Mahagonny,
Vocês também vão fumar,
E dos dedos amarelados
A fumaça vai subir ao ar.
Pelo céu incendiado
Um tabaco dourado!
Se São Francisco arder,
Tudo que lá dentro houver,
Em cinza há de se converter,
Num saco furado.

Os homens — Nossas cidades estão sobre sarjetas:
O vazio dentro e a fumaça no ar.
Ainda estamos nelas, longe das nossas metas.
Nós passamos depressa, e elas, devagar.

Willy, o Procurador — Vamos todos então para Mahagonny!

Moisés Trindade — Lá, ontem mesmo, perguntavam por vocês.

4

NOS ANOS SEGUINTES, OS DESCONTENTES DE TODOS OS CONTINENTES AFLUEM PARA MAHAGONNY, A CIDADE-OURO

Quatro homens, Paul, Jakob, Heinrich e Joseph, chegam com malas.

Vou pra Mahagonny!
O ar é puro e fresco!

Tem carne de cavalo e de mulher,
Whisky e poker tem também!
Bela, verde, lua de Alabama, dá a luz!
Bem no fundo de meu bolso
Tem dinheiro para pagar
Tua boca estúpida, que vai logo gargalhar!

Vou pra Mahagonny!
Eu sinto o vento leste,
Lá tem carne fresca
E ninguém para nos mandar!
Bela, verde, lua de Alabama, dá a luz!
Bem no fundo do meu bolso
Tem dinheiro para pagar
Tua boca estúpida, que vai logo gargalhar!

Vou pra Mahagonny!
O barco vai zarpar,
E a ci-, ci-, ci-, ci-, civiliz
Se cura quem pegar!
Bela, verde, lua de Alabama, dá a luz!
Bem no fundo do meu bolso
Tem dinheiro para pagar
Tua boca estúpida, que vai logo gargalhar!

Os homens saem.

5

NESSA ÉPOCA CHEGOU TAMBÉM À CIDADE DE MAHAGONNY UM TAL DE PAUL ACKERMANN, E É A HISTÓRIA DELE QUE QUEREMOS CONTAR

Cais de Mahagonny. Os quatro homens estão diante de uma placa de sinalização, "Para Mahagonny", onde está afixada uma lista de preços.

Paul — Quando se chega em terra estranha,
A gente fica um pouco atrapalhado.

JAKOB — Não se sabe pra onde ir.

HEINRICH — Quem se pode xingar!

JOSEPH — E pra quem se deve tirar o chapéu!

PAUL — É essa a desvantagem,
Quando se chega em terra estranha.

A senhora Leokadja Begbick chega com uma grande lista.

BEGBICK — Oh, cavalheiros!
Sejam bem-vindos!

Consulta a lista.

Este não é o senhor Paul Ackermann?
O que é bom de faca?
O senhor antes de deitar
Toma gin com pimenta!

PAUL — Muito prazer!

BEGBICK — Viúva Begbick.

Cumprimentam-se.

E para sua chegada, senhor Jakob Schmidt,
Eu mandei limpar o caminho.

JAKOB — Obrigado.

BEGBICK — E o senhor, senhor Merg?

PAUL *apresenta-o* — Heinrich Merg.

BEGBICK — E o senhor, senhor Joseph Lettner?

PAUL, *do mesmo modo* — Joe, Lobo do Alasca!

BEGBICK — E para demonstrarmos nosso apreço,
Vamos reduzir nosso preço.

Modifica os preços da lista.

HEINRICH E JOE — Muito obrigado.

Cumprimentam-se.

BEGBICK — Vão querer, antes de mais nada, meninas fresquinhas, não é?

Moisés Trindade traz retratos de garotas e os coloca enfileirados.

MOISÉS TRINDADE — Meus senhores, cada homem traz em seu coração a imagem da mulher amada. Mas o que um acha exuberante, o outro acha magro. O que é que o senhor me diz da curva deste quadril, hein, seu Joe?

JAKOB — Pra mim estaria bom.

JOE — Eu havia pensado numa coisa mais morena.

BEGBICK — E o senhor, senhor Merg?

HEINRICH — Não se preocupe comigo.

BEGBICK — E o senhor, senhor Ackermann?

PAUL — Não, só olhar não me diz nada. Preciso apalpar
Pra saber se é amor de verdade.
Alô, beldades de Mahagonny!
Nós temos dinheiro, e vocês, o que têm?

JAKOB, HEINRICH E JOE — Sete anos de Alasca,
Fez frio, deu dinheiro!
Alô, beldades de Mahagonny,
Se for legal, dinheiro vivo pra vocês!

JENNY E AS SEIS GAROTAS — Bom dia, homens do Alasca!
Lá estava frio? Cadê o dinheiro?

PAUL — Bom dia, beldades de Mahagonny!

JENNY E AS SEIS GAROTAS — Nós somos as garotas de Mahagonny,
É só pagar que vamos botar pra quebrar!

BEGBICK *mostrando Jenny* — Esta é a mulher da sua vida, senhor Jakob Schmidt.
Se as curvas dela não são bem-feitas,
Os seus cinqüenta dólares não passam de ferro-velho.

JAKOB — Trinta dólares!

BEGBICK *dando de ombros para Jenny* — Trinta dólares!

JENNY — Ah, pense bem, seu Jakob Schmidt.
Ah, pense bem, o que se pode comprar com trinta dólares!

Só dez pares de meias e nada mais.
Eu sou de Havana,
Minha mãe era branca.
Ela sempre me dizia:
"Não se venda, meu amor,
Só por uns dólares como eu fazia,
Veja só como acabei, meu bem!"
Ah, pense bem, seu Jakob Schmidt!

JAKOB — Então vinte dólares.

BEGBICK — Trinta, meu senhor, trinta!

JAKOB — De jeito nenhum!

PAUL — Talvez eu fique com ela. *A Jenny:* Como é teu nome?

JENNY — Jenny Smith, de Oklahoma,
Cheguei aqui há nove semanas.
Eu morava nas grandes cidades.
Tudo o que me pedem, eu faço.
Eu já conheço todos os Pedros e Paulos do Alasca,
Tiveram uma vida pior do que a dos mortos,
Mas ficaram podres de rico, podres de rico.
E chegam, os casacos cheios de dinheiro,
Em trens especiais, e vêm: Mahagonny.
Ah, Paul, meu Paul querido,
Os cavalheiros só olham as minhas pernas.
Minhas pernas são só para você, Paul.
Ai, Paul, sente no meu colo.
Ai, Paul, eu nunca amei.
Ai, bebe no meu copo, Paul!

PAUL — Está bem, fico com você.

JENNY — É assim que se fala, Paul!

Todos se preparam para ir para Mahagonny, quando um grupo de homens com malas vem na direção contrária.

JOE — Que gente é essa?

AS PESSOAS COM MALAS *passam apressadas* — O navio já partiu?
Graças a Deus ainda está aqui!

As pessoas com malas correm para o cais.

BEGBICK *gritando atrás delas* — Imbecis! Bestas quadradas! Estão correndo para o navio! Com os bolsos ainda cheios de dinheiro! Raça de gente à-toa! Gente sem humor!

JAKOB — É estranho eles estarem indo embora.
Onde se está bem, a gente fica.
Alguma coisa não me cheira bem.

BEGBICK — Ah! Mas os senhores, cavalheiros,
Venham comigo para Mahagonny.
Sou até capaz
De abaixar ainda mais o preço do whisky.

Coloca em cima da segunda uma terceira lista de preços ainda mais baixos.

JOE — Essa tão badalada Mahagonny
Está um pouco barata pra meu gosto.

HEINRICH — Pois eu acho tudo muito caro.

JAKOB — E você, Paul, você acha que lá é bom?

PAUL — Onde a gente está, aí é que é bom.

JENNY — Ah, Paul, vem sentar no meu colo.

AS SEIS GAROTAS — Ah! Paul, vem sentar no meu colo.

JENNY E AS SEIS GAROTAS — Ai, Paul, eu nunca amei.
Ai, bebe no meu copo, Paul!

JENNY, AS SEIS GAROTAS, BEGBICK, PAUL, HEINRICH, JAKOB E JOE — Aqui já estão os Pedros e Paulos do Alasca.

JENNY E AS SEIS GAROTAS — Tiveram uma vida pior do que a dos mortos.

PAUL, HEINRICH, JAKOB E JOE — Mas ficaram podres de rico, podres de rico.

Jenny e as seis garotas — E chegam, os casacos cheios de dinheiro,
Nos trens especiais e vêm: Mahagonny.

Vão todos para Mahagonny.

6

INICIAÇÃO

Mapa da cidade de Mahagonny. Paul e Jenny passeiam.

Jenny — Eu aprendi que, quando eu conheço um homem,
Devo perguntar do que é que ele gosta.
Como é que o senhor me prefere?

Paul — Assim como a senhora é. Se me chamasse de você, eu ia pensar que estava te agradando.

Jenny — Diga, Paul, como você quer os meus cabelos? Pra frente ou pra trás?

Paul — Depende da ocasião, de acordo com a posição.

Jenny — E quanto à roupa de baixo, meu bem, de calcinha ou sem calcinha, como você me quer?

Paul — Sem calcinha.

Jenny — Você manda, Paul.

Paul — E os seus desejos?

Jenny — Talvez seja cedo pra se falar nisso.

7

TODAS AS GRANDES EMPRESAS PASSAM POR SUAS CRISES

Uma projeção mostra a estatística dos crimes e da circulação do dinheiro em Mahagonny. Sete diferentes listas de preços. No interior do Hotel do Homem Rico estão sentados Willy, o Procurador, e Moisés Trindade. Begbick entra apressadamente, com o rosto pintado de branco.

Moisés Trindade — Willy e Moisés! Willy e Moisés! Vocês viram? Tem mais gente ainda indo embora! Já estão lá no porto. Eu os vi!

Willy, o Procurador — E o que é que podia prender essa gente aqui? Meia dúzia de botecos e um porre de silêncio...

Moisés Trindade — E que raça de homens! Eles pescam um peixe e ficam felizes! Fumam em frente à casa e dão-se por satisfeitos.

Begbick, Willy e Moisés — Ah! Esta Mahagonny
Não foi um bom negócio!

Begbick — Hoje a dose de whisky custa doze dólares.

Willy, o Procurador — Amanhã, na certa, vai cair para oito.

Moisés Trindade — E não vai subir nunca mais!

Begbick, Willy e Moisés — Ah! Esta Mahagonny
Não foi um bom negócio!

Begbick — Já não sei mais o que fazer. Todo mundo me pede alguma coisa e já não tenho mais nada para dar. O que é que eu posso dar pra que eles fiquem aqui e me ajudem a viver?

Begbick, Willy e Moisés — Ah! Esta Mahagonny
Não foi um bom negócio!

Begbick — Eu também uma vez fiquei encostada num muro
Com um homem
E nós trocamos palavras
E falamos de amor.
Mas o dinheiro acabou
E com ele o tesão.

Willy e Moisés — Dinheiro dá tesão.
Dinheiro dá tesão.

Begbick — Há dezenove anos começou minha miséria e a luta pela vida me esvaziou. Este era o meu último grande projeto: Mahagonny, a cidade-arapuca. Mas ninguém caiu na arapuca...

BEGBICK, WILLY E MOISÉS — Ah! Esta Mahagonny
Não foi um bom negócio!

BEGBICK — Então vamos voltar pra trás
E atravessar de novo as mil cidades
E recontar de novo os dezenove anos.
Arrumem as malas!
Vamos voltar!

WILLY, O PROCURADOR — É isso mesmo, viúva Begbick! Isso mesmo, viúva Begbick! Lá todo mundo está te esperando! *Lê no jornal, em voz alta:* "Chegaram essa manhã em Pensacola muitos policiais à procura de uma mulher conhecida por Leokadja Begbick. Revistaram todas as casas e depois seguiram viagem. . ."

BEGBICK — Agora nada mais nos salvará!

WILLY E MOISÉS — Pois é, viúva Begbick,
O crime não compensa,
E quem se entrega ao vício
Não morre de doença.

BEGBICK — Ah! Se a gente tivesse dinheiro!
Se pelo menos a gente tivesse feito dinheiro
Com esta cidade-arapuca, que não tem isca,
Até a polícia seria bem-vinda!
Mas hoje não chegou gente nova?
E com cara de quem tem dinheiro.
Talvez eles nos dêem o dinheiro.

8

TODOS OS QUE REALMENTE ESPERAM ALGUMA COISA FICAM DECEPCIONADOS

Cais de Mahagonny. Agora vem do lado da cidade — como anteriormente as pessoas com as malas — Paul, que os seus amigos procuram deter.

JAKOB — Paul, por que é que você está fugindo?

PAUL — O que é que me segura aqui?

HEINRICH — E por que é que você está com essa cara?

PAUL — Porque eu vi um cartaz
Onde estava escrito "É proibido. . ."

JOE — Mas não tem gin? O whisky não é barato?

PAUL — Barato demais!

HEINRICH — E a calma? E a harmonia?

PAUL — Calma demais!

JAKOB — Se você quiser comer um peixe
É só ir no rio pescar.

PAUL — Isto não me faz feliz.

JOE — A gente fuma.

PAUL — A gente fuma.

HEINRICH — A gente dorme um pouquinho.

PAUL — A gente dorme.

JAKOB — A gente nada.

PAUL *imitando-o* — A gente pega uma banana!

JOE — A gente olha pra água!

Paul só faz dar de ombros.

HEINRICH — A gente esquece.

PAUL — Mas falta alguma coisa!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Maravilhosa é a chegada da noite.
E bela é a conversa dos homens entre si.

PAUL — Mas falta alguma coisa!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Bela é a paz e o sossego,
E ditosa é a harmonia.

PAUL — Mas falta alguma coisa!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Maravilhosa é a vida simples,
E não há nada como a grandiosidade da natureza.

PAUL — Mas falta alguma coisa!
Eu acho que vou comer o meu chapéu,
Eu acho que assim a fome vai ceder.

E por que não se pode comer um chapéu
Se não há nada de melhor para fazer?

Vocês aprenderam o ABC do coquetel
E a lua se cansaram de olhar.
Agora o bar de Mandelay vai fechar,
E por aqui nada aconteceu.
Ei, rapazes, nada mesmo aconteceu!

Eu acho que eu devia fugir para a Geórgia,
Eu acho que lá uma cidade deve haver.
Por que não se pode ir para a Geórgia
Se não há nada de melhor para fazer?

Vocês aprenderam o ABC do coquetel
E a lua se cansaram de olhar.
Agora o bar de Mandelay vai fechar,
E por aqui nada aconteceu.
Ei, rapazes, nada mesmo aconteceu!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Paul, não vá se esquentar.
Isto aqui é o bar de Mandelay!

JOE — Paul quer comer o seu chapéu!

HEINRICH — Por que você quer comer o seu chapéu?

JOE, JAKOB E HEINRICH — Você enlouqueceu, Paul!

JAKOB — Mas isso não se faz, Paul!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Isso já é demais!
Você não sabe o que faz!

Os três gritando

Nós vamos quebrar os seus dentes,
Você vai aprender a ser gente!

PAUL *tranqüilamente* — Que nada! Não tenho vontade de ser gente.

JOE — Pronto, agora que você já desabafou, toma juízo e volta direitinho com a gente para Mahagonny.

Levam-no de volta para a cidade.

9

Diante do Hotel do Homem Rico, debaixo de um céu amplo, estão sentados os homens de Mahagonny, balançando-se nas cadeiras, fumando e bebendo, entre eles os nossos quatro amigos. Ouvem música e contemplam, sonhadores, uma nuvem branca que passa no céu, da esquerda para a direita, depois em sentido contrário etc. Em volta, cartazes: "Por gentileza, conservem as cadeiras", "Não façam barulho", "Evitem canções indecentes".

PAUL — Longe no Alasca, na floresta cerrada,
Com os meus três camaradas na neve gelada,
Fui lenhador, levava troncos pro rio,
Comi carne crua e juntei dinheiro,
Sete anos desta vida, e aqui nós chegamos!

Sete invernos, num casebre à beira do rio,
Nosso punhal deixou nossas pragas gravadas na mesa,
A gente discutia pra saber pra onde ia,
Para onde a gente ia no dia que tivesse dinheiro.
E eu agüentei tudo
Pra poder chegar aqui.

Chegou o dia, temos dinheiro,
Entre todas as cidades escolhemos Mahagonny.
E nós pegamos a trilha mais curta,
Sem demorar...
E o que foi que encontramos?
Não há nada pior
E nada mais tolo
Do que vir para este lugar!

Levanta-se bruscamente.

E o que é que vocês estão pensando? Comigo isso não pega.
Vocês bateram na porta errada! *Dá um tiro.* Mostra a cara, sua porca Madame-não-pode! Eu sou Paul Ackermann do Alasca, e isto aqui não me agrada!

BEGBICK *aparecendo bruscamente* — E o que é que não lhe agrada aqui?

PAUL — Essa sua merda toda!

BEGBICK — Eu ouvi dizer "merda"! O senhor não acabou de dizer merda?

PAUL — Foi isso mesmo que eu disse, eu, Paul Ackermann.

A nuvem treme e sai depressa.

PAUL — Sete anos, sete anos eu fiquei cortando árvores.

AS SEIS GAROTAS, JAKOB, HEINRICH E JOE — Ele cortou árvores.

JAKOB — Calma, Paul!

PAUL — E a água só tinha quatro graus.

AS SEIS GAROTAS, JAKOB, HEINRICH E JOE — A água só tinha quatro graus.

PAUL — Agüentei tudo para vir até aqui,
Mas isto aqui não me agrada,
Porque aqui não acontece nada!

JENNY — Querido Paul! Querido Paul!
Ouve a gente! Guarda a faca!

PAUL — Me segurem!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Ouve a gente! Guarda a faca!

JENNY — Querido Paul, vem com a gente e seja um cavalheiro!

PAUL — Me segurem!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Vem com a gente e seja um cavalheiro!

PAUL — Sete anos eu rachei lenha,
Sete anos eu agüentei o frio,
Tudo isso eu sofri
Pra vir parar aqui!

BEGBICK, WILLY E MOISÉS TRINDADE — Aqui você tem calma, harmonia, whisky, garotas.

PAUL — Calma, harmonia, whisky, garotas!

JENNY, JAKOB, HEINRICH E JOE — Guarda a faca no teu bolso!

CORO — Calma! Calma!

BEGBICK, WILLY E MOISÉS TRINDADE — Você pode dormir, fumar, pescar, nadar.

PAUL — Dormir, fumar, pescar, nadar!

JENNY, AS SEIS GAROTAS, JAKOB, HEINRICH E JOE — Paul, guarda a faca no teu bolso! Paul, guarda a faca no teu bolso!

CORO — Calma, Calma!

BEGBICK, WILLY E MOISÉS TRINDADE — Esses são os Paulos do Alasca!
Esses são os Paulos do Alasca!

PAUL — Me segurem, senão vai acontecer uma desgraça!
Me segurem!

JAKOB, HEINRICH E JOE — Segurem ele, senão vai acontecer uma desgraça!
Segurem ele!

CORO — Esses são os Pedros e Paulos do Alasca!
Tiveram uma vida pior do que a dos mortos,
Mas ficaram podres de rico, podres de rico.

BEGBICK, WILLY E MOISÉS TRINDADE — Se ao menos esses animais ficassem no Alasca em vez de vir aqui acabar com nossa paz e harmonia! Fora com ele! Fora com ele!

PAUL — Me segurem, senão vai acontecer uma desgraça!
Porque aqui não acontece nada!
Porque aqui não acontece nada!

Sobe na mesa.

Mas em toda essa Mahagonny
Ninguém jamais será feliz.
É demais a calmaria,
É demais a harmonia,
E há coisa demais em que se segurar.

As luzes se apagam. Todos ficam em cena, na escuridão.

10

Nas telas do fundo aparece, em letras gigantescas: "UM TUFÃO".

Depois: "UM FURACÃO DIRIGE-SE PARA MAHAGONNY".

TODOS — Oh! Funesta jornada!
A cidade da alegria vai ser arrasada!
Os furacões descem das montanhas
E a morte sai dos mares!
Oh! Funesta jornada!
Oh! Destino cruel!

Onde encontrar um muro que me ampare,
Onde encontrar uma gruta que me envolva.
Oh! Funesta jornada!
Oh! Destino cruel!

11

NAQUELA NOITE DE HORROR, UM SIMPLES LENHADOR, CHAMADO PAUL ACKERMANN, DESCOBRIU AS LEIS DA FELICIDADE HUMANA

Noite de furacão. Encostados num muro, sentados no chão, Jenny, Begbick, Paul, Jakob, Heinrich e Joe. Todos estão desesperados. Só Paul ri. Do fundo da cena ouvem-se as vozes dos cortejos que passam atrás do muro.

OS HOMENS DE MAHAGONNY *atrás da cena* — Coragem irmão, não esmoreça,
Mesmo que a luz do dia escureça,
Mantenha a fé no coração.
De que servem gemidos e lamentos
Pra quem luta contra o furacão?

JENNY *em voz baixa, triste* — Oh, moon of Alabama,
We now must say good-bye,
We've lost our good old mamma,
And must have whisky,
Oh, you know why.

JAKOB — Aonde quer que você vá
Não adianta.
Onde quer que você esteja
Você não escapa.
É melhor ficar quieto
E esperar
O fim.

OS HOMENS DE MAHAGONNY *fora de cena* — Coragem, irmão, não esmoreça,
Mesmo que a luz do dia escureça,
Mantenha a fé no coração.
De que servem gemidos e lamentos
Pra quem luta contra o furacão!

Paul ri.

BEGBICK *a Paul* — Por que você está rindo?

PAUL — Você está vendo: o mundo é assim.
Calma e harmonia, isso não existe,
Mas furacões, isso, sim, existe.
E, se não for o bastante, há tufões.
O homem é assim mesmo:
Ele precisa destruir tudo.
Para que se precisa de um furacão?
O que é a fúria de um tufão
Comparada ao homem quando quer se divertir?

Ao longe o coro repete: "Coragem, irmão. . ." etc.

JAKOB — Fique quieto, Paul!

JOE — Vai falar o que ainda?

HEINRICH — Senta, fuma e esquece!

PAUL — Pra que construir torres altas como o Himalaia,
Se não podemos derrubá-las
Para que se possa gargalhar?
O que está direito tem que ficar torto,
O que se eleva tem que cair.
Nós não precisamos de furacão
Nem precisamos de tufão,
Porque todo o horror de seu poder
Nós mesmos podemos fazer.

Ao longe... "Coragem, cidadão..." etc.

BEGBICK — Terrível é o furacão,
Mais terrível é o tufão,
Porém, o mais terrível é o homem.

PAUL *para Begbick* — Veja só, você fez tabuletas
E nelas escreveu:
Isto é proibido
Isto não pode.
Mas daí não surgiu a felicidade.
Companheiros, aqui está uma tabuleta
Onde se lê: Esta noite é proibido
Cantar músicas alegres.
Mas antes de bater duas horas
Eu, Paul Ackermann, vou cantar músicas alegres
Para que vocês vejam
Que nada é proibido!

JAKOB — Nós não precisamos de furacão,
Nem precisamos de tufão,
Porque todo o horror de seu poder
Nós mesmos podemos fazer.

JENNY — Fique quieto, Paul! Você vai falar o que ainda?
Vamos embora? Vem dormir comigo.

PAUL — Não, agora eu vou falar.

Não tenham vã esperança,
Não há retorno mais:
O dia traz bonança
E logo a noite avança,
Mas a manhã — jamais.

Não ouçam os enganos,
A vida é curto prazer:
Bebam-na em grandes tragos,
Senão, estarão roubados
Na hora de morrer.

Não creiam nos confortos,
Não há tempo a perder:
O mofo — para os mortos;
A vida é belo horto
Enquanto florescer.

Não caiam nas trapaças
Da vil exploração,
Não vem maior desgraça:
Vocês quais bichos passam —
É a última canção.

Aproxima-se da platéia.

Quando há algo
Que podes comprar com grana,
Pega, então, a grana.
Quando alguém passar com grana,
Dá-lhe uma paulada e toma a grana,
Isto é permitido!

Se quiseres viver numa casa,
Entra na casa
E deita-te na cama.
Se a mulher entrar, dá-lhe aconchego,
Mas se o teto cair, vai-te embora,
Isto é permitido!

Quando houver um pensamento
Que não conheces,
Pensa o pensamento.
Se ele custar grana ou exigir tua casa —
Pensa-o! Pensa-o!
Isto é permitido!

No interesse da ordem,
Em benefício do Estado,
Para o futuro da humanidade,
Pelo teu próprio conforto —
Tudo é permitido!

Todos se levantaram e tiraram os chapéus — Paul volta-se para eles e recebe as felicitações.

Os homens de Mahagonny *fora de cena* — Mantenham a
fé no coração!
De que servem gemidos e lamentos
Para quem luta contra o furacão?

Begbick *chama Paul com um sinal e o leva a um canto* — Você então acha que eu fiz mal em proibir algumas coisas?

Paul — Acho. Porque eu que sou alegre prefiro quebrar suas tabuletas e suas leis e pôr abaixo seus muros. Assim como faz o furacão, eu também faço. Eu pago. Aqui está.

Begbick *a todos* — Em breve deve vir o tufão,
Estejam à vontade.
Com o irromper do furacão,
Há plena liberdade.

Paul, Jakob, Heinrich e Joe — Só quando sopra o furacão
Vive-se plena a vida.
E como às vezes vem o tufão,
A lei seja abolida.
Cada dia
Desafia
Nossa livre lida.

Willy, o Procurador, e Moisés Trindade entram muito agitados.

Willy, o Procurador, e Moisés Trindade — Pensacola está
destruída!
Pensacola está destruída!
E o tufão segue seu caminho
Em direção a Mahagonny!

Begbick *exclama triunfante* — Pensacola!
Pensacola!
Os tiras já estão mortos!
E são destruídos o justo e o pecador!
Todos terão que morrer.

Paul — E é por isso que eu lhes ordeno:
Esta noite façam tudo o que é proibido!
Quando o furacão chegar, ele faz assim!
Portanto cantem, pois é proibido cantar!

Os homens de Mahagonny *muito perto, atrás do muro* —
Acalmem-se! Acalmem-se!

Paul com Jenny e Joe — Então cantem conosco,
Cantem conosco tudo o que é alegre.
Por ser proibido.
Cantem conosco!

Paul sobe no muro.

Paul — Quem faz sua cama, se deita,
Pois ninguém vive só de mercê;
E, se alguém sai pisado na vida,
Não sou eu, esse alguém é você!

Todos — Quem faz sua cama, se deita,
Pois ninguém vive só de mercê;
E, se alguém sai pisado na vida,
Não sou eu, esse alguém é você!

As luzes se apagam. Nas telas do fundo, só se vê um mapa com uma flecha luminosa que se dirige para Mahagonny, indicando o trajeto do furacão.

Coro *ao longe* — Coragem, irmão, não *esmoreça!*

12

Sob uma luz pálida, os homens e as garotas de Mahagonny esperam na estrada, perto da cidade. Nas telas ao fundo, vê-se, como no final da 11.ª cena, a flecha que se dirige lentamente para Mahagonny. A intervalos regulares, enquanto a orquestra toca seu tema, um alto-falante anuncia: "O furacão se dirige para Atsena numa velocidade de 120 milhas por hora".

2.º comunicado:

"Atsena completamente destruída. Não se têm notícias. Impossível comunicação com Atsena".

3.º comunicado:

"A velocidade do furacão aumenta. Ele vai em linha reta na direção de Mahagonny. As comunicações telefônicas com Mahagonny estão cortadas. 11.000 mortos em Pensacola".

Todos acompanham a flecha com os olhos, aterrorizados. Um instante antes de atingir Mahagonny, a flecha pára. Silêncio mortal. A flecha descreve rapidamente um semicírculo em torno de Mahagonny e prossegue seu trajeto. Comunicado: "O furacão se desviou da cidade de Mahagonny e seguiu seu caminho".

CORO, GAROTAS E HOMENS — Oh! Solução milagrosa!
A cidade da alegria foi poupada.
Os furacões contornaram a cidade a grande altura,
E a morte voltou para as águas.
Oh! Solução milagrosa!

A PARTIR DESSE DIA, O LEMA DOS HABITANTES DE MAHAGONNY PASSOU A SER "TUDO É PERMITIDO", CONFORME TINHAM APRENDIDO DURANTE A NOITE DE HORROR.

13

MAIS OU MENOS UM ANO APÓS O GRANDE FURACÃO, HÁ INTENSO MOVIMENTO EM MAHAGONNY

Os homens vão para o proscênio e cantam:

CORO — Vem primeiro a barriga
E em segundo vem amar,
Em terceiro vem a briga,
E beber, em quarto lugar!
Fique bem compreendido:
Aqui é tudo permitido!

Os homens se dispersam pela cena e começam a tomar parte nos acontecimentos. Nas telas do fundo aparece, em letras gigantescas, a palavra "COMER". Alguns homens estão sentados, cada um numa mesa, onde há muita carne. Entre eles, Paul. No centro da cena, Jakob, agora chamado o "morto de fome", está sentado numa mesa e come sem parar. Ao lado, os dois músicos.

JAKOB, O MORTO DE FOME — Já comi quatro bois,
E eu quero comer mais uns dois!
Isto só não dá para eu me encher,
Eu queria é me comer.

PAUL E JAKOB — Irmão, se é para o seu bem,
Irmão, nunca deixe para depois!

ALGUNS HOMENS — Seu Schmidt, engorde mais,
Coma mais, coma mais um boi.

JAKOB, O MORTO DE FOME — Irmãos, por favor, olhem para mim!
Quem come tanto assim?
Fico em paz só quando acabar.
Tudo esqueço assim!
Quero mais, irmãos!...

Cai morto. Os homens fazem uma roda em volta dele e tiram os chapéus.

Os HOMENS — Vejam! Schmidt está morto!
Vejam a sua expressão!
Vejam como ele está feliz!
Vejam como ele está insaciável!
Pois ele se empanturrou,
Pois ele não parou de comer,
Um homem sem temor!

Os homens recolocam os chapéus.

Os HOMENS *passando pelo proscênio* — E em segundo vem amar!

14

Nas telas do fundo, lê-se em letras enormes: "AMAR". Num estrado está montado um quarto simples. Begbick está sentada no meio do quarto, com uma mulher à sua esquerda e um homem à sua direita. Embaixo do estrado os homens de Mahagonny fazem fila. Música ao fundo.

BEGBICK *para o homem à sua direita* — Cospe o chiclete, meu bem!
Lava as mãos com cuidado!
Vai devagar!
E diz qualquer coisa pra ela!

Os HOMENS *sem levantar a cabeça* — Cospe o chiclete, meu bem!
Lava as mãos com cuidado!
Vai devagar!
E diz qualquer coisa pra ela!

O quarto se escurece aos poucos.

Vai, vai depressa!
Cantem a canção de Mandelay!
O amor nos leva para fora do mundo!
Rapazes, depressa! É questão de segundo!
A lua nem sempre te iluminará, Mandelay!

O quarto se ilumina novamente. Agora, a cadeira do homem está vazia.

BEGBICK — Dinheiro só não dá tesão.

Os HOMENS *sem olhar para cima* — O dinheiro só não dá tesão.

O quarto escurece outra vez.

Vai, vai depressa!
Cantem a canção de Mandelay!
O amor nos leva para fora do mundo!
Rapazes, depressa! É questão de segundo!
A lua nem sempre te iluminará, Mandelay!

O quarto se ilumina novamente. Entra outro homem, pendura o chapéu no gancho e senta-se na cadeira vazia. O quarto se escurece novamente aos poucos.

Os HOMENS — A lua nem sempre te iluminará, Mandelay!

Quando o quarto novamente se ilumina, Paul e Jenny estão sentados nas duas cadeiras, lado a lado, a alguma distância um do outro. Ele fuma, ela se pinta.

JENNY — Veja os grous no céu, em grande arcada!

PAUL — E as altas nuvens, que, em missão cumprida,

JENNY — Os acompanham de jornada em jornada,

PAUL — Migrando de uma vida a outra vida.

JENNY — Na mesma altura e em semelhante pressa.

Os DOIS — Unidos alçam vôo lado a lado

JENNY — Para que a ambos no alto favoreça
O belo céu que trilham os amados

PAUL — Para que sempre juntos permaneçam

JENNY — E nunca se separem, enlaçados
No vôo: um do outro companheiro.

PAUL — Embora ao nada sejam transportados,
Suas presenças desfrutam, amorosos.

JENNY — O nada é impotente contra os amados

PAUL — Expulsos do país, sem moradia,
Por chuva e por granizo eternamente.
JENNY — Ao sol ardente, ou à lua fria
Abraçam-se, voando, ternamente.
PAUL — Fugindo?
JENNY — Sim.
PAUL — De quem?
JENNY — De todos, tão-somente.
PAUL — Se perguntais: há quanto tempo são amantes?
JENNY — Há pouco.
PAUL — E separam-se, como antes?
JENNY — Em breve, claro.
OS DOIS — Assim o amor aos amantes dá amparo.

Os homens passam pelo proscênio.

HOMENS — Vem primeiro a barriga
E em segundo vem amar,
Em terceiro vem a briga,
E beber, em quarto lugar!
Que fique bem compreendido:
Aqui é tudo permitido!
(Quem não tem grana está perdido!)

15

Os homens voltam à cena onde, diante de uma tela de fundo, onde se lê a palavra "LUTAR", é instalado um ringue de boxe. Ao lado, sobre um estrado, toca uma banda de música.

JOE *de pé numa cadeira* — Ei, meus senhores, nós organizamos
Uma luta de boxe que terminará em K.O.
Vão se encontrar
Moisés Trindade e eu, o Lobo-do-Alasca-Joe.

WILLY, O PROCURADOR — Você está louco? Lutar com Moisés Trindade?
Meu filho, é melhor se mandar!
Diabo, isso não é luta, é crime a sangue frio.
Ele vai te matar!
JOE — Por enquanto ainda não morri,
E todo o dinheiro do Alasca que trouxe para aqui
Aposto em mim para valer!
E peço a todos que me conhecem
E desde criança me enaltecem
Que apostem em mim! Não vão perder!
Paul, eu conto com você especialmente,
Que acredita mais na cabeça do que no murro,
Mais no astuto do que no burro:
Pode apostar até seu último tostão
Em mim, Joe, o Lobo do Alasca, teu irmão.
OS HOMENS — Quem acredita mais na cabeça do que no murro,
Mais no astuto do que no burro,
Pode apostar até seu último tostão
Em Joe, o Lobo do Alasca, nosso irmão.

Joe aproxima-se de Heinrich.

HEINRICH — Joe, você é um cara porreta,
Mas, perto aí desse careta,
Eu fiquei meio cabreiro,
Não vou apostar mais meu dinheiro.

Joe se aproxima de Paul.

PAUL — Joe, sempre fui teu amigo,
E não vou deixar de ser na hora do perigo,
Por isso é que eu aqui venho
Apostar em você tudo o que tenho.
JOE — Paul, tua dedicação
Me traz de volta o Alasca ao coração,
Os sete invernos, o grande frio,
Nós dois cortando árvores à beira do rio.

Paul — Joe, eu juro que queria apostar
Ainda mais se pudesse pagar.
Os sete invernos, o grande frio,
Nós dois cortando árvores na beira do rio.
Para mim você é o Alasca inteiro.

Joe — Você não vai perder o teu dinheiro.
Eu preferia morrer, meu companheiro.

O ringue ficou pronto. Entra Moisés Trindade.

Os homens — Viva, viva, viva, Moisés Trindade!
Vamos Moisés! Porrada nele!

Voz de mulher — Isto é um crime!

Moisés Trindade — Sinto muito!

Os homens — Só precisa dar um golpe!

Árbitro *apresentando os dois lutadores* — Moisés Trindade, duzentas libras
Versus Joe, o Lobo do Alasca, 170!

Um homem *gritando* — Não vale!

Últimos preparativos para o combate.

Paul *de baixo para cima* — Alô, Joe!

Joe *saudando para baixo* — Alô, Paul!

Paul — Vê se não engole os dentes.

Joe — Eu não sou trouxa.

Começa a luta.

Os homens *falando alternadamente* — Vamos! Não vale!
Burrice! Está apanhando!
Cuidado! Não caia! Golpe baixo! Solta!
Boa! Não faz mal! O lábio aberto!
Vamos! Pega ele, Joe! Bem feito! Está perdido!

Moisés e Joe lutam compassadamente.

Vamos, Moisés!
Vai logo com isso!
Quebra a cara dele!
Faz dele uma lingüiça!

Joe cai.

Árbitro — O homem está morto.

Gargalhada grande e demorada. A multidão se dispersa.

Os homens *saindo* — K.O. é K.O. Ele não dava para isso.

Árbitro — Vencedor: Moisés Trindade!

Moisés Trindade — Sinto muito.

Sai.

Heinrich *para Paul. Estão sós no ringue* — Bem que eu te disse. Agora ele está K.O.

Paul *em voz baixa* — Alô, Joe.

Os homens passam pelo proscênio

Vem primeiro a barriga
E em segundo vem amar,
Em terceiro vem a briga,
E beber, em quarto lugar!
Que fique bem compreendido:
Aqui é tudo permitido!

16

Os homens estão de novo em cena. Nas tabuletas de fundo lê-se "BEBER". Os homens sentam-se, põem os pés em cima das mesas e bebem. No primeiro plano, Paul, Jenny e Heinrich jogam bilhar.

Paul — Meus amigos, eu os convido
A acabar com o que é sério.
Ontem Joe estava vivo,
Hoje está no necrotério.
Viúva Begbick: sirva uma rodada!

Os homens — Boa, Paul! Por que não? Apoiado!

Em Mahagonny eram precisos
Cinco dólares por dia,

Mas, para entrar mesmo na festa,
Precisa pagar extra.
E passavam o dia inteiro
Apostando seu dinheiro,
Quase sempre para perder.
Mas isto lhes dava prazer.
Sobre o mar e sobre a terra
A pele humana é um produto cotado.
Todo mundo então vai para o mercado
E vende a pele do irmão,
Pois a pele sempre se transforma em cifrão.

PAUL — Viúva Begbick! Para os cavalheiros, mais uma rodada!

OS HOMENS — Boa, Paul! Passa para cá o whisky! Apoiado!
Sobre o mar e sobre a terra
O consumo de pele fresca é incrível.
Vai sempre um pouco de carne junto. Coisa chata.
Mas quem pagará seus pileques?
Whisky é caro e pele é barata.
Em Mahagonny eram precisos
Cinco dólares por dia,
Mas, para entrar mesmo na festa,
Precisa pagar extra.
E passavam o dia inteiro
Apostando seu dinheiro,
Quase sempre para perder.
Mas isto lhes dava prazer.

BEGBICK — E agora, meus senhores, está na hora de pagar.

PAUL *baixo para Jenny* — Jenny, vem cá!
Acabou meu dinheiro.
O melhor a fazer é fugir,
Não importa para onde!

Alto, mostrando a mesa de bilhar:

Meus senhores: neste barco eu os convido a entrar,
Para uma pequena viagem por mar!

Baixo, de novo:

Não sai de perto de mim, Jenny,
A terra firme está tremendo.
Não sai de perto de mim, Heinrich,
Eu vou voltar para o Alasca,
Esta cidade está fedendo.

Alto:

Esta noite mesmo, volto de barco para o Alasca.

Todos construíram um "barco" com a mesa de bilhar, uma vara de cortina etc. Paul, Heinrich e Jenny "embarcam" e representam as peripécias de uma navegação na mesa de bilhar.

PAUL — O álcool já foi mijado,
A persiana rosa, abaixada,
O tabaco, fumado,
E a vida, gozada.
Icem a vela antes da borrasca,
E vamos voltar para o Alasca.

Os homens estão sentados embaixo e se divertem.

OS HOMENS — Boa, Paul! Grande navegador!
Olhem como ele sabe velejar!
Tira a roupa, Jenny, já estamos no Equador.
Segura o chapéu, Heinrich, cuidado com o vento do mar!

JENNY — Meu Deus! Não é um tufão que vem vindo?

OS HOMENS *solenes, em tom de coral* — Olhem como de negro
O céu todo se cobre!

Os homens imitam a tempestade, assobiando e uivando.

JENNY E PAUL *uivando* — A hora não é para rir!
A noite está feia. O mar está se agitando.
O barco joga. A noite é de breu.
E de nós três, seis estão vomitando.

Os HOMENS — Como o céu está negro!
Vejam só como o céu está negro!

JENNY *agarrando-se apavorada ao mastro* — Vamos cantar "A noite está feia", para não perder a coragem.

HEINRICH — "A noite está feia" é excelente, quando se perde a coragem.

PAUL — Por via das dúvidas, vamos cantar.

JENNY, PAUL E HEINRICH — A noite está feia. Está feio o mar.
Luta o barco valente!
Escutem o sino agourento dobrar!
Olhem um recife ali em frente!

JENNY — Naveguem mais depressa! Sejam prudentes! Nunca naveguem contra o vento! Nada de experiências agora!

Os HOMENS — Ouçam,
Ouçam o vento gemer nas vergas!
Vejam,
Vejam o céu que se cobre de negro!

HEINRICH — Se a tempestade piora, não será melhor a gente se amarrar no mastro?

PAUL — Não, meus amigos, aquela escuridão toda
São as florestas do Alasca.
Desembarquem agora.
Estamos salvos.

Desce e grita:

Ei, aqui é o Alasca?

Moisés Trindade aparece a seu lado.

MOISÉS TRINDADE — O dinheiro para as bebidas!

PAUL *profundamente desapontado* — Ah! Aqui é Mahagonny!

Os homens avançam de copo na mão.

Os HOMENS — Paul, você sempre nos deu de beber.
E nós bebemos à tua saúde.
Você sempre nos deu de beber e comer,
Comida e bebida você sempre nos deu.

BEGBICK — Agora pague, meu bem!

PAUL — Viúva Begbick, que coisa engraçada,
Minha carteira não tem mais nada.
Deixa eu ver no bolso... Só tem pano.

BEGBICK — Você quer me dar o cano?

JENNY — Vamos, Paul, procura direito.
Deve ter sobrado alguma coisa.

PAUL — Como eu estava dizendo...

MOISÉS TRINDADE — Então, o senhor não tem mais dinheiro?
Então, o senhor não quer mais pagar?
O senhor sabe o que isto significa?

WILLY, O PROCURADOR — Meu caro, chegou a tua hora.

Com exceção de Heinrich e Jenny, todos se afastaram.

BEGBICK *para Heinrich e Jenny* — Vocês não podem tirá-lo do sufoco? *Heinrich se afasta sem dizer nada.* E você, Jenny?

JENNY — Eu?

BEGBICK — É. Você. Por que não?

JENNY — Essa é boa!
Até isso nós temos que dar agora!

BEGBICK — Então não se pode contar com você?

JENNY — Não. Não mesmo!

MOISÉS TRINDADE — Amarrem ele!

Enquanto Jenny, andando de um lado para o outro do proscênio, canta a canção, amarram Paul.

JENNY — Meus senhores, mamãe dizia
Que eu ia acabar mal.
"Teu fim é o necrotério,
A sarjeta ou o tribunal".

É. Isso é fácil de dizer,
Mas eu lhes digo: comigo não vai acontecer!
Não vou acabar no lixo,
Vocês vão ver o que eu vou ser.
O homem não é bicho.
Quem faz sua cama, se deita,
Pois ninguém vive só de mercê;
E, se alguém sai pisado na vida,
Não sou eu, esse alguém é você!

Meus senhores, meu amiguinho
Toda noite me repetia:
"O amor é tudo o que existe,
Amanhã é outro dia".
Mas o amor é um sonho oco,
Cada dia te gasta um pouco.
O tempo passa. O corpo fica um lixo.
Não tenho tempo pra perder.
O homem não é bicho.
Quem faz sua cama, se deita,
Pois ninguém vive só de mercê;
E, se alguém sai pisado na vida,
Não sou eu, esse alguém é você!

Moisés Trindade — Aqui está um cidadão
Que não paga a consumação.
Crime! Loucura! Perversão!
E o mais grave: sem tostão!

Levam Paul.

Naturalmente ele vai ser enforcado.
Mas não se incomodem. Isso não é nada.

Todos voltam para seus lugares e continuam a beber e jogar bilhar.

Os homens — Quem não arrisca não petisca,
Não precisa de cinco dólares,
Casa com mulher que presta,

Não precisa pagar extra.
Mas todo mundo se arriscou,
No botequim de Deus se sentou.
Ganham agora para valer.

Marcam o ritmo batendo com o pé em cadência.

Mas nada lhes dá prazer.

Calam-se e põem de novo, tranqüilamente, os pés em cima das mesas. Os homens passam pela rampa cantando. Depois saem pelos fundos.

Os homens — Vem primeiro a barriga
E em segundo vem amar,
Em terceiro vem a briga,
E beber, em quarto lugar!
Que fique bem compreendido:
Aqui é tudo permitido!

17

Paul Ackermann algemado. É noite.

Quando o céu clarear,
Começa um dia medonho,
Mas o céu ainda está escuro.
A noite
Não pode acabar,
O dia
Não pode chegar.

Estou com medo de que eles estejam chegando.

Vou me deitar no chão
Quando estiverem aqui.
Eles vão ter que me arrancar do chão
Se quiserem me levar.
A noite
Não pode acabar,

O dia
Não pode chegar.
Enche o cachimbo,
Meu velho,
E fuma tudo.
O que você viveu
Já foi o bastante.
E com o que vier agora
Enche o cachimbo.

É claro que o céu ainda vai ficar muito tempo escuro.

O dia nasce.

Não pode haver luz,
Pois então começará um dia medonho.

18

OS TRIBUNAIS DE MAHAGONNY NÃO ERAM PIORES DO QUE OUTROS TRIBUNAIS

Tenda de tribunal. Uma mesa, três cadeiras e um estrado de ferro como nos auditórios de clínicas cirúrgicas.

No anfiteatro, o público lê jornal, masca e fuma. Begbick está sentada na cadeira do juiz e Willy, o Procurador, no banco da defesa. No banco dos acusados, um homem.

Mosés Trindade, *de promotor, na entrada* — Todo mundo
já tem seu bilhete?
Ainda há três lugares de cinco dólares!
Dois processos de primeira!
Um bilhete custa só cinco dólares,
Somente cinco dólares, meus senhores,
Para ouvir a voz da Justiça!

Como ninguém aparece, ele volta para o banco do promotor.

Primeiro: o caso de Tobby Higgins.

O acusado se levanta.

Acusado de assassinato premeditado
Para experimentar um revólver velho.
Nunca se viu
Crime tão horripilante!
Violou sem pudor
As leis do sentimento humano!
A Justiça ultrajada
Clama por vingança!
Por isso a promotoria,
Levando em conta o cinismo do acusado,
Um homem incrivelmente abjeto,
Propõe que a Justiça siga seu curso.

Hesitando:

E que ela...
Diante da evidência...
O absolva!

Durante o discurso do "promotor", o acusado e Begbick pechincham desesperadamente, com gestos. O acusado mostra com os dedos quanto está disposto a pagar pelo suborno. Begbick pede cada vez mais. A pausa no fim da acusação marca o momento em que o acusado aumenta pela última vez a sua oferta.

Begbick — Qual é a solicitação da Defesa?

Willy, o Procurador — Onde está o lesado?

Silêncio.

Os homens, *público nas arquibancadas* — Os mortos não
falam.

Begbick — Se nenhum lesado aparece,
Somos obrigados a absolvê-lo.

O réu vai para a arquibancada do público.

Moisés Trindade *continuando a ler* — Segundo: o caso de
Paul Ackermann,
Acusado de roubo e calote.

Entra Paul, algemado, conduzido por Heinrich.

Paul *antes de sentar-se no banco dos réus* — Por favor, Heini, me dá cem dólares,
Para que o meu caso seja julgado com humanidade.

Heinrich — Paul, você é um cara porreta,
Mas cem dólares é outra coisa.

Paul — Heini, você se lembra
De nossa vida no Alasca?
Os sete invernos, o grande frio,
Nós dois cortando árvores na beira do rio?
Me dá o dinheiro!

Heinrich — Ah! Paul, como me lembro
De nossa vida no Alasca.
Os sete invernos, o grande frio,
Nós dois cortando árvores na beira do rio.
Como era duro
Ganhar dinheiro!
Por isso, Paul, eu não posso
Te dar o dinheiro.

Moisés Trindade — Acusado, o senhor não pagou
Seu whisky e uma vara de cortina.
Nunca se viu
Crime tão horripilante!
Violou sem pudor
As leis do sentimento humano!
A Justiça ultrajada
Clama por vingança!
Por isso a promotoria
Propõe qua a Justiça siga seu curso.

Durante o discurso do promotor, Paul ignora os sinais de Begbick. Begbick, Moisés Trindade e Willy, o Procurador, trocam olhares significativos.

Begbick — Então inicio o interrogatório geral
Contra você, Paul Ackermann!
Mal pôs os pés em Mahagonny,
Você seduziu uma donzela chamada Jenny Smith
E obrigou-a a entregar-se a você
Em troca de dinheiro.

Willy, o Procurador — Onde está o lesado?

Jenny *adiantando-se* — Sou eu.

Murmúrio dos espectadores.

Begbick — E quando houve a ameaça do tufão,
Na hora do desespero,
Você cantou uma canção alegre.

Willy, o Procurador — Quem é o lesado?

Os homens — Não aparece nenhum lesado?
Não há lesado algum.
E, se não há lesado,
Ainda te sobra uma esperança, Paul Ackermann!

Moisés Trindade *interrompendo-os* — Mas naquela mesma noite
Este homem aqui se comportou
Como se fosse o tufão
E seduziu a cidade inteira
E destruiu a paz e a harmonia.

Os homens — Muito bem! Viva Paul!

Heinrich *levanta-se de seu lugar na arquibancada* — Foi este modesto lenhador do Alasca
Quem descobriu as leis da felicidade
Segundo as quais vocês todos vivem,
Homens de Mahagonny!

Os homens — Por isso, Paul Ackermann, o lenhador do Alasca,
Deve ser absolvido.

HEINRICH — Paul, é por você que faço isso.
Porque me lembro do Alasca,
Dos sete invernos, do grande frio,
E nós dois cortando árvores na beira do rio.

PAUL — Heinrich, o que você fez por mim aqui
Me lembra o Alasca,
Os sete invernos, o grande frio,
E nós dois cortando árvores na beira do rio.

MOISÉS TRINDADE *batendo na mesa* — Pois "este modesto lenhador do Alasca"
Foi quem, durante uma luta de boxe,
Empurrou um amigo para a morte certa
Só para ganhar muito dinheiro.

HEINRICH *levanta-se com um pulo* — Mas, Meritíssima Corte,
Quem foi que matou o amigo?

BEGBICK — Quem matou o mencionado Joe, o Lobo do Alasca?

MOISÉS TRINDADE *depois de uma pausa* — A Corte ignora este detalhe.

HEINRICH — De todos os que estavam assistindo à luta,
Ninguém apostou nele,
Quem arriscava sua vida na luta,
A não ser Paul Ackermann, aqui presente.

OS HOMENS *alternadamente* — É por isto que Paul Ackermann deve ser condenado.
É por isto que Paul Ackermann, o lenhador do Alasca,
Deve ser absolvido.

Os homens aplaudem e vaiam

MOISÉS TRINDADE — E agora o ponto principal da acusação:
Você bebeu três garrafas de whisky
E se divertiu com uma vara de cortina.
Mas por que, Paul Ackermann,
Você não pagou a sua conta?

PAUL — Não tenho dinheiro.

HOMENS *alternadamente* — Ele não tem dinheiro!
Não paga o que deve!
Abaixo Paul Ackermann!
Abaixo com ele!

BEGBICK — Mas onde estão os lesados?

Begbick, Willy, o Procurador, e Moisés Trindade levantam-se.

OS HOMENS — Olhem, aí estão os lesados.
São estes, portanto, os lesados.

WILLY, O PROCURADOR — Meritíssima Corte: a sentença!

BEGBICK — Considerando a situação econômica desfavorável, o tribunal reconhece circunstâncias atenuantes. Paul Ackermann, você é condenado...

MOISÉS TRINDADE — Por assassinato indireto de um amigo...

BEGBICK — A dois dias de prisão.

MOISÉS TRINDADE — Por ter ameaçado a paz e a harmonia...

BEGBICK — À cassação dos direitos civis por dois anos.

MOISÉS TRINDADE — Por ter seduzido uma donzela, chamada Jenny...

BEGBICK — A quatro anos com "sursis".

MOISÉS TRINDADE — Por ter cantado canções proibidas durante o furacão...

BEGBICK — A dez anos de prisão.
Mas por não ter pago
Minhas três garrafas de whisky
E minha vara de cortina,
A Corte te condena à morte, Paul Ackermann!

BEGBICK, MOISÉS TRINDADE E WILLY, O PROCURADOR — Por não ter dinheiro,
O que é o maior crime
Sobre a face da terra.

Tempestade de aplausos.

19

EXECUÇÃO E MORTE DE PAUL ACKERMANN. MUITOS ESPECTADORES, SEM DÚVIDA, NÃO GOSTARÃO DE ASSISTIR À EXECUÇÃO DE PAUL ACKERMANN, QUE AGORA SE SEGUE. MAS ACHAMOS QUE TAMBÉM ELES NÃO PAGARIAM A DÍVIDA DELE. TÃO GRANDE É O RESPEITO AO DINHEIRO HOJE EM DIA

No fundo, uma projeção que mostra uma vista panorâmica de Mahagonny, sob uma luz suave. De pé, em vários grupos, muita gente. Quando Paul aparece, levado por Moisés Trindade, Jenny e Heinrich, os homens tiram o chapéu. À direita, estão instalando a cadeira elétrica.

Moisés Trindade *a Paul* — Cumprimente!
Não vê que estão te cumprimentando?

Paul cumprimenta.

Põe logo em ordem seus assuntos terrenos,
Pois estes senhores que vieram assistir à sua morte
Não estão interessados na sua vida privada.

Paul — Querida Jenny,
Partirei agora.
Passamos juntos
Dias agradáveis.
O fim também
Foi agradável.

Jenny — Querido Paul,
Eu também passei horas felizes
Com você.
Agora não sei
O que vai ser de mim.

Paul — Vai por mim,
Que há muitos como eu.

Jenny — Não é verdade.
Aqueles tempos não voltam mais.

Paul — Mas você não está vestida de branco,
Como uma viúva?

Jenny — É que eu sou a tua viúva.
E nunca mais vou te esquecer
Quando voltar para a vida.

Paul — Me dá um beijo, Jenny!

Jenny — Me dá um beijo, Paul!

Paul — Não se esqueça de mim.

Jenny — Nunca.

Paul — Não me guarde rancor.

Jenny — Mas, por quê?

Paul — Me dá um beijo, Jenny.

Jenny — Me dá um beijo, Paul.

Paul — Eu te confio
Ao meu último amigo Heinrich.
É o único que sobrou
De nós quatro do Alasca.

Heinrich — Adeus, Paul!

Paul — Adeus, Heinrich!

Vão para o lugar da execução.

Alguns homens *passam e dizem uns para os outros* — Vem
primeiro a barriga
E em segundo vem amar,
Em terceiro vem a briga,
E beber, em quarto lugar!

Paul pára e os acompanha com os olhos.

Moisés Trindade — Você ainda quer dizer alguma coisa?

Paul — Mas vocês vão me executar mesmo, de verdade?

Begbick — Claro! É assim que se faz.

Paul — Mas vocês não sabem que existe um Deus?

Begbick — Que existe um quê?

Paul — Um Deus!

BEGBICK — Ah, entendi! Se existe um Deus para nós? Deixa que a gente te responde. Vamos representar de novo para ele a peça "Deus em Mahagonny". E você, enquanto isso, senta na cadeira elétrica!

Quatro homens e Jenny Smith se adiantam e representam, diante de Paul Ackermann, "Deus em Mahagonny".

OS QUATRO HOMENS — Numa manhã cinzenta,
Em pleno whisky,
Deus veio a Mahagonny,
Em pleno whisky,
Nós vimos Deus em Mahagonny!

MOISÉS TRINDADE, *que representa o papel de Deus, destaca-se do grupo, avança e esconde o rosto com o chapéu* —
Vocês bebem como esponjas
Durante o ano inteiro meu trigo?
Ninguém acreditava que eu vinha.
E agora, qual vai ser o castigo?

JENNY — Se olharam os homens de Mahagonny.
É, disseram os homens de Mahagonny.

OS QUATRO — Numa manhã cinzenta,
Em pleno whisky,
Deus veio a Mahagonny,
Em pleno whisky,
Nós vimos Deus em Mahagonny!

MOISÉS TRINDADE — Vocês riem na sexta-feira?
Eu vi Mary Weemann boiar
No lago que nem um bacalhau,
E, meus senhores, ela não vai mais secar!

JENNY — Se olharam os homens de Mahagonny.
É, disseram os homens de Mahagonny.

OS QUATRO, *como se não tivessem ouvido nada* — Numa manhã cinzenta,
Em pleno whisky,
Deus veio a Mahagonny,

Em pleno whisky,
Nós vimos Deus em Mahagonny!

MOISÉS TRINDADE — Vocês conhecem estas balas?
Andam matando meu bom missionário?
Acham que eu recebo no céu
Alma de bêbado salafrário?

JENNY — Se olharam os homens de Mahagonny.
É, disseram os homens de Mahagonny.

OS QUATRO — Numa manhã cinzenta,
Em pleno whisky,
Deus veio a Mahagonny,
Em pleno whisky,
Nós vimos Deus em Mahagonny!

MOISÉS TRINDADE — Vão todos pro inferno!
Apaguem o charuto, seus veados!
Coluna por um! Cobrir! Marchar!
Quero ver todos assados!

JENNY — Se olharam os homens de Mahagonny.
Não, disseram os homens de Mahagonny.

OS QUATRO — Numa manhã cinzenta,
Em pleno whisky,
Você veio a Mahagonny,
Em pleno whisky,
Botando banca em Mahagonny!
Ninguém sai do lugar.
Greve geral! Nós não vamos!
Você para o inferno não pode nos mandar.
Pois no inferno nós já estamos.

JENNY *grita num megafone* — Se olharam os homens de Mahagonny.
Não, disseram os homens de Mahagonny.

PAUL — Agora eu estou compreendendo. Quando vim a esta cidade para comprar felicidade com dinheiro, estava assinando meu atestado de óbito. Agora estou sentado aqui e não desfrutei de nada. Eu mesmo vivia dizendo: cada um deve pegar sua faca e cortar o pedaço de carne de que gosta. Mas a carne estava podre! A felicidade que comprei não era felicidade, e a liberdade que eu tive à custa de dinheiro não era liberdade. Eu comia e não matava a fome, eu bebia e ficava com mais sede. Me dêem um copo d'água!

MOISÉS TRINDADE *pondo-lhe o capacete* — Pronto!

20

NAS ÚLTIMAS SEMANAS DA CIDADE-ARAPUCA, OS SOBREVIVENTES INCORRIGÍVEIS PERCORRIAM AS RUAS EM MARCHAS, EM DEFESA DE SEUS IDEAIS, NO MEIO DE UMA CONFUSÃO CRESCENTE, NO MEIO DA CARESTIA E DA HOSTILIDADE DE TODOS CONTRA TODOS

Vê-se nas telas do fundo a cidade de Mahagonny em chamas. Depois aparecem os cortejos de manifestantes que andam, sem ordem, em todos os sentidos, uns contra os outros, até o final.

PRIMEIRO CORTEJO

Begbick, Willy, o Procurador, Moisés Trindade e Cia. As inscrições nos cartazes do primeiro cortejo dizem:

PELA CARESTIA,
PELA LUTA DE TODOS CONTRA TODOS,
PELO CAOS DAS NOSSAS CIDADES,
PELA CONTINUAÇÃO DA IDADE DE OURO!

PRIMEIRO CORTEJO

Esta bela Mahagonny tem de tudo,
Enquanto vocês tiverem dinheiro.
Tem o que se pretenda,
Pois tudo está à venda,
E não há nada que não se possa comprar.

As inscrições dos cartazes do segundo cortejo dizem:

PELA PROPRIEDADE
PELA DESAPROPRIAÇÃO DOS OUTROS
PELA JUSTA DISTRIBUIÇÃO DOS BENS CELESTES
PELA INJUSTA DISTRIBUIÇÃO DOS BENS TERRENOS
PELO AMOR
PELA COMERCIALIZAÇÃO DO AMOR
PELA DESORDEM NATURAL DAS COISAS
PELA CONTINUAÇÃO DA IDADE DE OURO

SEGUNDO CORTEJO

Nós não precisamos de furacão
Nem precisamos de tufão,
Porque todo o horror de seu poder
Nós mesmos podemos fazer.

As inscrições dos cartazes do terceiro cortejo dizem:

PELA LIBERDADE DOS RICOS
PELA CORAGEM CONTRA OS FRACOS
PELA GLÓRIA DOS ASSASSINOS
PELA GRANDEZA DA LAMA
PELA PERVERSIDADE ETERNA
PELA CONTINUAÇÃO DA IDADE DE OURO

TERCEIRO CORTEJO

Quem faz sua cama, se deita,
Pois ninguém vive só de mercê;
E, se alguém sai pisado na vida,
Não sou eu, esse alguém é você!

PRIMEIRO CORTEJO *voltando com os cartazes*

Mas em toda esta Mahagonny
Se vocês não têm dinheiro não há nada.
Com dinheiro há tudo
E sem dinheiro, nada!
Só no dinheiro o homem pode se segurar.

QUARTO CORTEJO

As garotas trazem, numa almofada de linho, o relógio, o revólver e o talão de cheques de Paul Ackermann e, pendurada numa vara, a camisa.

Oh, moon of Alabama,
We now must say good-bye,
We've lost our good old mamma,
And must have dollars,
Oh, you know why.

QUINTO CORTEJO *com o cadáver de Paul Ackermann. Logo depois, um cartaz com a inscrição:*
PELA JUSTIÇA

QUINTO CORTEJO

Podem lhe trazer vinagre,
Podem lhe esfregar a cara,
Podem pegar a torquês,
Podem lhe arrancar a língua,
Não podem ajudar um homem morto.

SEXTO CORTEJO *com um cartaz pequeno:*
PELA BURRICE

SEXTO CORTEJO

Podem doutriná-lo,
Podem gritar com ele,
Podem deixá-lo aqui,
Podem levá-lo embora,
Não podem exigir nada de um homem morto.
Podem lhe dar dinheiro,
Podem lhe cavar um buraco,
Podem jogá-lo dentro,
Podem fechar o buraco,
Não podem ajudar um homem morto.

SÉTIMO CORTEJO *com um gigantesco cartaz:*
PELA CONTINUAÇÃO DA IDADE DE OURO

SÉTIMO CORTEJO
Podem contar os seus feitos,
Podem esquecer seus feitos,
Não podem ajudar um homem morto.

Cortejos intermináveis se cruzam sem parar.

TODOS OS CORTEJOS
Não podem ajudar nem vocês, nem nós, nem ninguém.

O vôo sobre o oceano

Peça didática radiofônica para
rapazes e moças

Der Ozeanflug
Radiolehrstück für Knaben und Mädchen

Escrito em 1928/29
Estréia: 27.7.1929 em Baden-Baden

Tradução: Fernando Peixoto

Colaboradores: E. Hauptmann, K. Weill

1

APELO GERAL

RÁDIO — A coletividade pede a vocês: repitam
A primeira travessia aérea do oceano.
Todos juntos
Cantem as canções
E juntos leiam o texto.
Aqui está o aparelho.
Suba nele.
Lá na Europa estão à sua espera.
A fama lhe acena.

OS AVIADORES — Eu subo no aparelho.

2

OS JORNAIS AMERICANOS CELEBRAM A IMPRUDÊNCIA DOS AVIADORES

AMÉRICA (RÁDIO) — É verdade, como dizem, que você levava
Somente um chapéu de palha e também
Que você subiu no avião como um louco? Numa
Lata velha você quer
Atravessar voando o Atlântico?
Sem um acompanhante para orientá-lo,
Sem bússola e sem água?

3

APRESENTAÇÃO DOS AVIADORES E PARTIDA DOS MESMOS DE NEW YORK PARA A EUROPA

OS AVIADORES — Meu nome não interessa,
Tenho 25 anos.
Meu avô era sueco,
Eu sou americano.

Meu aparelho, fui eu mesmo que escolhi.
Ele voa a 210 km por hora,
Seu nome é "Espírito de São Luís".
As fábricas de aviões Ryan de San Diego
Construíram-no em 60 dias. Eu estive lá
60 dias; e durante 60 dias tracei,
Nas cartas terrestres e marítimas,
A rota do meu vôo.
Vôo sozinho.
Em lugar de outro homem, levo mais gasolina comigo.
Eu vôo num aparelho sem rádio.
Eu vôo com a melhor bússola.
3 dias fiquei esperando pelo melhor tempo,
Mas os relatórios dos observatórios
Não são bons e vão piorar:
Nevoeiro sobre a costa e tempestade sobre o mar.
Mas agora não quero mais esperar.
Agora eu vou embarcar.

Eu arrisco.
Eu levo comigo:
2 lâmpadas elétricas
1 rolo de corda
1 rolo de barbante
1 facão de caça
4 tochas vermelhas fechadas em tubos de borracha
1 caixa impermeável com palitos de fósforo
1 agulha grande
1 caneca grande e 1 cantil com água
5 rações de emergência, conservas do Exército americano, cada uma para um dia. Em caso de necessidade, para mais.
1 enxada
1 serra
1 barco de borracha.

Agora levanto vôo.
Há vinte anos o homem Blériot
Foi homenageado porque
Sobrevoou 30 miseráveis quilômetros
De água salgada.
Eu atravesso
3.000.

4

A CIDADE DE NEW YORK INTERROGA OS NAVIOS

A CIDADE DE NEW YORK (RÁDIO) — Aqui fala a cidade de New York:
Hoje de manhã às 8 horas
Um homem decolou daqui
Sobrevoando as águas em direção
Ao vosso continente.
Já está viajando há sete horas.
Dele não temos sinal algum,
E pedimos
Aos navios que nos informem
Se o avistarem.

OS AVIADORES — Se eu não chegar,
Nunca mais me verão.

O NAVIO (RÁDIO) — Aqui fala o navio "Imperatriz da Escócia".
49 graus e 24 minutos de latitude norte e 34 graus e 78 minutos de longitude oeste.
Há pouco ouvimos no céu,
Acima de nós,
O ruído de um motor
A grande altitude.
Por causa do nevoeiro
Não conseguimos ver nada,

Mas é bem possível que
Tenha sido o homem que vocês procuram,
Com seu aparelho,
O "Espírito de São Luís".

OS AVIADORES — Nenhum navio à vista, e
Agora vem o nevoeiro.

5

DURANTE QUASE TODA A DURAÇÃO DO VÔO, OS AVIADORES TÊM QUE LUTAR CONTRA O NEVOEIRO

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Eu sou o nevoeiro, e deve contar comigo
Todo aquele que viaja sobre as águas.
1.000 anos e nunca se viu
Quem pretendesse atravessar os ares!
Afinal, quem é você?
Mas nós cuidaremos
Para que, de agora em diante, ninguém mais torne a voar por aí!
Eu sou o nevoeiro.
Retorne!

OS AVIADORES — Isso que você disse
Deverá ser levado em consideração.
Se você se tornar mais denso, talvez
Realmente eu retorne.
Se não houver perspectiva,
Não continuarei lutando.
Ser coroado ou terminar coberto de coroas
Para mim não é alternativa.
Mas por enquanto
Não volto atrás.

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Você ainda se sente confiante, porque
Não me conhece;

Agora você ainda vê um pouco de água lá embaixo
E sabe
Distinguir a direita da esquerda.
Mas aguarde ainda uma noite e um dia
Sem conseguir ver céu nem água,
Nem enxergar seu leme
Nem mesmo a sua bússola.
Envelheça e, então,
Saberá quem eu sou:
Eu sou o nevoeiro!

OS AVIADORES — Sete homens em San Diego construíram meu aparelho,
Trabalhando, muitas vezes, 24 horas sem parar,
Empregando alguns metros de tubos de aço.
O que eles fizeram deve me bastar.
Eles trabalharam, eu
Continuo o trabalho deles. Não estou sozinho, somos
Oito voando neste avião.

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Você agora está com 25 anos e
Não tem muito medo. Mas quando estiver com
25 anos mais um dia e uma noite,
Terá mais medo.
Depois de amanhã e nos próximos 1.000 anos
Aqui ainda existirá água, ar e nevoeiro.
Mas você
Não mais existirá.

OS AVIADORES — Até agora era dia, mas agora
A noite está chegando.

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Faz 10 horas que eu luto contra um homem
Que atravessa os ares, coisa que nestes 1.000 anos
Ninguém havia visto. Não consigo
Derrubá-lo.
Encarregue-se você dele, nevasca!

Os AVIADORES — Agora vem você,
Nevasca!

6

NAQUELA NOITE CAIU UMA NEVASCA

A NEVASCA (RÁDIO) — Há uma hora que tenho dentro de mim
Um homem e seu aparelho!
Ora no alto, acima de mim,
Ora embaixo, próximo à água!
Já faz uma hora que o arremesso
Contra a água e contra o céu.
Ele não consegue se segurar em nada, mas
Não cai.
Ele despenca para cima
E sobe para baixo,
Ele é mais frágil do que uma árvore a beira-mar,
Fraco como uma folha sem haste, mas
Não cai.
Há horas este homem não vê a lua
Nem mesmo sua própria mão, mas
Não cai.
Cobri de gelo seu aparelho
Para que ficasse pesado e o forçasse para baixo.
Mas o gelo desliza do avião e
Ele não cai.

Os AVIADORES — Não dá mais,
Logo vou cair na água.
Quem poderia imaginar que
Aqui ainda há gelo!
Já estive a três mil metros de altura e desci a
3 metros do nível da água,
Mas em toda parte há tempestade, gelo e nevoeiro.

Por que fui louco de subir?
Agora tenho medo de morrer,
Agora vou cair.
4 dias antes de mim, dois homens
Sobrevoaram as águas como eu.
E as águas os tragaram, e a mim também
Tragarão.

7

SONO

O SONO (RÁDIO) — Durma, Charlie,
A noite pavorosa
Já passou. A tempestade
Cessou. Durma, então, Charlie,
Que o vento o conduzirá.

Os AVIADORES — O vento não faz nada por mim,
A água e o ar me são hostis, e eu
Sou seu inimigo.

O SONO (RÁDIO) — Incline seu corpo só por um minuto
Sobre o leme, feche os olhos só um pouco;
Sua mão permanecerá alerta.

Os AVIADORES — Trabalhando, muitas vezes, 24 horas sem parar,
Meus companheiros de San Diego
Construíram este aparelho. Que eu não seja
Pior do que eles. Eu
Não devo dormir.

O SONO (RÁDIO) — Ainda está longe. Descanse
Pensando nos campos do Missouri,
No rio e na casa,
Onde é o seu lar.

Os AVIADORES — Não estou cansado.

8

IDEOLOGIA

Os aviadores

1

Muitos dizem que os tempos são velhos,
Mas eu sempre soube que vivemos num tempo novo.
Eu lhes digo: não é à toa
Que há 20 anos surgem casas da terra como montanhas de aço.
A cada ano muitos partem para as cidades como se esperassem algo,
E através dos continentes sorridentes
Corre a notícia: o imenso e temível oceano
Não passa de um pequeno lago.
Agora sou o primeiro a sobrevoar o Atlântico,
Mas estou convencido: amanhã mesmo
Vocês rirão do meu vôo.

2

Mas esta é uma batalha contra o que é primitivo
E um esforço para melhorar o planeta,
Semelhante à economia dialética
Que transformará o mundo desde sua base.
Portanto
Lutemos contra a Natureza
Até nos tornarmos naturais.
Nós e nossa técnica ainda não somos naturais.
Nós e nossa técnica
Somos primitivos.
Os navios a vapor rivalizaram com os veleiros,
Que, por sua vez, haviam deixado os barcos a remo para trás.
Eu
Vôo para rivalizar com os navios a vapor
Na luta contra o que é primitivo.

Meu avião, frágil e trêmulo,
Meus aparelhos cheios de falhas,
São melhores que os de antes, e
Enquanto vôo
Luto contra o meu avião e
Contra o que é primitivo.

3

Portanto luto contra a Natureza e
Contra mim mesmo.
Seja lá o que eu for, acredite nas tolices que acreditar,
Quando vôo, eu sou
Um verdadeiro ateu.
Por 10 mil anos, lá
Onde as águas se tornavam escuras no céu,
Entre a luz e o crepúsculo, incontido, surgia
Deus. E da mesma forma,
Sobre as montanhas de onde vinha o gelo,
Os ignorantes incorrigíveis avistavam
Deus. E da mesma forma,
No deserto, ele vinha nas tempestades de areia, e,
Nas cidades, ele era gerado da desordem
Das classes sociais, pois a humanidade se divide em duas:
Exploração e Ignorância, mas
A Revolução liquida com ele.
Abram estradas através das montanhas, e ele desaparecerá.
Os rios o expulsarão do deserto. A luz
Mostrará o vazio e
O espantará de imediato.

Portanto participem
Da luta contra o que é primitivo,
Da liquidação do além e
Da expulsão de todo e qualquer deus, onde quer que
Ele surja.
Sob os microscópios mais precisos

Ele cairá.
Os aperfeiçoados aparelhos
O expulsarão dos ares.
O saneamento das cidades,
O extermínio da miséria,
Farão com que ele desapareça e
O enxotarão de volta ao primeiro milênio.

4

Mesmo nas cidades melhoradas
Ainda prevalece a desordem,
Que nasce da ignorância e se parece com Deus.
Porém as máquinas e os operários a
Combaterão. E vocês também
Devem participar
Da luta contra o que é primitivo!

9

ÁGUA

Os AVIADORES — Agora,
A água novamente se aproxima.

Barulho de água (*Rádio*).

Os AVIADORES — Preciso
Ganhar altura! Como este vento
Faz pressão!

Barulho de água (*Rádio*).

Os AVIADORES — Agora está melhor.
Mas o que é isso? O leme
Não quer mais funcionar. Alguma coisa
Não está certa. Isso não é
Um ruído no motor? Agora
Já estamos caindo de novo.
Socorro!

Barulho de água (*Rádio*).

Os AVIADORES — Meus Deus! Por pouco
Não nos acabamos!

10

DURANTE TODO O VÔO OS JORNAIS AMERICANOS NÃO CESSAVAM DE FALAR SOBRE A SORTE DOS AVIADORES

AMÉRICA (RÁDIO) — Toda a América acredita que o vôo sobre o oceano
Do capitão Fulano de Tal será bem-sucedido.
Apesar dos maus boletins meteorológicos e
Do estado precário de seu frágil avião,
Todo mundo nos Estados Unidos acredita
Que ele chegará.
Jamais, escreve um jornal, imaginamos
Que um homem de nosso país
Tivesse tanta sorte.
Quando aquele que tem sorte sobrevoa o mar,
As tempestades se retraem,
Se as tempestades não se retraem
O motor agüenta.
Se o motor não agüenta,
O homem agüenta.
E se o homem não agüenta,
A sorte agüenta.
Por isso nós acreditamos
Que o homem de sorte chegará.

11

OS PENSAMENTOS DOS HOMENS DE SORTE

Os AVIADORES — Dois continentes, dois continentes
Esperam por mim! Eu

Preciso chegar!
Quem espera alguém?
E mesmo aquele que ninguém espera
Precisa chegar.
A coragem não é nada, mas
Chegar é tudo.
Quem sobrevoa o mar
E se afoga
É completamente louco, pois
No mar a gente se afoga.
Portanto eu preciso chegar.
O vento força para baixo e
O nevoeiro desorienta, mas
Eu preciso chegar.
É verdade que meu aparelho
É frágil, e frágil é
Minha cabeça, mas,
Do outro lado, eles me esperam e dizem:
Este chegará, e por isso
Eu preciso chegar.

12

ASSIM VOAM ELES, ESCREVIAM OS JORNAIS FRANCESES; POR CIMA AS TEMPESTADES, AO REDOR, O MAR, E EMBAIXO, A SOMBRA DE NUNGESSER

EUROPA (RÁDIO) — Em direção ao nosso continente,
Há mais de 24 horas,
Um homem voa.
Quando ele chegar
Um ponto aparecerá no céu,
Aumentará de tamanho e
Será um avião e
Descerá e
Pelo campo virá um homem e

O reconheceremos
Pela foto nos jornais, que
Aqui chegaram antes dele.
Mas receamos que
Ele não chegue. As tempestades
O lançarão ao mar,
Seu motor não agüentará,
Ele mesmo não encontrará o caminho até nós.
Por isso acreditamos
Que não o veremos.

13

O DIÁLOGO DOS AVIADORES COM O MOTOR

Motor em funcionamento (Rádio).

OS AVIADORES — Agora já não está mais longe. Agora
Temos que juntar nossas forças,
Nós dois.
Você tem óleo suficiente?
Você acha que a gasolina lhe basta?
A refrigeração está funcionando?
Você está se sentindo bem?

Motor em funcionamento (Rádio).

OS AVIADORES — O gelo que lhe pesava
Já se foi todo.
O nevoeiro é assunto meu.
Você faz seu trabalho,
Que é só girar.

Motor em funcionamento (Rádio).

OS AVIADORES — Lembre-se: em São Luís nós dois
Estivemos mais tempo no ar.
Não está mais tão longe. Agora vem
A Irlanda, depois vem Paris.

Conseguiremos?
Nós dois?

Motor em funcionamento (Rádio).

14

FINALMENTE, PERTO DA ESCÓCIA, OS AVIADORES AVISTAM PESCADORES

OS AVIADORES — Lá
Estão barcos de pesca.
Eles sabem
Onde fica a ilha.
Alô! Onde
Fica a Inglaterra?

OS PESCADORES (RÁDIO) — Estão chamando.
Escute!
O que é que estaria chamando?
Escute, o barulho!
No ar
Alguma coisa faz barulho!
O que é que estaria fazendo esse barulho?

OS AVIADORES — Alô! Onde
Fica a Inglaterra?

OS PESCADORES (RÁDIO) — Olha lá
Uma dessas coisas que voam!
É um avião!
Como pode ser um avião?
Nunca
Uma coisa dessas, feita de cordas,
Farrapos de lona e aço,
Poderia sobrevoar as águas!
Nem mesmo um louco
Embarcaria nisso.
Simplesmente

Cairia na água;
O próprio vento
Acabaria com ele. E qual o homem que
Se manteria tanto tempo no comando?

OS AVIADORES — Alô! Onde
Fica a Inglaterra?

OS PESCADORES (RÁDIO) — Mas pelo menos olhe!
Para que olhar, se
Uma coisa dessas é impossível?
Agora sumiu.
Também não sei
Como é possível.
Mas foi.

15

NA NOITE DE 21 DE MAIO DE 1927, ÀS 22 HORAS, UMA IMENSA MULTIDÃO ESPERAVA OS AVIADORES AMERICANOS NO AEROPORTO "LE BOURGET", PERTO DE PARIS

EUROPA (RÁDIO) — Ele está chegando!
Um ponto aparece
No céu.
Está crescendo. É
Um avião.
Agora desce.
Pelo campo vem
Um homem. E agora
Nós o reconhecemos: é
O aviador.
A tempestade não o tragou
Nem a água.
Seu motor agüentou, e ele
Encontrou o caminho até nós.
Ele chegou.

16

CHEGADA DOS AVIADORES AO AEROPORTO "LE BOURGET", PERTO DE PARIS

Rumores de uma grande multidão (Rádio).

OS AVIADORES — Eu sou Fulano de Tal. Por favor, levem-me
Para um hangar escuro, onde
Ninguém possa ver
Minha fraqueza natural.
Mas comuniquem aos meus camaradas da fábrica Ryan de San Diego
Que seu trabalho foi bom.
Nosso motor agüentou,
O trabalho deles não teve falhas.

17

RELATÓRIO SOBRE O QUE AINDA NÃO FOI ALCANÇADO

RÁDIO E AVIADORES — No tempo em que a humanidade
Começava a se conhecer,
Nós construímos veículos
Com madeira, ferro e vidro,
E atravessamos os ares voando.
Por sinal, a uma velocidade
Superior em mais do dobro à do furacão.
E na verdade nossos motores eram
Mais fortes que cem cavalos, mas
Menores que cada um deles.
Durante mil anos tudo caiu de cima para baixo,
Com exceção dos pássaros.
Nem mesmo nas mais antigas pedras
Encontramos qualquer indício

De que algum homem
Tenha atravessado os ares voando.
Mas nós nos erguemos.
Próximo ao fim do 3.° milênio de nossa era
Ergue-se nossa
Ingenuidade de aço,
Mostrando o que é possível
Sem nos deixar esquecer:
O que ainda não foi alcançado.
A isto é dedicado este relato.

NOTA SOBRE *O VÔO SOBRE O OCEANO*

No caderno I dos *Versuche* (Ensaios), escreveu Brecht: "*O vôo sobre o oceano* (para o qual existem músicas de Paul Hindemith e Kurt Weill), peça didática radiofônica para rapazes e moças e não a narração da travessia do Atlântico num avião, representa também uma tentativa inédita de utilização dos recursos do rádio: usar a poesia como matéria para exercícios didáticos. Esta não é certamente a maneira mais importante de utilização do rádio, mas sem dúvida se insere em toda uma série de experiências que caminham neste sentido".

Em dezembro de 1949 a rádio de Stuttgart (*O Süddeutscher Rundfunk*) pediu a Brecht autorização para transmitir *O vôo de Lindbergh*. Brecht respondeu com a carta abaixo. Mais tarde, como resposta a qualquer pedido de transmissão, esclareceu que esta autorização implicava necessariamente obedecer às modificações contidas nesta carta. Para a impressão da peça Brecht determinou a substituição de *Os Lindbergh* por *Os Aviadores*. O texto deveria vir sempre acompanhado de sua carta ao *Süddeutscher Rundfunk*, bem como de seu "Prólogo".

A CARTA

Ao Süddeutscher Rundfunk

Stuttgart.

Prezados Senhores:

Se os senhores tencionam transmitir *O vôo de Lindbergh* em uma retrospectiva histórica, devo lhes pedir que procedam a transmissão de um Prólogo e que se façam algumas pequenas modificações no texto. É sabido que Lindbergh manteve estreitas relações com os nazistas; seu relatório entusiástico naquela ocasião sobre a invencibilidade da Força Aérea nazista provocou um efeito paralisante em inúmeros países. Como fascista, L. desempenhou igualmente um papel bastante ambíguo nos Estados Unidos. Por isso, o título da minha peça radiofônica deverá ser modificado para *O vôo sobre o oceano*; é imprescindível transmitir o Prólogo e eliminar, no texto, o nome de Lindbergh.

1. Em 1 (Apelo geral) substituir: "A travessia do oceano pelo capitão Lindberg" por: "A primeira travessia aérea do oceano".

2. Em 3 (Apresentação dos aviadores e partida...) substituir: "Meu nome é Charles Lindbergh" por: "Meu nome não interessa".

3. Em 10 (Durante todo o vôo não cessavam de falar...) substituir: "Eu sou Charles Lindbergh. Por favor, levem-me" por: "Eu sou Fulano de Tal. Por favor, levem-me".

Se esta versão lhes convém, nada tenho contra a apresentação da peça. Estas modificações podem alterar ligeiramente o poema, mas a supressão do nome de Lindbergh servirá de lição.

Cordiais saudações
Seu
(assinado) Bertolt Brecht

Berlim, 3.1.1950

N. B. — Se os títulos forem mantidos,
é preciso que também neles leia-se sempre "Os aviadores".

O PRÓLOGO

Prólogo, para ser lido antes da transmissão de *O vôo sobre o oceano:*

Vocês ouvirão
O relato do primeiro vôo sobre o oceano,
Em maio de 1927. Um jovem
O realizou. Ele triunfou
Sobre a tempestade, o gelo e as águas vorazes. Entretanto,
Que seu nome seja apagado; pois
Ele, que se orientou por sobre águas extraviadoras,
Perdeu-se no pântano de nossas cidades. Tempestade e gelo
Não o venceram, mas seu semelhante
O venceu. Uma década
De glória e de riqueza e o miserável
Ensinou os carrascos de Hitler
A pilotar bombardeiros mortíferos. Por isso,
Seja apagado seu nome. Mas
Lembrem-se: nem a coragem nem o conhecimento
Dos motores e das cartas náuticas inscrevem o anti-social
Na epopéia.

NOTA

No caderno I dos *Versuche* (Ensaios), *O vôo sobre o oceano* termina com o "Relato do inatingível", onde se lê no final: "Sem nos deixar esquecer o inatingível". Numa nota de rodapé no início da *Peça didática de Baden-Baden sobre o acordo,* Brecht recomenda: "No primeiro *Ensaio,* a colocação da palavra 'inatingível' não está correta. Deve-se corrigi-la para: 'O que ainda não foi alcançado' ". De acordo com esta nota de Brecht, a linha em questão e o título correspondente foram alterados. Portanto a nota de rodapé da *Peça didática de Baden-Baden* pode ser dispensada.

A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo

Das Badener Lehrstück vom Einverständnis

Escrito em 1929
Estréia: 28.7.1929 em Baden-Baden

Tradução: Fernando Peixoto

Colaboradores: S. Dudow, E. Hauptmann

PERSONAGENS:

O AVIADOR
Os TRÊS MECÂNICOS
O LÍDER DO CORO (CHANTRE)
O NARRADOR
TRÊS PALHAÇOS
O CORO

Ao fundo de um estrado, cujo tamanho depende do número de participantes, está o Coro. À esquerda, a orquestra; também à esquerda, em primeiro plano, uma mesa, na qual estão sentados o regente dos músicos e dos cantores, o Líder do Coro (chantre) e o Narrador. Os cantores que interpretam os Quatro Aviadores Acidentados estão sentados num banco de escola, no primeiro plano à direita. Para maior clareza de cena é possível colocar, no estrado ou ao lado deste, os escombros de um avião.

1

RELATÓRIO DO VÔO

Os Quatro Aviadores *relatam* — No tempo em que a humanidade
Começava a se conhecer,
Nós construímos aviões,
Com madeira, ferro e vidro,
E atravessamos os ares voando;
Por sinal, com uma velocidade
Superior em mais do dobro à do furacão.
E na verdade nossos motores eram
Mais fortes que cem cavalos, mas
Menores que cada um deles.
Durante mil anos tudo caiu de cima para baixo,
Com exceção dos pássaros.
Nem mesmo nas mais antigas pedras
Encontramos qualquer testemunho
De que algum homem
Tenha atravessado os ares voando.
Mas nós nos erguemos.
Próximo ao fim do segundo milênio de nossa era
Ergueu-se nossa
Ingenuidade de aço,

Mostrando o que é possível
Sem nos deixar esquecer:
O que ainda não foi alcançado.

2

A QUEDA

O Líder do Coro *fala aos Acidentados* — Não voem mais agora,
Já não é necessário que se tornem mais velozes.
O nível do solo
Para vocês, agora,
É suficientemente alto.
Basta
Que permaneçam imóveis,
Não mais em cima, sobre nós,
Não mais longe, a nossa frente,
Não mais em sua carreira,
Mas sim imóveis,
Digam-nos quem são.

Os Aviadores Acidentados *respondem* — Nós participamos dos trabalhos dos nossos camaradas.
Nossos aviões se tornaram melhores,
Voamos cada vez mais alto,
O mar foi vencido,
E eis que as montanhas já ficaram baixas.
Fomos dominados pela febre
Do petróleo e da construção de cidades.
Nossos pensamentos eram máquinas e
Luta pela velocidade.
Com a luta esquecemos
O nosso nome e o nosso rosto,
E com a pressa da partida
Esquecemos o objetivo de nossa partida.
Mas nós lhes imploramos

Que venham ao nosso encontro e
Que nos dêem água,
E um travesseiro para apoiarmos nossa cabeça,
E que nos ajudem, pois
Não queremos morrer.

O Coro *dirigindo-se à Multidão* — Escutem: quatro homens
Pedem seu socorro.
Eles
Voaram através dos ares e
Caíram ao solo e
Não querem morrer.
Por isso pedem
O seu socorro.
Aqui temos
Um cálice com água e
Um travesseiro,
Mas digam-nos
Se devemos ou não ajudá-los.

A Multidão *responde ao Coro* — Sim.

O Coro *à Multidão* — Eles os ajudaram?

A Multidão — Não.

O Narrador *dirigindo-se à Multidão* — Sobre estes corpos, que já se esfriam, investigaremos se o homem costuma ajudar o homem.

3

INQUÉRITOS PARA SABER SE O HOMEM AJUDA O HOMEM

Primeiro Inquérito.

O Líder do Coro *se adianta* — Um de nós atravessou o mar e
Descobriu um novo continente.
Mas muitos depois dele

Lá construíram grandes cidades com
Muito esforço e inteligência.

O Coro *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.

O Líder do Coro — Um de nós construiu uma máquina
Cujo vapor aciona uma roda, e essa foi
A mãe de muitas outras máquinas.
Mas muitos trabalham nelas
Todos os dias.

O Coro *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.

O Líder do Coro — Muitos de nós meditaram
Sobre o movimento da Terra ao redor do Sol, sobre
O íntimo do homem, as leis
Gerais, a composição do ar,
E sobre os peixes abissais.
E descobriram
Grandes coisas.

O Coro *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.
Pelo contrário,
A miséria aumentou em nossas cidades,
E já há muito tempo
Ninguém mais sabe o que é um homem.
Por exemplo: enquanto vocês voavam, rastejava
Pelo chão algo semelhante a vocês,
Não como um homem!

O Líder do Coro *dirigindo-se à Multidão* — Então, o homem ajuda o homem?

A Multidão *responde* — Não.

Segundo Inquérito.

O Líder do Coro *dirigindo-se à Multidão* — Observem estas imagens e depois digam
Que o homem ajuda o homem!

Apresentam-se vinte fotografias que mostram como, em nossa época, os homens são massacrados pelos homens.

A Multidão *grita* — O homem não ajuda o homem!

Terceiro Inquérito.

O Líder do Coro *dirigindo-se à Multidão* — Observem o nosso número de palhaços, no qual
Homens ajudam um homem!

Três palhaços de circo sobem ao estrado; um deles, chamado Sr. Schmitt, é um gigante. Eles falam em voz muito alta.

Primeiro — Uma bela noite esta, não é Sr. Schmitt?

Segundo — O que o senhor diz da noite, senhor Schmitt?

Sr. Schmitt — Não acho bonita.

Primeiro — O senhor não quer se sentar, senhor Schmitt?

Segundo — Aqui está uma cadeira, senhor Schmitt. Por que o senhor não responde?

Primeiro — Você não está vendo? O senhor Schmitt quer ficar olhando a lua.

Segundo — Me diz uma coisa. Por que é que você está sempre puxando o saco do Sr. Schmitt? Isso incomoda o senhor Schmitt.

Primeiro — Porque o senhor Schmitt é muito forte. É por isso que eu fico puxando o saco dele.

Segundo — Eu também.

Primeiro — Peça ao senhor Schmitt para que se sente aqui conosco.

Sr. Schmitt — Eu não me sinto bem hoje.

Primeiro — Então o senhor tem que se distrair, senhor Schmitt.

Sr. Schmitt — Eu acho que eu não posso mais me distrair.

Pausa.

Como é que está a minha cara?

PRIMEIRO — Rosada, senhor Schmitt, sempre rosada.

SR. SCHMITT — Olhem, pois eu pensei que estava pálido.

PRIMEIRO — Isso é curioso. O senhor diz que pensou que estava pálido? Olhando para o senhor agora, não posso negar que eu também acho que o senhor está com o rosto pálido.

SEGUNDO — Já que o senhor está assim, senhor Schmitt, se eu fosse o senhor, eu me sentava.

SR. SCHMITT — Hoje eu não quero me sentar.

PRIMEIRO — Não, não. Não sente, de maneira nenhuma, é melhor ficar de pé.

SR. SCHMITT — Por que você acha que eu devo ficar de pé?

PRIMEIRO *para o Segundo* — Hoje ele não pode se sentar, porque senão ele é capaz de não conseguir se levantar nunca mais.

SR. SCHMITT — Meu Deus!

PRIMEIRO — Ouviu? Ele mesmo já está entendendo. Por isso o sr. Schmitt prefere ficar de pé.

SR. SCHMITT — Sabe, eu acho que o meu pé esquerdo está me doendo um pouco.

PRIMEIRO — Dói muito?

SR. SCHMITT *com dor* — Como?

PRIMEIRO — Dói muito?

SR. SCHMITT — Sim, dói bastante...

SEGUNDO — É de ficar em pé.

SR. SCHMITT — Bem, será que eu devo me sentar?

PRIMEIRO — Não, de jeito nenhum. Isso nós temos que evitar.

SEGUNDO — Se o seu pé esquerdo está doendo, só tem um remédio: fora com o pé esquerdo.

PRIMEIRO — E quanto mais rápido, melhor.

SR. SCHMITT — Bem, se vocês acham...

SEGUNDO — Claro.

Serram-lhe o pé esquerdo.

SR. SCHMITT — Uma bengala, por favor.

Dão a ele uma bengala.

PRIMEIRO — E agora, está conseguindo ficar de pé, senhor Schmitt?

SR. SCHMITT — Sim, do lado esquerdo. Mas vocês têm que me devolver o pé. Eu não gostaria de perdê-lo.

PRIMEIRO — Pois não, se o senhor não confia...

SEGUNDO — A gente também podia ir andando...

SR. SCHMITT — Não, não. Agora vocês têm que ficar aqui, porque eu não posso mais andar sozinho.

PRIMEIRO — Aqui está o pé.

O senhor Schmitt segura o pé debaixo do braço.

SR. SCHMITT — Agora, a minha bengala caiu.

SEGUNDO — Em compensação, o senhor já tem o seu pé de volta.

Os dois riem ruidosamente.

SR. SCHMITT — Agora eu não posso ficar de pé mesmo. E é claro que agora a outra perna também começa a doer.

PRIMEIRO — Sem dúvida.

SR. SCHMITT — Eu não queria incomodar vocês mais do que o necessário, mas sem a bengala eu não posso me arranjar.

SEGUNDO — Em vez de pegarmos a bengala, faríamos melhor em serrar a outra perna, que lhe dói tanto.

SR. SCHMITT — É. Talvez melhore assim.

Serram a outra perna. O senhor Schmitt cai.

SR. SCHMITT — Agora eu não consigo mais me levantar.

PRIMEIRO — Isso é horrível. E era justamente isso que nós queríamos evitar: que o senhor se sentasse.

SR. SCHMITT — O quê?

SEGUNDO — O senhor não consegue mais se levantar, senhor Schmitt.

SR. SCHMITT — Não me digam isso, isso me dói.

SEGUNDO — O que é que eu não devo mais dizer?

SR. SCHMITT — Isso...

SEGUNDO — Que o senhor não consegue mais se levantar?

SR. SCHMITT — Você não pode calar a boca?

SEGUNDO — Não, senhor Schmitt. Mas eu posso desatarraxar a sua orelha esquerda, para que assim o senhor não me ouça quando eu disser que o senhor não consegue se levantar.

SR. SCHMITT — É, talvez seja melhor.

Eles desatarraxam sua orelha esquerda.

SR. SCHMITT *para o Primeiro* — Agora eu só posso escutar você. *O Segundo passa para o outro lado.* Por favor, a orelha! *Furioso.* E por favor, me dêem também a segunda perna, que está me faltando. Isso não é jeito de tratar um homem doente. Devolvam imediatamente os membros extraviados a mim, seu legítimo proprietário. *Colocam a outra perna debaixo do braço do Sr. Schmitt e põem a orelha no seu colo.* E tem mais, se vocês pretendem fazer hora com a minha cara, vocês estão completamente... O que é que está havendo agora com o meu braço?

SEGUNDO — Deve ser porque o senhor está carregando toda essa tralha aí!

SR. SCHMITT *baixo* — Claro. Vocês poderiam me aliviar dela?

SEGUNDO — Ora, a gente podia era tirar logo o braço todo, o que seria bem melhor.

SR. SCHMITT — Bem, por favor, se vocês acham...

SEGUNDO — Claro.

Serram-lhe o braço esquerdo.

SR. SCHMITT — Obrigado. Vocês estão se incomodando demais comigo.

PRIMEIRO — Bom, senhor Schmitt, aqui está tudo o que lhe pertence. Ninguém mais lhe tira.

Põem no seu colo todos os membros que lhe foram arrancados. O Sr. Schmitt os observa.

SR. SCHMITT — É estranho, estou com uns pensamentos tão desagradáveis na cabeça. Por favor — *ao Primeiro* —, diga-me alguma coisa agradável.

PRIMEIRO — Com prazer, senhor Schmitt, o senhor quer ouvir uma história? Dois homens saem de uma taberna. Aí, eles começam a brigar e a atirar bosta de cavalo um no outro. Um deles acerta com a bosta na boca do outro, ao que este diz: "Pois bem, esta vai ficar aqui, até a polícia chegar".

O Segundo ri, mas o senhor Schmitt não ri.

SR. SCHMITT — Esta não é uma história bonita. Você não podia me contar uma história bonita? Como eu já disse, estou com uns pensamentos desagradáveis na cabeça.

PRIMEIRO — Não, senhor Schmitt, infelizmente, fora essa história eu não sei contar mais nenhuma.

SEGUNDO — Ora, a gente podia era serrar logo a sua cabeça, já que o senhor está com pensamentos esquisitos dentro dela.

SR. SCHMITT — Sim, por favor, talvez isso ajude.

Eles lhe serram a parte superior da cabeça.

PRIMEIRO — Como está se sentindo agora, senhor Schmitt? Mais aliviado?

SR. SCHMITT — Sim, muito mais. Agora eu me sinto muito mais aliviado. Só que estou com muito frio na cabeça.

Segundo — Então ponha o chapéu. *Grita.* Ponha o chapéu!

Sr. Schmitt — Não consigo pegá-lo.

Segundo — O senhor quer a bengala?

Sr. Schmitt — Sim, por favor. *Tenta pescar o chapéu com a bengala.* Agora, a bengala caiu e eu não consigo alcançar o chapéu. Estou sentindo muito frio.

Segundo — E se nós desatarraxássemos a cabeça?

Sr. Schmitt — Bem, eu não sei...

Primeiro — Claro...

Sr. Schmitt — Realmente, eu já não sei mais nada.

Segundo — Por isso mesmo.

Desatarraxam-lhe a cabeça. O senhor Schmitt cai de costas.

Sr. Shmitt — Esperem! Um de vocês precisa pôr a mão na minha testa.

Primeiro — Onde?

Segundo — Um de vocês precisa segurar minha mão.

Primeiro — Onde?

Segundo — O senhor agora se sente mais aliviado, senhor Schmitt?

Sr. Shmitt — Não. O problema é que eu estou deitado de costas sobre uma pedra.

Segundo — Ora, senhor Schmitt, também não se pode ter tudo.

Os dois riem ruidosamente. Fim do número dos palhaços.

A Multidão *grita* — O homem não ajuda o homem.

O Líder do Coro — Devemos rasgar o travesseiro?

A Multidão — Sim.

O Líder do Coro — Devemos jogar fora a água?

A Multidão — Sim.

4

A RECUSA DA AJUDA

O Coro — Quer dizer então que eles não devem ser ajudados.
Rasgaremos o travesseiro e
Jogaremos fora a água.

O Narrador rasga o travesseiro e joga fora a água.

A Multidão *lê para si mesmo* — Certamente vocês já observaram
A ajuda em mais de um lugar,
Sob diferentes formas. Gerada por um estado de coisas
Que ainda não conseguimos dispensar:
A violência.
Contudo, nós os aconselhamos a enfrentar
A cruel realidade
Com uma crueldade ainda maior. E,
Abandonando o estado de coisas que gera a necessidade,
Abandonem a necessidade. Portanto
Não contem com ajuda:
Recusar a ajuda supõe a violência.
Obter ajuda também supõe a violência.
Enquanto a violência impera, a ajuda poderá ser recusada.
Quando não mais imperar a violência, a ajuda não mais será
Necessária.
Por isso, em vez de reclamar ajuda, é preciso abolir a violência.
Ajuda e violência constituem um todo,
E é este todo que é preciso transformar.

5

A DELIBERAÇÃO

O Aviador Acidentado — Camaradas, nós
Vamos morrer.

Os Três Mecânicos Acidentados — Nós sabemos que vamos morrer, mas
E você, sabe?
Ouça, então:
Você morrerá de qualquer jeito.
Sua vida é arrancada.
Seu mérito é apagado.
Você morrerá por si mesmo.
Ninguém olhará para você.
Finalmente, você morrerá.
E assim também nós morreremos.

6

CONTEMPLAÇÃO DOS MORTOS

O Narrador — Contemplem os mortos!

Mostram-se dez grandes fotografias de mortos. Logo depois, diz o Narrador: "Segunda Contemplação dos Mortos", mostram-se mais uma vez as mesmas fotografias.

Depois de terem contemplado os mortos, os Acidentados começam a gritar:

Os acidentados — Nós não podemos morrer!

7

LEITURA DOS COMENTÁRIOS

O Coro *dirigindo-se aos Acidentados* — Não podemos ajudá-los,
Apenas uma indicação,
Apenas uma atitude,
Podemos lhes dar.
Morram, mas aprendam.
Aprendam, mas não aprendam errado.

Os Acidentados — Não nos resta muito tempo,
Não podemos aprender muito mais.

O Coro — Se vocês têm pouco tempo,
Têm tempo o suficiente,
Porque é fácil aprender o certo.

O Narrador destaca-se do Coro com um livro. Aproxima-se dos Acidentados, senta-se e lê trechos do comentário.

O Narrador — 1. Quem arranca algo, segurará algo. E a quem algo é arrancado, também ele o segurará. E quem segura algo, dele algo será arrancado.

Aquele de nós que morre, abandona o quê? Não abandona apenas a sua mesa ou a sua cama! Aquele de nós que morre, também sabe: abandono tudo o que existe e dou mais do que tenho. Aquele de nós que morre, abandona a rua que conhece e também a que não conhece. As riquezas que possui e também as que não possui. A própria miséria. A sua própria mão. Como então, quem não estiver exercitado nisso, poderá levantar uma pedra? Como poderá levantar uma grande pedra? Como, quem não estiver exercitado no abandono, abandonará a sua mesa? Ou como abandonará tudo aquilo que possui e também o que não possui? A rua que conhece e também a que não conhece? As riquezas que possui e também as que não possui? A própria miséria? A sua própria mão?

2. Quando o Pensador se viu numa violenta tempestade, estava sentado num grande veículo e ocupava muito espaço. A primeira coisa que fez foi sair do veículo, a segunda foi tirar seu casacão, a terceira foi deitar-se no chão. Assim ele venceu a tempestade reduzido à sua menor dimensão.

Os Acidentados *perguntam ao Narrador* — E assim ele sobreviveu à tempestade?

O Narrador — Reduzido à sua menor dimensão, ele sobreviveu à tempestade.

Os Acidentados — Reduzido à sua menor dimensão, ele sobreviveu à tempestade.

O Narrador — 3. Para ajudar um homem a aceitar a morte, o Pensador interveniente pediu-lhe que se despojasse de todos os seus bens. Depois de ter abandonado tudo, ao homem só restava a vida. Abandona mais uma coisa, disse-lhe o Pensador.

4. Se o Pensador venceu a tempestade, venceu-a porque conhecia a tempestade e estava de acordo com a tempestade. Portanto, se quiserem superar a morte, é preciso conhecer a morte e estar de acordo com a morte. Mas aquele que procura o acordo deverá preferir a pobreza. Não deve estar preso às coisas! As coisas podem ser tiradas e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso à vida! A vida pode ser tirada e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso aos pensamentos, porque também os pensamentos poderão ser tirados e aí também não haverá acordo.

8

O EXAME

O Coro examina os Acidentados em presença da Multidão.

1

O Coro — A que altura voaram?

Os Três Mecânicos Acidentados — Voamos a uma altura extraordinária.

O Coro — A que altura voaram?

Os Três Mecânicos Acidentados — Subimos a quatro mil metros de altura.

O Coro — A que altura voaram?

Os Três Mecânicos Acidentados — Voamos a uma grande altura considerável.

O Coro — A que altura voaram?

Os Três Mecânicos Acidentados — Erguemo-nos um pouco acima do solo.

O Líder do Coro *dirigindo-se à Multidão* — Eles se ergueram um pouco acima do solo.

O Aviador Acidentado — Eu voei a uma altura extraordinária.

O Coro — E ele voou a uma altura extraordinária.

2

O Coro — Foram enaltecidos?

Os Três Mecânicos Acidentados — Não fomos enaltecidos o suficiente.

O Coro — Foram enaltecidos?

Os Três Mecânicos Acidentados — Fomos enaltecidos.

O Coro — Foram enaltecidos?

Os Três Mecânicos Acidentados — Fomos suficientemente enaltecidos.

O Coro — Foram enaltecidos?

Os Três Mecânicos Acidentados — Fomos muitíssimo enaltecidos.

O Líder do Coro *para a Multidão* — Eles foram muitíssimo enaltecidos.

O Aviador Acidentado — Eu não fui suficientemente enaltecido.

O Coro — E ele não foi suficientemente enaltecido.

3

O Coro — Quem são vocês?

Os Três Mecânicos Acidentados — Somos os que sobrevoaram o oceano.

O Coro — Quem são vocês?

Os Três Mecânicos Acidentados — Somos alguns de vocês.

O Coro — Quem são vocês?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Não somos ninguém.

O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Eles não são ninguém.

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu sou Charles Nungesser.

O CORO — E ele é Charles Nungesser.

4

O CORO — Quem os espera?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Muitos nos esperam além-mar.

O CORO — Quem os espera?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Nosso pai e nossa mãe nos esperam.

O CORO — Quem os espera?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Ninguém nos espera.

O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Ninguém os espera.

5

O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que foram enaltecidos demais.

O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que se ergueram um pouco acima do solo.

O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que ninguém espera.

O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Ninguém.

O CORO — Agora sabeis:
Ninguém
Morrerá, se vocês morrerem.
Agora eles atingiram
Sua menor dimensão.

O AVIADOR ACIDENTADO — Mas eu, com meu vôo,
Atingi minha maior dimensão.
Tão alto quanto eu voei,
Ninguém voou.
Eu não fui enaltecido o bastante, eu
Não poderei ser enaltecido o bastante.
Não voei por nada nem por ninguém.
Voei por voar.
Ninguém me espera, eu
Não vôo em sua direção, eu
Vôo para me afastar de vocês, eu
Jamais morrerei.

9

ENALTECIMENTO E DESAPROPRIAÇÃO

O CORO — Agora, mostrem
O resultado de seu esforço.
Pois só
O resultado é real.
Entreguem, portanto, o motor,
As asas e o trem de aterrissagem. Tudo
O que lhe permitiu voar, tudo
O que construíram.
Abandonem-no!

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu não o abandono.
O que é
O avião sem o aviador?

O LÍDER DO CORO — Tomem-no!

O avião é tirado dos Acidentados e levado para o outro canto do estrado.

O CORO, *durante a desapropriação, enaltece os Acidentados* — Levantem-se, aviadores. Vocês transformaram as leis da Terra.

Durante mil anos, tudo caiu de cima para baixo,
Com exceção dos pássaros.
Nem mesmo nas mais antigas pedras
Encontramos qualquer testemunho
De que algum homem
Tenha atravessado os ares voando.
Mas vocês se ergueram
Próximo ao fim do segundo milênio de nossa era.

Os Três Mecânicos Acidentados *subitamente apontam par o Aviador Acidentado* — O que é isso, olhem!

O Líder do Coro *rapidamente para o Coro* — Entoem o "Totalmente irreconhecível".

O Coro *cercando o Aviador Acidentado* — Totalmente irreconhecível
Está agora o seu rosto,
Gerado entre ele e nós. Pois
Aquele que de nós precisou
E de quem nós necessitamos, esse alguém
Foi ele.

O Líder do Coro — Este homem
Tinha um cargo
Mesmo que usurpado.
Arrancou de nós o que precisou e
Nos negou o que necessitávamos.
Por isso seu rosto
Se extingue com seu cargo:
Ele só tinha um!

Quatro participantes do Coro discutem por cima dele.

Primeiro — Se é que ele existiu...

Segundo — Existiu.

Primeiro — Ele era o quê?

Segundo — Não era ninguém.

Terceiro — Se é que ele era alguém...

Quarto — Não era ninguém.

Terceiro — Como se fazia para vê-lo?

Quarto — Dando-lhe uma ocupação.

Os Quatro — Quando ele é chamado, ele nasce.
Quando ele é transformado, ele existe.
Quem precisa dele, o conhece.
A quem ele é útil, o engrandece.

Segundo — E apesar disso ele não é ninguém.

O Coro *junto com a Multidão* — Aquilo que aqui jaz sem cargo
Não é mais humano.
Morra agora, você não-mais-humano!

O Aviador Acidentado — Eu não posso morrer.

Os Três Mecânicos Acidentados — Você se afastou do curso das águas, homem.
Você não esteve no curso das águas, homem.
Você é muito grande, você é muito rico.
Você é singular demais.
Por isso não pode morrer.

O Coro — Mas
Quem não pode morrer
Também morre.
Quem não sabe nadar
Também nada.

10

A EXPULSÃO

Um de nós,
Com rosto, figura e pensamento,
Perfeitamente igual a nós,
Deve nos deixar. Porque durante a noite passada
Foi marcado e,
Desde hoje de manhã, seu hálito está podre.
Seu corpo se decompõe. Seu rosto,

Que nos era familiar, já se torna desconhecido.
Homem, fale conosco. Esperamos
Sua voz no lugar de sempre. Fale!
Ele não fala. Sua voz
Não sai. Não tenha medo agora, homem. Porém,
Agora você deve partir. Vá logo!
Não olhe para trás, vá
Para longe de nós.

O cantor que interpreta o Aviador deixa o estrado.

11

O ACORDO

O Coro *dirigindo-se aos Três Mecânicos Acidentados* — Mas vocês, que estão de acordo com o curso das coisas,
Não voltem a mergulhar no Nada.
Não se deixem dissolver como o sal na água. Do contrário,
Ergam-se,
Morram sua morte como
Têm realizado seu trabalho,
Revolucionando uma revolução.
Morrendo, não se preocupem com
A morte.
Mas recebam de nós a tarefa
De reconstruir nosso avião.
Comecem!
A fim de voarem para nós,
Aonde precisarmos de vocês
E no momento em que for necessário. Pois
Nós os
Exortamos a marchar conosco. E, conosco,
Transformar não somente
Uma das leis da Terra, mas sim
A lei fundamental:

De acordo com a qual tudo será transformado,
O mundo e a humanidade,
Antes de tudo a desordem
Das classes sociais; pois a humanidade se divide em duas:
Exploração e ignorância.

Os Três Mecânicos Acidentados — Estamos de acordo com a transformação.

O Coro — E lhes pedimos:
Transformem nosso motor e aperfeiçoem-no,
Façam aumentar a segurança e a velocidade,
Mas não esqueçam o objetivo na pressa da partida.

Os Três Mecânicos Acidentados — Aperfeiçoaremos o motor, a segurança e
A velocidade.

O Coro — Abandonem isso tudo!

O Líder do Coro — Avante!

O Coro — Quando tiverem melhorado o mundo,
Melhorem, então, o mundo melhorado.
Abandonem-no!

O Líder do Coro — Avante!

O Coro — Quando, ao melhorar o mundo, tiverem completado a verdade,
Completem, então, a verdade completada.
Abandonem-na!

O Líder do Coro — Avante!

O Coro — Quando, ao completar a verdade, tiverem transformado a humanidade,
Transformem, então, a humanidade transformada.
Abandonem-na!

O Líder do Coro — Avante!

O Coro — Transformando o mundo, transformem-se!
Abandonem a si mesmos!

O Líder do Coro — Avante!

Aquele que diz sim e Aquele que diz não

Óperas escolares

Der Jasager und Der Neinsager
Schulopern

Escrito em 1929/30
Estréia: 23.6.1930 em Berlim

Tradução: Luis Antônio Martinez Corrêa e Marshall Netherland

Colaboração: Paulo César Souza

Baseada na adaptação inglesa de Arthur Waley do 'Nō' japonês "Taniko".

Colaboradores: E. Hauptmann, K. Weill

PERSONAGENS

O PROFESSOR
O MENINO
A MÃE
OS TRÊS ESTUDANTES
O GRANDE CORO

AQUELE QUE DIZ SIM

1

O GRANDE CORO — O mais importante de tudo é aprender a
estar de acordo.
Muitos dizem sim, mas sem estar de acordo.
Muitos não são consultados, e muitos
Estão de acordo com o erro. Por isso:
O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.

O professor está no plano 1; a mãe e o menino, no plano 2.

O PROFESSOR — Eu sou o professor. Eu tenho uma escola na cidade e tenho um aluno cujo pai morreu. Ele só tem a mãe, que cuida dele. Agora, eu vou até a casa deles para me despedir, porque estou de partida para uma viagem às montanhas. É que surgiu uma epidemia entre nós, e na cidade, além das montanhas, moram alguns grandes médicos.

Bate na porta. Posso entrar?

O MENINO *passando do plano 2 para o plano 1* — Quem é? Oh, o professor está aqui! O professor veio nos visitar!

O PROFESSOR — Por que faz tanto tempo que você não vai à escola na cidade?

O MENINO — Eu não podia ir porque minha mãe ficou doente.

O PROFESSOR — Eu não sabia que ela também estava doente. Por favor, vá logo dizer a ela que eu estou aqui.

O MENINO *grita em direção ao plano 2* — Mamãe, o professor está aqui.

A MÃE *sentada no plano 2* — Mande entrar.

O MENINO — Entre, por favor.

Os dois entram no plano 2.

O PROFESSOR — Faz muito tempo que eu não venho aqui. Seu filho diz que a senhora também ficou doente. Está melhor agora?

A MÃE — Infelizmente não estou nada melhor, já que até agora não se conhece nenhum remédio para essa doença.

O PROFESSOR — A gente tem que descobrir alguma coisa. Por isso eu vim me despedir de vocês: amanhã eu vou partir para uma viagem através das montanhas em busca de remédios e instruções. Porque na cidade, além das montanhas, moram os grandes médicos.

A MÃE — Uma caravana de socorro nas montanhas! É verdade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá, mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa. O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR — Numa viagem como esta não se levam crianças.

A MÃE — Bom, espero que o senhor volte com saúde.

O PROFESSOR — Agora eu tenho que ir embora. Adeus.

Sai para o plano 1.

O MENINO *seguindo o professor, no plano 1* — Eu tenho que dizer uma coisa.

A mãe escuta à porta.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu quero ir com o senhor para as montanhas.

O PROFESSOR — Como eu já disse à sua mãe,
É uma viagem difícil e
Perigosa. Você não
Vai conseguir nos acompanhar. Além disso:
Como você pode querer abandonar
Sua mãe, que está doente?
Fique. É absolutamente
Impossível você vir conosco.

O MENINO — É porque minha mãe está doente que
Eu quero ir com você, para
Buscar para ela remédios e instruções
Com os grandes médicos, na cidade além das montanhas.

O PROFESSOR — Eu tenho que falar com sua mãe novamente.

Ele volta ao plano 2. O menino escuta à porta.

O PROFESSOR — Estou aqui de novo. Seu filho diz que quer vir conosco. Eu expliquei que ele não poderia deixar a senhora sozinha e doente e que, além disso, é uma viagem difícil e perigosa. É absolutamente impossível você vir conosco, eu lhe disse. Mas ele respondeu que tem que ir à cidade, além das montanhas, buscar remédios e instruções para a sua doença.

A MÃE — Eu ouvi suas palavras. E não duvido do que o menino diz — que ele gostaria de fazer a caminhada perigosa com o senhor. Meu filho, venha cá.

O menino entra no plano 2.

Desde o dia em que
Seu pai nos deixou,
Eu não tenho ninguém
A não ser você ao meu lado.
Você nunca saiu
De minha vista nem do meu pensamento
Por mais tempo que eu precisasse
Para fazer sua comida,
Arrumar suas roupas e
Ganhar dinheiro.

O MENINO — É como a senhora diz. Mas apesar disso nada vai poder me desviar do que eu pretendo.

O MENINO, A MÃE E O PROFESSOR — Eu vou (ele vai) fazer
a perigosa caminhada
E buscar remédios e instruções
Para a sua (a minha) doença,
Na cidade além das montanhas.

O GRANDE CORO — Eles viram que nenhum argumento
Podia demovê-lo.
Então o professor e a sua mãe disseram
Numa só voz:

O PROFESSOR E A MÃE — Muitos estão de acordo com o erro, mas ele
Não está de acordo com a doença, e sim
Em acabar com a doença.

O GRANDE CORO — A mãe ainda disse:

A MÃE — Eu já não tenho mais forças.
Se assim tem que ser,
Vá com o professor,
Mas volte logo.

2

O GRANDE CORO — As pessoas começaram a viagem
Para as montanhas.
Entre elas estavam o professor
E o menino.
Mas o menino não podia suportar tanto esforço:
Ele forçou demais seu coração,
Que pedia retorno imediato.
Na alvorada, ao pé das montanhas,
Ele quase não conseguia mais
Arrastar seus pés cansados.

Entram no plano 1: o professor, os três estudantes e, por último, o menino trazendo um cantil.

O PROFESSOR — A subida foi rápida. Lá está a primeira cabana. Lá nós vamos parar um pouco.

Os TRÊS ESTUDANTES — Nós obedecemos.

Eles sobem num estrado no plano 2. O menino detém o professor.

O MENINO — Eu tenho que dizer uma coisa.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu não me sinto bem.

O PROFESSOR — Pare! Quem faz uma viagem como esta não pode dizer essas coisas. Talvez você esteja cansado por não estar acostumado a subir montanhas. Pare e descanse um pouco.

Ele sobe no estrado.

Os TRÊS ESTUDANTES — Parece que o menino está cansado por causa da subida. Vamos perguntar ao professor.

O GRANDE CORO — Sim. Perguntem!

Os TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — Nós ouvimos que o menino está cansado por causa da subida. O que há com ele? Você está preocupado com ele?

O PROFESSOR — Ele não está se sentindo bem, é só isso. Ele está só cansado por causa da subida.

Os TRÊS ESTUDANTES — Então você não está preocupado com ele?

Longa pausa.

Os TRÊS ESTUDANTES *entre eles* — Vocês ouviram?
O professor disse
Que o menino está somente cansado por causa da subida.
Mas ele não está ficando com uma aparência muito estranha?
Logo depois da cabana vem a passagem estreita.
Só se pode passar por ela
Agarrando-se à rocha com as duas mãos.
Tomara que ele não esteja doente,
Porque, se ele não puder continuar, nós vamos ter que
Deixar o menino aqui.

Eles gritam em direção ao plano 1, com as mãos em concha:

Você está doente? — Ele não responde. — Vamos perguntar ao professor.

Ao professor: Quando há pouco perguntamos pelo menino, você disse que ele estava simplesmente cansado por causa da subida, mas agora ele está com uma aparência muito estranha. Olhe, ele até está sentado.

O PROFESSOR — Estou vendo que ele ficou doente. Tentem carregá-lo na passagem estreita.

Os TRÊS ESTUDANTES — Vamos tentar.

Os três estudantes tentam atravessar a "passagem estreita" carregando o menino. A "passagem estreita" deve ser construída pelos atores com estrados, cordas, cadeiras etc., de tal forma que os três estudantes possam passar sós, mas não carregando o menino.

Os TRÊS ESTUDANTES — Não podemos passar com ele e também não podemos ficar com ele. Aconteça o que acontecer, nós temos que continuar porque uma cidade inteira está esperando o remédio que nós viemos buscar. É terrível ter que dizer isto, mas, se ele não pode vir conosco, nós vamos ter que deixar o menino aqui, nas montanhas.

O PROFESSOR — É verdade, talvez tenham que fazer isto. Eu não posso me opor a vocês. Mas eu acho justo que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. Meu coração tem pena dessa pessoa. Eu vou até ele e, com o maior cuidado, vou prepará-lo para o seu destino.

Os TRÊS ESTUDANTES — Faça isso, por favor.

Eles se colocam frente a frente.

Os TRÊS ESTUDANTES E O GRANDE CORO — Nós vamos lhe
perguntar (eles lhe perguntaram) se ele quer
Que se volte (que voltem) por sua causa.
Porém, mesmo se ele quiser,
Nós não vamos (eles não iam) voltar,
E sim deixá-lo aqui e continuar.

O PROFESSOR, *que foi até o menino no plano 1* — Presta atenção! Como você ficou doente e não pode continuar, vamos ter que deixar você aqui. Mas é justo que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. E o costume exige que aquele que ficou doente responda: vocês não devem voltar.

O MENINO — Eu compreendo.

O PROFESSOR — Você exige que se volte por sua causa?

O MENINO — Vocês não devem voltar!

O PROFESSOR — Então você está de acordo em ser deixado aqui?

O MENINO — Eu quero pensar. *Pausa para reflexão.* Sim, eu estou de acordo.

O PROFESSOR *grita em direção ao plano 2* — Ele respondeu conforme a necessidade!

O GRANDE CORO E OS TRÊS ESTUDANTES *no momento em que os três estudantes descem ao plano 1* — Ele disse sim.
Continuem!

Os três estudantes param.

O PROFESSOR — Agora continuem, não parem,
Porque vocês decidiram continuar.

Os três estudantes não se movem.

O MENINO — Eu quero dizer uma coisa: eu peço que não me deixem aqui, e sim me joguem no vale, porque eu tenho medo de morrer sozinho.

Os TRÊS ESTUDANTES — Nós não podemos fazer isso.

O MENINO — Parem! Eu exijo.

O PROFESSOR — Vocês decidiram continuar e deixá-lo aqui.
É fácil decidir o seu destino,
Mas difícil executá-lo.
Estão prontos para jogá-lo no vale?

Os TRÊS ESTUDANTES — Sim.

Os três estudantes levam o menino para o estrado no plano 2.

Encoste a cabeça em nossos braços.
Não faça força.
Nós levamos você com cuidado.

Os três estudantes colocam o menino na parte posterior do estrado e, de pé a sua frente, escondem-no do público.

O MENINO *invisível* — Eu sabia muito bem que nesta viagem
Arriscava perder minha vida.
Foi pensando em minha mãe
Que me fez a partir.
Tomem meu cantil,
Ponham o remédio nele
E levem para minha mãe,
Quando vocês voltarem.

O GRANDE CORO — Então os amigos pegaram o cantil
E deploraram os tristes caminhos do mundo
E suas duras leis amargas,
E jogaram o menino.
Pé com pé, um ao lado do outro,
Na beira do abismo,
De olhos fechados, eles jogaram o menino,
Nenhum mais culpado que o outro.
E jogaram pedaços de terra
E umas pedrinhas
Logo em seguida.

AQUELE QUE DIZ NÃO

1

O GRANDE CORO — O mais importante de tudo é aprender a
estar de acordo.
Muitos dizem sim, mas sem estar de acordo.
Muitos não são consultados, e muitos
Estão de acordo com o erro. Por isso:
O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.

O professor está no plano 1; a mãe e o menino, no plano 2.

O PROFESSOR — Eu sou o professor. Eu tenho uma escola na cidade e tenho um aluno cujo pai morreu. Ele só tem a mãe, que cuida dele. Agora, eu vou até a casa deles para me despedir, porque estou de partida para uma viagem às montanhas. *Bate na porta.* Posso entrar?

O MENINO *passando do plano 2 para o plano 1* — Quem é? Oh, o professor está aqui! O professor veio nos visitar!

O PROFESSOR — Por que faz tanto tempo que você não vai à escola na cidade?

O MENINO — Eu não podia ir porque minha mãe ficou doente.

O PROFESSOR — Eu não sabia. Por favor, vá logo dizer a ela que eu estou aqui.

O MENINO *grita em direção ao plano 2* — Mamãe, o professor está aqui.

A MÃE *sentada numa cadeira de madeira no plano 2* — Mande entrar.

O MENINO — Entre, por favor.

Os dois entram no plano 2.

O PROFESSOR — Faz muito tempo que eu não venho aqui. Seu filho diz que a senhora tem estado doente. Está melhor agora?

A MÃE — Não se preocupe com a minha doença, não há de ser nada.

O PROFESSOR — Fico contente de ouvir isto. Eu vim me despedir de vocês, porque amanhã eu estou de partida para as montanhas numa viagem de estudos, porque na cidade, além das montanhas, moram os grandes mestres.

A MÃE — Uma viagem de estudos nas montanhas! É verdade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá, mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa. O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR — Numa viagem como esta, não se levam crianças.

A MÃE — Bom, espero que o senhor volte com saúde.

O PROFESSOR — Agora eu tenho que ir embora. Adeus. *Sai para o plano 1.*

O MENINO *seguindo o professor, no plano 1* — Eu tenho que dizer uma coisa.

A mãe escuta à porta.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu quero ir com o senhor para as montanhas.

O PROFESSOR — Como eu já disse à sua mãe,
É uma viagem difícil e
Perigosa. Você não
Vai conseguir nos acompanhar. Além disso:
Como você pode querer abandonar
Sua mãe, que está doente?
Fique. É absolutamente
Impossível você vir conosco.

O MENINO — É porque minha mãe está doente que
Eu quero ir com você, para
Buscar para ela remédios e instruções
Com os grandes médicos, na cidade além das montanhas.

O PROFESSOR — Mas você estaria de acordo com todos os imprevistos que lhe poderiam surgir durante a viagem?

O MENINO — Sim.

O PROFESSOR — Eu tenho que falar com sua mãe novamente.

Ele volta ao plano 2. O menino escuta à porta.

Estou aqui de novo. Seu filho diz que quer vir conosco. Eu expliquei que ele não poderia deixar a senhora sozinha e doente e que, além disso, é uma viagem difícil e perigosa. É absolutamente impossível você vir conosco, eu lhe disse. Mas ele respondeu que tem que ir à cidade, além das montanhas, buscar remédios e instruções para a sua doença.

A MÃE — Eu ouvi suas palavras. E não duvido do que o menino diz — que ele gostaria de fazer a caminhada perigosa com o senhor. Meu filho, venha cá.

O menino entra no plano 2.

Desde o dia em que
Seu pai nos deixou,
Eu não tenho ninguém
A não ser você do meu lado.
Você nunca saiu
De minha vista nem do meu pensamento
Por mais tempo que eu precisasse
Para fazer sua comida,
Arrumar suas roupas e
Ganhar dinheiro.

O MENINO — É como a senhora diz. Mas apesar disso nada vai poder me desviar do que eu pretendo.

O MENINO, A MÃE E O PROFESSOR — Eu vou (Ele vai) fazer
a perigosa caminhada
E buscar remédios e instruções
Para a sua (a minha) doença,
Na cidade além das montanhas.

O GRANDE CORO — Eles viram que nenhum argumento
Podia demovê-lo.

Então o professor e a mãe disseram
Numa só voz:

O PROFESSOR E A MÃE — Muitos estão de acordo com o erro, mas ele
Não está de acordo com a doença, e sim
Em acabar com a doença.

O GRANDE CORO — A mãe ainda disse:

A MÃE — Eu já não tenho mais forças.
Se assim tem que ser,
Vá com o professor,
Mas volte logo.

2

O GRANDE CORO — As pessoas começaram a viagem
Para as montanhas.
Entre elas estavam o professor,
E o menino.
Mas o menino não podia suportar tanto esforço:
Ele forçou demais seu coração,
Que pedia retorno imediato.
Na alvorada, ao pé das montanhas,
Ele quase não conseguia mais
Arrastar seus pés cansados.

Entram no plano 1: o professor, os três estudantes e, por último, o menino trazendo um cantil.

O PROFESSOR — A subida foi rápida. Lá está a primeira cabana. Lá nós vamos parar um pouco.

OS TRÊS ESTUDANTES — Nós obedecemos.

Eles sobem num estrado do plano 2. O menino detém o professor.

O MENINO — Eu tenho que dizer uma coisa.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu não me sinto bem.

O PROFESSOR — Pare! Quem faz uma viagem como esta não pode dizer essas coisas. Talvez você esteja cansado por não estar acostumado a subir montanhas. Pare e descanse um pouco. *Ele sobe no estrado.*

OS TRÊS ESTUDANTES — Parece que o menino ficou doente por causa da subida. Vamos perguntar ao professor.

O GRANDE CORO — Sim. Perguntem!

OS TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — Nós ouvimos que o menino ficou doente por causa da subida. O que há com ele? Você está preocupado com ele?

O PROFESSOR — Ele não está se sentindo bem, é só isso. Ele está só cansado por causa da subida.

OS TRÊS ESTUDANTES — Então você não está preocupado com ele?

Longa pausa.

OS TRÊS ESTUDANTES *entre eles* — Vocês ouviram?
O professor disse
Que o menino está somente cansado por causa da subida.
Mas ele não está ficando com uma aparência estranha?
Logo depois da cabana vem a passagem estreita.
Só se pode passar por ela
Agarrando-se à rocha com as duas mãos.
Nós não podemos carregar ninguém.
Devemos então seguir o grande costume e
Jogar o menino no vale?

Eles gritam em direção ao plano 1, com as mãos em concha:

A subida da montanha lhe fez mal?

O MENINO — Não.
Vejam, eu estou em pé.
Eu não estaria sentado
Se estivesse doente?

Pausa. O menino senta-se.

Os TRÊS ESTUDANTES — Vamos falar com o professor. Mestre, quando há pouco perguntamos pelo menino, você disse que ele estava simplesmente cansado por causa da subida. Mas agora ele está com uma aparência muito estranha. Olhe, ele até está sentado. É terrível ter que dizer isto, mas há muito tempo reina um grande costume entre nós: aquele que não pode continuar será jogado no vale.

O PROFESSOR — Como, vocês querem jogar este menino no vale?

Os TRÊS ESTUDANTES — Sim. É a nossa intenção.

O PROFESSOR — É um grande costume. Eu não posso me opor a ele. Mas o grande costume também exige que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. Meu coração tem muita pena dessa pessoa. Eu vou até ele e, com o maior cuidado, vou lhe falar do grande costume.

Os TRÊS ESTUDANTES — Faça isso, por favor.

Eles se colocam frente a frente.

Os TRÊS ESTUDANTES E O GRANDE CORO — Nós vamos lhe
perguntar (eles lhe perguntaram) se ele quer
Que se volte (que voltem) por sua causa.
Porém, mesmo se ele quiser,
Nós não vamos (eles não iam) voltar,
E sim jogá-lo no vale.

O PROFESSOR, *que foi até o menino no plano 1* — Presta atenção! Há muito tempo existe a lei que aquele que fica doente numa viagem como esta tem que ser jogado no vale. A morte é imediata. Mas o costume também exige que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. E o costume exige que aquele que ficou doente responda: Vocês não devem voltar. Se eu estivesse em seu lugar, com que prazer eu morreria!

O MENINO — Eu compreendo.

O PROFESSOR — Você exige que se volte por sua causa? Ou está de acordo em ser jogado no vale como exige o grande costume?

O MENINO, *depois de um tempo de reflexão* — Não. Eu não estou de acordo.

O PROFESSOR *grita em direção ao plano 2* — Desçam até aqui. Ele não respondeu de acordo com o costume.

Os TRÊS ESTUDANTES *descendo em direção ao plano 1* — Ele disse não. *Ao menino:* Por que você não responde de acordo com o costume? Aquele que disse a, também tem que dizer b. Naquele tempo quando lhe perguntavam se você estaria de acordo com tudo que esta viagem poderia trazer, você respondeu que sim.

O MENINO — A resposta que eu dei foi falsa, mas a sua pergunta, mais falsa ainda. Aquele que diz a, não tem que dizer b. Ele também pode reconhecer que a era falso. Eu queria buscar remédio para minha mãe, mas agora eu também fiquei doente, e, assim, isto não é mais possível. E diante desta nova situação, quero voltar imediatamente. E eu peço a vocês que também voltem e me levem para casa. Seus estudos podem muito bem esperar. E se há alguma coisa a aprender lá, o que eu espero, só poderia ser que, em nossa situação, nós temos que voltar. E quanto ao antigo grande costume, não vejo nele o menor sentido. Preciso é de um novo grande costume, que devemos introduzir imediatamente: o costume de refletir novamente diante de cada nova situação.

Os TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — O que fazer? O que o menino disse não é nada heróico, mas faz sentido.

O PROFESSOR — Eu deixo com vocês a decisão do que fazer. Mas tenho que lhes dizer uma coisa: se vocês voltarem, vão ser cobertos de zombaria e vergonha.

Os TRÊS ESTUDANTES — Não é vergonha ele falar a favor de si próprio?

O PROFESSOR — Não. Eu não vejo nisso nenhuma vergonha.

OS TRÊS ESTUDANTES — Então nós queremos voltar. Não vai ser a zombaria e não vai ser o desprezo que vão nos impedir de fazer o que é de bom senso, e não vai ser um antigo costume que vai nos impedir de aceitar uma idéia justa.
Encoste a cabeça em nossos braços.
Não faça força.
Nós levamos você com cuidado.

O GRANDE CORO — Assim os amigos levaram o amigo
E eles criaram um novo costume,
E uma nova lei,
E levaram o menino de volta.
Lado a lado, caminharam juntos
Ao encontro do desprezo,
Ao encontro da zombaria, de olhos abertos,
Nenhum mais covarde que o outro.

A decisão

Peça didática

Die Massnahme
Lehrstück

Escrito em 1929/30
Estréia: 13.12.1930 em Berlim

Tradução: Ingrid Dormien Koudela

Colaboradores: S. Dudow, H. Eisler

PERSONAGENS:

Os QUATRO AGITADORES, um após o outro como:

O JOVEM CAMARADA
O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO
Os DOIS CULES
O INSPETOR
Os DOIS TRABALHADORES TÊXTEIS
O POLICIAL
O COMERCIANTE
O CORO DE CONTROLE

O CORO DE CONTROLE — Adiantem-se! Seu trabalho foi bem-sucedido, também nesse país a revolução está em marcha, e as fileiras de combatentes estão organizadas. Estamos de acordo com vocês.

OS QUATRO AGITADORES — Alto, temos algo a dizer! Queremos comunicar a morte de um camarada.

O CORO DE CONTROLE — Quem o matou?

OS QUATRO AGITADORES — Nós o matamos. Atiramos nele e o jogamos numa mina de cal.

O CORO DE CONTROLE — O que ele fez para que vocês o matassem?

OS QUATRO AGITADORES — Muitas vezes fez o que era certo, algumas vezes o que era errado, mas por último colocou em risco o movimento. Ele queria o certo e fez o errado. Exigimos sua sentença.

O CORO DE CONTROLE — Mostrem-nos como e por que aconteceu e ouvirão nossa sentença.

OS QUATRO AGITADORES — Aceitaremos sua sentença.

1

OS ENSINAMENTOS DOS CLÁSSICOS

OS QUATRO AGITADORES — Viemos de Moscou como agitadores, devíamos ir à cidade de Mukden para fazer propaganda e apoiar os movimentos do Partido Chinês nas fábricas. Devíamos nos apresentar na Casa do Partido, que era a última antes da fronteira, e solicitar um guia. Aí veio ao nosso encontro, na sala de espera, um jovem camarada e lhe explicamos a natureza de nossa missão. Repetimos a conversa.

Eles se colocam, três contra um. Um dos quatro representa o jovem camarada.

O JOVEM CAMARADA — Sou o secretário da Casa do Partido, que é a última antes da fronteira. Meu coração bate pela revolução. O espetáculo da injustiça fez com que eu me enfileirasse entre os combatentes. O homem deve ajudar o homem. Sou pela liberdade. Acredito na humanidade. E sou a favor das medidas tomadas pelo Partido Comunista, que luta contra a exploração, a ignorância e pela sociedade sem classes.

OS TRÊS AGITADORES — Nós viemos de Moscou.

O JOVEM CAMARADA — Esperávamos por vocês.

OS TRÊS AGITADORES — Por quê?

O JOVEM CAMARADA — Não podemos prosseguir. Por todo lado há desordem e penúria, pouco pão e muita luta. Muitos estão cheios de coragem, mas poucos sabem ler. Há poucas máquinas e ninguém entende delas. Nossas locomotivas estão quebradas. Vocês trouxeram locomotivas?

OS TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Vocês trouxeram tratores?

OS TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Nossos camponeses ainda se atrelam a si mesmos diante dos velhos arados de madeira. E nada temos para semear em nossos campos. Vocês trouxeram sementes?

OS TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Vocês trouxeram ao menos munição e metralhadoras?

OS TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Aqui somos dois em defesa da revolução. Então certamente trouxeram uma carta do comitê central com instruções sobre o que devemos fazer.

OS TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Então vocês mesmos querem nos ajudar?

OS TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Não trocamos de roupa dia e noite, lutando contra as investidas da fome, da decadência e da contra-revolução. E vocês não nos trazem nada.

OS TRÊS AGITADORES — Assim é: nada lhes trazemos. Mas, atravessando a fronteira para Mukden, levamos aos operários chineses os ensinamentos dos clássicos e dos propagandistas: o ABC do comunismo. Levamos aos ignorantes ensinamentos sobre a sua situação; aos oprimidos, a consciência de classe; e aos conscientizados, a experiência da revolução. De vocês, no entanto, devemos solicitar um automóvel e um guia.

O JOVEM CAMARADA — Então fiz uma pergunta imprópria?

OS TRÊS AGITADORES — Não. A uma boa pergunta segue-se uma resposta ainda melhor. Estamos vendo que de vocês já foi exigido o máximo, mas se exigirá ainda mais; um de vocês dois deverá nos guiar até Mukden.

O JOVEM CAMARADA — Neste caso, deixo meu posto já extremamente difícil para dois e para o qual um apenas deve bastar agora. Irei com vocês. Marchando em frente, difundindo os ensinamentos dos clássicos comunistas: a revolução mundial.

O CORO DE CONTROLE

ELOGIO À URSS

Já o mundo comentava
Nosso declínio,
Mas à nossa mesa parca
Ainda se sentava a esperança
De todos os oprimidos
Que se contenta com água.
E atrás da porta ruinosa
O saber ensinava

Os hóspedes com voz clara.
Quando a porta tiver ruído
Continuaremos sentados apenas mais visíveis:
Aqueles a quem nem a geada nem a fome dizimam,
Incansavelmente deliberando
Sobre os destinos do mundo.

Os QUATRO AGITADORES — Assim o jovem camarada da fronteira estava de acordo com a nossa maneira de trabalhar e nós fomos, quatro homens e uma mulher, falar com o diretor da Casa do Partido.

2

A ANULAÇÃO

Os QUATRO AGITADORES — Mas o trabalho em Mukden era ilegal, por isso precisamos, antes de atravessar a fronteira, anular nossos rostos. Nosso jovem camarada estava de acordo com isso. Repetimos o acontecimento.

Um dos agitadores representa o diretor da Casa do Partido.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Eu sou o diretor da última Casa do Partido. Estou de acordo que o camarada do meu posto acompanhe vocês como guia. Mas há agitações nas fábricas de Mukden, e nesses dias o mundo inteiro está voltado para essa cidade, para ver se um de nós freqüenta as cabanas dos operários chineses. E ouvi dizer que nos rios há canhoneiras ancoradas, e comboios blindados se encontram estacionados nas ferrovias prontos para atacar-nos imediatamente, caso um de nós seja avistado. Determino, portanto, que os camaradas atravessem a fronteira como chineses. *Para os agitadores:* Vocês não devem ser vistos.

Os DOIS AGITADORES — Não seremos vistos.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Se um de vocês for ferido, não deve ser encontrado.

Os DOIS AGITADORES — Não será encontrado.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Então vocês estão prontos para morrer e esconder o morto?

Os DOIS AGITADORES — Sim.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Agora vocês não são mais vocês mesmos. Você não é mais Karl Schmitt, de Berlim, você não é mais Anna Kjersk, de Casan, e você não é mais Peter Sawitsch, de Moscou. Vocês não têm nome nem mãe, são folhas em branco sobre as quais a revolução escreve as suas instruções.

Os DOIS AGITADORES — Sim.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO *dá-lhes as máscaras e eles as colocam* — A partir deste momento vocês não são mais ninguém, a partir deste momento, e talvez até o seu desaparecimento, vocês são operários desconhecidos, combatentes, chineses, nascidos de mães chinesas, pele amarela, falando apenas chinês, no sono e no delírio.

Os DOIS AGITADORES — Sim.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Pelo interesse do comunismo, pelo avanço das massas proletárias de todos os países, afirmando a revolução mundial.

Os DOIS AGITADORES — Sim. Também o jovem camarada disse sim. Desta forma ele se mostrou de acordo com a anulação de seu rosto.

O CORO DE CONTROLE — Quem luta pelo comunismo
Deve saber lutar e não lutar;
Dizer a verdade e não dizer a verdade;
Prestar serviços e negar-se a prestar serviços;
Cumprir promessas e não cumprir promessas;
Enfrentar o perigo e evitar o perigo;
Identificar-se e não ser identificado.
Quem luta pelo comunismo

Só possui uma única virtude:
Lutar pelo comunismo.

Os QUATRO AGITADORES — Fomos como chineses para Mukden, quatro homens e uma mulher.

O JOVEM CAMARADA — Fazer propaganda e apoiar os trabalhadores chineses com os ensinamentos dos clássicos e dos propagandistas: o ABC do comunismo. Levar aos ignorantes ensinamentos sobre a sua situação; aos oprimidos, a consciência de classe; e aos conscientizados, a experiência da revolução.

O CORO DE CONTROLE

ELOGIO AO TRABALHO ILEGAL

É belo
Tomar a palavra em prol da luta de classes,
Conclamar as massas para a luta,
Pisar os opressores, libertar os oprimidos.
Árdua e necessária é a labuta cotidiana;
Atar no sigilo e com pertinácia
A rede do Partido diante dos
Canos dos fuzis dos empresários:
Falar, porém
Ocultando o falante.
Vencer, porém
Ocultando o vencedor.
Morrer, porém
Ocultando a morte.
Quem não faria muito pela glória, mas quem
O faz pelo silêncio?
O pobre convida à sua mesa a honra
Da cabana apertada, e em ruínas surge
Irreprimível a grandeza.
E a glória pergunta em vão

Pelos autores do grande feito.
Adiantem-se
Por um momento,
Desconhecidos, de rosto velado, e recebam
A nossa gratidão!

Os QUATRO AGITADORES — Na cidade de Mukden, ajudamos os camaradas chineses e fizemos propaganda entre os operários. Não tínhamos pão para os famintos. Apenas saber para os ignorantes. Por isso falamos da origem da miséria. Não erradicamos a miséria mas falamos da erradicação de sua origem.

3

A PEDRA

Os QUATROS AGITADORES — Primeiro fomos para a cidade baixa. Ali, os cules puxavam uma canoa pela corda na margem do rio. Mas o chão era escorregadio. Quando um deles escorregou e o inspetor bateu nele, dissemos ao jovem camarada: Siga-os e faça propaganda entre eles. Diga-lhes que você viu sapatos para puxadores de canos em Tientsin, com travas de madeira para não escorregar. Procure fazer com que eles exijam sapatos iguais a esses. Mas não tenha pena deles! E nós perguntamos: Você está de acordo? E ele estava de acordo e foi depressa, mas logo ficou penalizado. Mostramos como foi.

Dois agitadores representam cules, amarrando uma corda a uma estaca e fazendo passar a corda sobre os ombros. Um deles representa o jovem camarada e o outro, o inspetor.

O INSPETOR — Eu sou o inspetor. Devo levar o arroz até à noite para a cidade de Mukden.

Os DOIS CULES — Somos cules e puxamos a canoa com o arroz rio acima.

CANTO DOS PUXADORES DA CANOA COM O ARROZ

Na cidade que fica rio acima
Há um bocado de arroz para nós,
Mas a canoa que deve subir o rio é pesada,
E a água corre rio abaixo.
Nunca chegaremos lá em cima.
    Puxem mais rápido, as bocas
    Esperam pela comida.
    Puxem compassadamente. Não empurrem
    O companheiro ao lado.

O JOVEM CAMARADA — Triste é ouvir a beleza da canção com que esses homens encobrem o tormento de seu trabalho.

O INSPETOR — Puxem mais rápido.

Os CULES — A noite se aproxima. O acampamento,
Pequeno demais até para a sombra de um cão,
Custa um bocado de arroz.
Não conseguimos avançar,
Porque a margem é muito escorregadia.
    Puxem mais rápido, as bocas
    Esperam pela comida.
    Puxem compassadamente. Não empurrem
    O companheiro ao lado.

UM DOS CULES *escorrega* — Não posso continuar.

Os CULES, *enquanto são chicoteados, até que aquele que escorregou consiga levantar* — Mais do que nós.
Durará a corda que rasga nosso ombro.
O chicote do inspetor
Já resistiu a quatro gerações;
Não seremos a última.
    Puxem mais rápido, as bocas
    Esperam pela comida.
    Puxem compassadamente. Não empurrem
    O companheiro ao lado.

O JOVEM CAMARADA — É difícil olhar para esses homens sem se compadecer. *Para o inspetor:* Você não está vendo que o chão escorrega demais?

O INSPETOR — O chão o quê?

O JOVEM CAMARADA — Escorrega demais!

O INSPETOR — O quê? Você está querendo dizer que a margem é escorregadia demais para que se possa puxar uma canoa cheia de arroz?

O JOVEM CAMARADA — Sim.

O INSPETOR — Então você acha que a cidade de Mukden não precisa de arroz?

O JOVEM CAMARADA — Se os homens caem, eles não podem puxar a canoa.

O INSPETOR — Quer que eu coloque uma pedra para cada um daqui até a cidade de Mukden?

O JOVEM CAMARADA — Não sei o que você deve fazer, mas sei o que eles devem. Precisam se defender. Não acreditem que aquilo que durante dois mil anos foi impossível continuará impossível para sempre. Em Tientsin vi sapatos para puxadores de canoas, com travas de madeira para não escorregar.
Lá eles conseguiram esses sapatos fazendo uma reivindicação coletiva. Portanto exijam sapatos iguais a esses!

Os CULES — Na verdade, não podemos mais puxar essa canoa sem sapatos iguais a esses.

O INSPETOR — Mas o arroz tem que chegar à cidade ainda hoje à noite.

Ele os chicoteia, eles puxam.

Os CULES — Nossos pais puxavam a canoa rio acima
Desde a embocadura.
Nossos filhos chegarão até a nascente;
Nós estamos no meio.
    Puxem mais rápido, as bocas
    Esperam pela comida.

Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

O cule cai novamente.

O CULE — Me ajudem!

O JOVEM CAMARADA *para o inspetor* — Você não é um ser humano?
Vou pegar uma pedra e colocá-la na lama — *para o cule* — e agora pise!

O INSPETOR — Certo. De que nos adiantam sapatos de Tientsin? Prefiro deixar que o seu piedoso camarada nos acompanhe colocando uma pedra para aquele que escorregar.

Os CULES — Na canoa há arroz. O camponês que
Fez a colheita recebeu
Um punhado de moedas. Nós
Recebemos menos ainda. Um boi
Sairia mais caro. Somos muitos.

Um dos cules escorrega, o jovem camarada coloca a pedra e o cule se levanta.

Puxem mais rápido. As bocas
Esperam pela comida.
Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

Quando o arroz chegar à cidade
E as crianças perguntarem
Quem puxou a canoa pesada, dirão:
Ela foi puxada.

Um dos cules escorrega, o jovem camarada coloca a pedra, o cule se levanta.

Puxem mais rápido. As bocas
Esperam pela comida.

Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

A comida vem lá debaixo
Para os que a comerão lá em cima.
Aqueles que a trazem
Não comeram.

Um dos cules escorrega, o jovem camarada coloca a pedra, o cule se levanta.

O JOVEM CAMARADA — Não agüento mais. Vocês têm que exigir outros sapatos.

O CULE — É um idiota digno de riso.

O INSPETOR — Não, é um daqueles que agitam nossa gente. Ei, peguem-no!

Os QUATRO AGITADORES — E ele foi logo identificado! Perseguiram-no durante dois dias até que nos encontrou. Nós fomos perseguidos com ele durante uma semana na cidade de Mukden e não pudemos mais pôr os pés na cidade baixa.

DISCUSSÃO

O CORO DE CONTROLE — Mas não é correto apoiar o fraco
Onde quer que se encontre? Ajudar
O explorado, no seu sofrimento cotidiano?

Os QUATRO AGITADORES — Ele não o ajudou e acabou nos impedindo de fazer propaganda na cidade baixa.

O CORO DE CONTROLE — Estamos de acordo.

Os QUATRO AGITADORES — O jovem camarada reconheceu que separara o sentimento da razão. Mas nós o consolamos citando-lhe as palavras do camarada Lênin.

O CORO DE CONTROLE — Sábio não é quem não comete erros,
Sábio é quem sabe corrigi-los imediatamente.

4

A PEQUENA E A GRANDE INJUSTIÇA

OS QUATRO AGITADORES — Fundamos as primeiras células nas fábricas e formamos os primeiros quadros, organizamos uma escola do Partido e lhes ensinamos a produzir clandestinamente a literatura proibida. Depois conseguimos ter influência nas fábricas têxteis e quando o salário foi reduzido, uma parte dos operários entrou em greve. Mas como a outra parte continuou trabalhando, a greve ficou ameaçada. Dissemos ao jovem camarada: fique no portão da fábrica e distribua os panfletos. Ele estava de acordo. Repetimos a conversa.

OS TRÊS AGITADORES — Você falhou junto aos puxadores da canoa de arroz.

O JOVEM CAMARADA — Sim.

OS TRÊS AGITADORES — Você aprendeu alguma coisa com isso?

O JOVEM CAMARADA — Sim.

OS TRÊS AGITADORES — Você vai se comportar melhor na distribuição dos panfletos?

O JOVEM CAMARADA — Sim.

OS TRÊS AGITADORES — Mostramos agora o comportamento do jovem camarada na distribuição dos panfletos.

Dois agitadores representam trabalhadores têxteis e o outro, um policial.

OS DOIS OPERÁRIOS TÊXTEIS — Nós somos operários na fábrica de tecidos.

O POLICIAL — Eu sou policial e recebo meu pão dos dominadores para reprimir a insatisfação.

O CORO DE CONTROLE — Venha, camarada! Arrisque
O centavo, que já não é mais centavo,
A cama debaixo da goteira

E o emprego que perderá amanhã!
Saia para a rua! Lute!
É tarde demais para esperar!
Ajude a si mesmo, ajudando a nós:
Pratique a solidariedade.

O JOVEM CAMARADA — Arrisque o que tem, camarada!
Você não tem nada.

O CORO DE CONTROLE — Venha camarada, enfrente os fuzis
E exija o seu salário!
Quando você souber que nada tem a perder,
Os policiais deles não terão armas o bastante!
Saia para a rua! Lute!
É tarde demais para esperar!
Ajude a si mesmo, ajudando a nós:
Pratique a solidariedade.

OS DOIS OPERÁRIOS TÊXTEIS — De manhã cedo vamos à fábrica.

Nossos salários foram reduzidos. Não sabemos o que fazer e continuamos a trabalhar.

O JOVEM CAMARADA *entrega um panfleto para um deles, o outro permanece parado ao seu lado* — Leia e passe adiante. Quando tiver lido, vai saber o que fazer.

O primeiro pega o panfleto e segue o seu caminho.

O POLICIAL *tira o panfleto do primeiro* — Quem lhe deu esse panfleto?

O PRIMEIRO — Não sei, alguém me deu quando eu vinha passando.

O POLICIAL *se aproxima do segundo* — Foi você quem deu o panfleto para ele. Nós da polícia procuramos aqueles que distribuem panfletos como este.

O SEGUNDO — Não dei panfletos para ninguém.

O JOVEM CAMARADA — É crime instruir os ignorantes sobre a sua situação?

O POLICIAL — Os ensinamentos de vocês levam a coisas terríveis. Se vocês doutrinarem uma fábrica como essa, ela não mais reconhecerá nem o seu próprio dono. Esse pequeno panfleto é mais perigoso do que dez canhões.

O JOVEM CAMARADA — O que está escrito aí?

O POLICIAL — Isso eu não sei. *Para o segundo:* O que está escrito aí?

O SEGUNDO — Não conheço o panfleto. Não fui eu quem o distribuiu.

O JOVEM CAMARADA — Eu sei que não foi ele.

O POLICIAL *para o jovem camarada* — Foi você quem deu o panfleto para ele?

O JOVEM CAMARADA — Não.

O POLICIAL *para o segundo* — Então foi você.

O JOVEM CAMARADA *para o primeiro* — O que vai acontecer com ele?

O PRIMEIRO — Ele pode ser preso.

O JOVEM CAMARADA — Por que você quer que ele seja preso? Você não é proletário também, seu guarda?

O POLICIAL *para o segundo* — Venha comigo. *Bate-lhe na cabeça.*

O JOVEM CAMARADA *impedindo-o* — Não foi ele.

O POLICIAL — Então foi você mesmo!

O SEGUNDO — Não foi ele.

O POLICIAL — Então foram vocês dois.

O PRIMEIRO — Corre, homem, corre. Você está com o bolso cheio de panfletos.

O policial derruba o segundo.

O JOVEM CAMARADA *aponta para o policial, falando para o primeiro* — Ele acaba de abater um inocente, você é testemunha.

O PRIMEIRO *agride o policial* — Seu cachorro vendido!

O policial puxa o revólver.

O JOVEM CAMARADA *grita* — Socorro! Camaradas! Socorro! Estão matando inocentes!

O jovem camarada agarra o pescoço do policial por trás. O primeiro operário curva lentamente o seu braço para trás. O tiro dispara, o policial é desarmado e abatido.

O SEGUNDO OPERÁRIO, *levantando-se para o primeiro* — Matamos um policial e não podemos mais ir à fábrica. *Para o jovem camarada:* E você é o culpado.

Os QUATRO AGITADORES — E ele teve que se pôr a salvo em vez de distribuir panfletos, pois o policiamento foi reforçado.

DISCUSSÃO

O CORO DE CONTROLE — Mas não é correto evitar a injustiça onde quer que ocorra?

Os QUATRO AGITADORES — Ele evitou uma pequena injustiça, mas a grande injustiça, o furo da greve, continuou.

O CORO DE CONTROLE — Nós estamos de acordo.

5

O QUE É UM HOMEM, AFINAL?

Os QUATRO AGITADORES — Lutávamos diariamente contra as antigas associações, a desesperança e a submissão; ensinávamos os operários a transformar a luta por melhores salários em luta pelo poder. Ensinávamos o uso de armas e a arte de fazer manifestações. Depois ouvimos que os comerciantes estavam brigando com os ingleses, que dominavam a cidade por meio da alfândega. Para tirar proveito da briga entre os dominadores em favor dos dominados, enviamos o jovem camarada com uma carta para o comerciante mais rico. Nela estava escrito: Armem os cules! Dissemos ao jovem camarada: Comporte-se de forma a conseguir as armas. Mas quando a comida chegou à mesa, ele não soube calar. Mostramos como foi.

Um agitador como comerciante.

O COMERCIANTE — Eu sou o comerciante. Estou aguardando uma carta da associação dos cules sobre uma ação conjunta contra os ingleses.

O JOVEM CAMARADA — Aqui está a carta da associação dos cules.

O COMERCIANTE — Está convidado a almoçar comigo.

O JOVEM CAMARADA — É uma honra almoçar com o senhor.

O COMERCIANTE — Enquanto a comida é preparada, quero dizer-lhe minha opinião sobre os cules. Por favor, sente-se aqui.

O JOVEM CAMARADA — Estou muito interessado em sua opinião.

O COMERCIANTE — Por que recebo tudo mais barato do que qualquer outro? E por que um cule trabalha para mim quase de graça?

O JOVEM CAMARADA — Não sei.

O COMERCIANTE — Porque sou um homem esperto. Vocês também são espertos porque sabem como receber salários dos cules.

O JOVEM CAMARADA — Nós sabemos — aliás, o senhor vai armar os cules contra os ingleses?

O COMERCIANTE — Talvez, talvez. Sei como tratar com um cule. Deve dar-lhe arroz o bastante para que não morra, senão como é que ele vai trabalhar para você? Está certo?

O JOVEM CAMARADA — Sim, está certo.

O COMERCIANTE — Pois eu digo: não. Se os cules são mais baratos do que o arroz, então posso arranjar um novo cule. Isto não está mais certo ainda?

O JOVEM CAMARADA — Sim, está mais certo ainda. Aliás, quando o senhor vai enviar as primeiras armas para a cidade baixa?

O COMERCIANTE — Logo, logo. Você deveria ver como os cules, que carregam o meu couro, compram meu arroz na cantina.

O JOVEM CAMARADA — Eu deveria ver.

O COMERCIANTE — O que você acha, estou pagando muito pelo trabalho?

O JOVEM CAMARADA — Não, mas o seu arroz é caro e o trabalho deve ser bom, mas o seu arroz é ruim.

O COMERCIANTE — Vocês são pessoas espertas.

O JOVEM CAMARADA — E quando o senhor vai armar os cules contra os ingleses?

O COMERCIANTE — Depois de comer podemos visitar os depósitos de armas. Agora vou cantar para você a minha canção predileta.

CANÇÃO DA MERCADORIA

Tem arroz lá, rio abaixo.
Nas províncias rio acima as pessoas precisam de arroz.
Se deixarmos o arroz nos depósitos,
O arroz ficará mais caro para elas.
Aqueles que puxam a canoa receberão ainda menos arroz,
Então o arroz ficará ainda mais barato para mim.
O que é o arroz, afinal?
    E eu lá sei o que é o arroz?
    E eu lá sei, quem sabe disso?
    Não sei o que é o arroz,
    Eu só conheço o seu preço.

Chega o inverno, as pessoas precisam de roupa.
Então é preciso comprar algodão
E não liberar o algodão.
Quando chega o frio, as roupas ficam mais caras.
As fiações pagam salários altos demais.
O problema é que existe algodão demais.
O que é o algodão, afinal?
    E eu lá sei o que é o algodão?
    E eu lá sei, quem sabe disso?
    Não sei o que é o algodão,
    Eu só conheço o seu preço.

O homem precisa de muita ração,
Com isso o homem fica mais caro.
Para arrumar ração, precisa-se de homens.
Os cozinheiros tornam a comida mais barata, mas
Aqueles que comem a tornam mais cara.
O problema é que existem homens de menos.
O que é um homem, afinal?
    E eu lá sei o que é um homem?
    E eu lá sei, quem sabe disso?
    Não sei o que é um homem,
    Eu só conheço o seu preço.

Para o jovem camarada: E agora vamos comer o meu arroz de boa qualidade.

O JOVEM CAMARADA *levanta-se* — Não posso comer com o senhor.

OS QUATRO AGITADORES — Foi o que ele disse e não houve zombaria nem ameaça que o levassem a comer com aquele a quem desprezava; e o comerciante o expulsou e os cules não foram armados.

DISCUSSÃO

O CORO DE CONTROLE — Mas não é correto colocar a honra acima de tudo?

OS QUATRO AGITADORES — Não.

O CORO DE CONTROLE

TRANSFORME O MUNDO: ELE PRECISA DISSO

Com quem o justo não sentaria
Para promover a justiça?
Que remédio é tão ruim
Para quem está moribundo?
Que baixeza você não cometeria
Para extirpar a baixeza?
Se você, finalmente, pudesse transformar o mundo,
Para que se julgaria bom demais?
Quem é você?
Afunde na sujeira,
Abrace o carniceiro, mas
Transforme o mundo: ele precisa disso!
Continuem a narrar!
Há muito já não os escutamos como juízes,
Mas desde já como aprendizes.

OS QUATRO AGITADORES — Mal chegou à escadaria, o jovem camarada reconheceu o seu erro. Nos disse que poderíamos mandá-lo de volta através da fronteira. Vimos claramente a sua fraqueza, mas precisávamos dele, pois tinha muitos adeptos entre os desempregados, e ele nos ajudou muito, nesses dias, a tecer a rede do Partido, diante dos canos dos fuzis dos empresários.

6

A TRAIÇÃO

OS QUATRO AGITADORES — Naquela semana as perseguições aumentaram consideravelmente. Tínhamos apenas um quarto secreto para a máquina impressora e os panfletos. Mas certa manhã houve distúrbios por causa da fome na cidade, e também da planície chegaram notícias sobre revoltas violentas. Na noite do terceiro dia, tendo alcançado nosso esconderijo debaixo de perigo, encontramos na porta o jovem camarada. E havia sacos diante da casa, na chuva. Repetimos a conversa.

Os TRÊS AGITADORES — Que sacos são esses?

O JOVEM CAMARADA — É nosso material de propaganda.

Os TRÊS AGITADORES — E o que se fará?

O JOVEM CAMARADA — Devo comunicar-lhes algo: entre os desempregados reina grande agitação. O novo líder dos desempregados da cidade alta veio hoje aqui e me convenceu a dar início imediatamente à ação. Devemos distribuir os panfletos e, como final da revolta, ocupar a Câmara Municipal. Ele sabe com segurança que a Câmara Municipal está sem policiamento. Desta forma bastam uns poucos homens para ocupá-la. E quando a Câmara Municipal estiver em nosso poder, as massas verão que o governo está fraco. Ele disse que a revolta será possível hoje à noite, e eu acredito nele.

Os TRÊS AGITADORES — Então diga-nos as razões pelas quais a revolta é possível.

O JOVEM CAMARADA — A miséria aumenta, e a desordem cresce na cidade.

Os TRÊS AGITADORES — Os ignorantes começam a reconhecer a sua situação.

O JOVEM CAMARADA — Os desempregados aceitaram a nossa instrução.

Os TRÊS AGITADORES — Os oprimidos adquirem consciência de classe.

O JOVEM CAMARADA — O novo líder dos desempregados é um verdadeiro socialista. Ele não conhece limites às suas exigências revolucionárias, e o poder de seu discurso é arrebatador.

O PRIMEIRO AGITADOR — Ele tem uma cicatriz embaixo da orelha direita?

O JOVEM CAMARADA — Então, vocês o conhecem?

O PRIMEIRO AGITADOR — Eu o conheço. Ele é agente dos comerciantes.

O JOVEM CAMARADA — Não acredito nisso.

Os TRÊS AGITADORES — No caminho para cá vimos soldados com canhões dirigindo-se à Câmara Municipal. A Câmara Municipal é uma cilada, e o novo líder dos desempregados é um provocador.

O JOVEM CAMARADA — Não, ele é um desempregado e sente com os desempregados. Os desempregados não podem mais esperar, e eu também não posso mais esperar. Há miseráveis demais.

Os TRÊS AGITADORES — Mas ainda há poucos combatentes.

O JOVEM CAMARADA — Seus sofrimentos são incomensuráveis.

Os TRÊS AGITADORES — Não basta sofrer.

O JOVEM CAMARADA — Eles sabem: a infelicidade não se alastra a lepra no peito; a pobreza não cai dos telhados como a telha; infelicidade e pobreza são obra do homem; a indigência é cozida para eles, mas seus lamentos lhes servem de refeição. Eles sabem de tudo.

Os TRÊS AGITADORES — Eles sabem quantos regimentos o governo tem?

O JOVEM CAMARADA — Não.

Os TRÊS AGITADORES — Então sabem muito pouco. Onde estão as armas de vocês?

O JOVEM CAMARADA *mostra as mãos* — Vamos lutar com unhas e dentes.

Os TRÊS AGITADORES — Isso não basta. Você vê apenas a miséria dos desempregados e não a miséria dos trabalhadores. Você vê apenas a cidade e não os camponeses na planície. Você vê os soldados apenas como opressores e não como opressores miseráveis de uniforme. Vá, portanto, até os desempregados, desmascare o agente dos comerciantes e o seu conselho de invadir a Câmara Municipal e convença-os a participar, hoje à noite, da manifestação dos trabalhadores das fábricas. Nós procuraremos convencer os soldados insatisfeitos, reunidos em volta da Câmara Municipal, a participar conosco, uniformizados, da manifestação.

O JOVEM CAMARADA — Lembrei aos desempregados quantas vezes os soldados atiraram neles. E agora tenho que dizer-lhes que devem participar de uma manifestação junto com os assassinos?

OS TRÊS AGITADORES — Sim, porque os soldados podem reconhecer que estava errado atirar em miseráveis da sua própria classe. Lembre-se do conselho do camarada Lênin de que não se devem considerar todos os camponeses como inimigos de classe, mas sim conquistar a miséria do campo como aliada.

O JOVEM CAMARADA — Então eu pergunto: os clássicos toleram que a miséria espere?

OS TRÊS AGITADORES — Eles falam de métodos que abrangem a miséria em toda a sua dimensão.

O JOVEM CAMARADA — Então os clássicos não são a favor de que se dê ajuda imediata a todo miserável?

OS TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Então os clássicos são uma merda e eu os rasgarei; pois o homem, como ser vivo, berra, e a sua miséria rompe todos os diques do ensinamento. Por isso darei início agora à ação, agora e já, pois eu berro e rompo os diques do ensinamento.

Ele rasga os escritos.

OS TRÊS AGITADORES — Não os rasgue! Precisamos deles,
De cada um deles. Veja a realidade!
A sua revolução é feita rapidamente
E dura apenas um dia,
Amanhã estará sufocada.

A nossa revolução começa amanhã.
Vence e transforma o mundo.
A sua revolução acaba quando você acaba.
Quando você tiver acabado,
A nossa revolução continuará.

O JOVEM CAMARADA — Ouçam o que estou dizendo: vejo com os meus dois olhos que a miséria não pode esperar. Por isso me oponho à sua decisão de esperar. Ainda hoje à noite vou ocupar a Câmara Municipal à frente dos desempregados.

OS TRÊS AGITADORES — Sabemos que a Câmara Municipal está repleta de soldados. Mas ainda que não estivesse policiada, de que nos adiantaria a Câmara se as estações de trem, as estações telegráficas e os quartéis estão nas mãos do governo? Você não nos convenceu. Vá, portanto, até os desempregados e convença-os de que não podem atacar sozinhos. Exigimos isso de você agora em nome do Partido.

O JOVEM CAMARADA — Mas quem é o Partido?
Ele está sentado em uma casa com telefones?
Seus pensamentos são secretos, suas decisões desconhecidas?
Quem é ele?

OS TRÊS AGITADORES — Nós somos ele.
Você e eu e vocês — nós todos.
Ele está na sua vestimenta, camarada, e pensa com a sua cabeça. Onde eu moro, é a sua casa, e onde você é atacado ele luta.
Mostre-nos o caminho que devemos percorrer
E o percorreremos com você, mas
Não percorra sem nós o caminho correto,
Sem nós ele seria
O mais errado.
Não se separe de nós!
Podemos estar errados e você ter razão, portanto
Não se separe de nós!

Que o caminho mais curto é melhor do que o mais longo
Ninguém nega
Mas se alguém o conhece
E não é capaz de mostrá-lo a nós, de que nos adianta a sua
Sabedoria?
Esteja sabiamente conosco!
Não se separe de nós!

O JOVEM CAMARADA — Porque tenho razão, não posso ceder. Vejo com os meus dois olhos que a miséria não pode esperar.

O CORO DE CONTROLE

ELOGIO AO PARTIDO

O indivíduo tem dois olhos,
O Partido tem milhares de olhos.
O Partido vê sete países
O indivíduo vê uma cidade.
O indivíduo tem a sua hora,
Mas o Partido tem muitas horas.
O indivíduo pode ser aniquilado,
Mas o Partido não pode ser aniquilado,
Pois ele é a tropa avançada das massas
E lidera a sua luta
Com os métodos dos clássicos, que foram criados
A partir do conhecimento da realidade.

O JOVEM CAMARADA — Tudo isso não vale mais; em vista da luta, nego tudo o que ainda ontem era válido. E faço apenas o que é humano. Aqui está a ação. Assumo a sua liderança.
Meu coração bate pela revolução. Ela está aqui.

Os TRÊS AGITADORES — Cale-se!

O JOVEM CAMARADA — Aqui há opressão. Sou a favor da liberdade!

Os TRÊS AGITADORES — Cale-se! Você está nos expondo.

O JOVEM CAMARADA — Não posso calar-me, porque estou com a razão.

Os TRÊS AGITADORES — Esteja ou não com a razão — se você falar, estamos perdidos! — Cale-se!

O JOVEM CAMARADA — Já vi demais.
Não me calarei por mais tempo.
Por que calar-me ainda?
Se eles não sabem que têm amigos,
Como se levantarão?
Por isso coloco-me à sua frente,
Como aquele que sou e diz o que é.

Ele tira a máscara e grita:

Viemos ajudá-los,
Viemos de Moscou.

Ele rasga a máscara.

Os QUATRO AGITADORES — E olhamos, e no crepúsculo
Vimos seu rosto desvelado,
Humano, aberto e sincero. Ele havia
Rasgado a máscara.
E das casas
Os oprimidos gritavam: Quem
Incomoda o sono daqueles que estão exaustos?
E uma janela se abriu, e uma voz gritou:
Aqui há elementos estranhos! Peguem os provocadores!
Assim fomos descobertos!
E já ouvimos os canhões
No centro da cidade, e os ignorantes falavam:
Agora ou nunca! E os desarmados gritavam:
Saiam de suas casas!
Mas ele não parava de berrar

Em plena rua,
E o abatemos,
O erguemos e deixamos rapidamente a cidade.

7

A FUGA

O CORO DE CONTROLE — Eles deixaram a cidade!
A desordem cresce na cidade,
Mas a liderança bate em retirada atravessando os limites da cidade!
A sua decisão!

OS QUATRO AGITADORES — Esperem!
É fácil saber o que é certo
Longe do tiro,
Quando se tem meses à disposição,
Mas nós
Tínhamos cinco minutos e
Refletimos diante dos canos dos fuzis.

Quando em nossa fuga chegamos perto das minas de cal fora da cidade, ouvimos nossos perseguidores em nosso encalço. Nosso jovem camarada ouviu, ao acordar, o trovejar dos canhões, que vinha da direção da Câmara Municipal. Reconheceu o que fizera e disse: nossa causa está perdida. E nós dissemos: nossa causa não está perdida. Mas ele foi reconhecido e não pode escapar. E nos rios há canhoeiras ancoradas, e comboios blindados se encontram estacionados nas ferrovias, prontos para atacar-nos imediatamente, caso um de nós seja avistado. Ele não pode ser visto.

O CORO DE CONTROLE — Se nos encontrarem, seja onde for,
Saberão: os poderosos
Devem ser aniquilados!
E os canhões dispararão.

Onde quer que o faminto
Gema e se revolte,
Seus carrascos gritam:
Nós lhe pagamos
Para que gema e se revolte.

Está escrito em nossa testa
Que somos contra a exploração.
Está escrito em nosso mandato de captura:
São a favor dos oprimidos!
Quem ajuda aos desesperados
É considerado como a escória do mundo,
Nós somos a escória do mundo,
Não podemos ser vistos.

O CORO DE CONTROLE — A sua decisão!

8

A DECISÃO

OS QUATRO AGITADORES — Nós decidimos:
Então, ele tem que desaparecer, completamente.
Pois nós precisamos voltar ao nosso trabalho
E não podemos levá-lo nem deixá-lo aqui.
Portanto temos que matá-lo e jogá-lo na mina de cal,
Pois a cal o queimará.

O CORO DE CONTROLE — Não encontraram outra saída?

OS QUATRO AGITADORES — Como o tempo era pouco, não encontramos outra saída.
Assim como o animal ajuda o animal,
Também nós desejávamos ajudá-lo, àquele que
Lutara conosco pela nossa causa.
Distante cinco minutos dos perseguidores
Pensamos numa
Alternativa melhor.

Também vocês agora estão pensando
Numa alternativa melhor.

Pausa.

Portanto decidimos separar
Agora o nosso próprio pé do corpo.
É terrível matar.
Mas não somente os outros, também nos mataríamos, caso fosse necessário,
Já que só com violência é possível transformar
Esse mundo assassino,
Como sabe todo ser vivo.
Ainda não nos foi dado, dissemos,
Não matar. Unicamente
Pela vontade inabalável de transformar o mundo é que justificamos
A decisão.

O CORO DE CONTROLE — Continuem contando. Podem estar certos
De nossa simpatia.
Não foi fácil fazer o que era correto,
Não foram vocês que pronunciaram a sua sentença, mas sim
A realidade.

Os QUATRO AGITADORES — Repetimos nossa última conversa.

O PRIMEIRO AGITADOR — Vamos perguntar se ele está de acordo, pois foi um lutador corajoso.

O SEGUNDO AGITADOR — Mas mesmo que não esteja de acordo, ele terá que desaparecer completamente.

O PRIMEIRO AGITADOR *para o jovem camarada* — Se for capturado eles atirarão em você, e, como vão reconhecê-lo, nosso trabalho será descoberto. Portanto temos que atirar em você e jogá-lo na mina de cal para que a cal o queime. Mas perguntamos: você vê uma saída?

O JOVEM CAMARADA — Não.

Os TRÊS AGITADORES — Então perguntamos: você está de acordo?

Pausa.

O JOVEM CAMARADA — Sim. Vejo que sempre agi erradamente.

Os TRÊS AGITADORES — Não sempre.

O JOVEM CAMARADA — Eu que queria tanto ser útil, apenas trouxe prejuízo.

Os TRÊS AGITADORES — Não apenas.

O JOVEM CAMARADA — Mas agora seria melhor se eu não existisse.

Os TRÊS AGITADORES — Sim. Quer fazê-lo sozinho?

O JOVEM CAMARADA — Ajudem-me.

Os TRÊS AGITADORES — Encoste a sua cabeça em nosso braço. Feche os olhos.

O JOVEM CAMARADA *invisível* — Ele ainda disse: No interesse do comunismo,
De acordo com o avanço das massas proletárias
De todos os países,
Afirmando a revolução mundial.

Os QUATRO AGITADORES — Então atiramos nele
E o jogamos na mina de cal.
E, quando a cal o havia engolido,
Voltamos ao nosso trabalho.

O CORO DE CONTROLE — O seu trabalho foi bem-sucedido,
Vocês propagaram
Os ensinamentos dos clássicos,
O ABC do comunismo.
Aos ignorantes ensinamentos sobre a sua situação;
Aos oprimidos, a consciência de classe,
E aos conscientizados, a experiência da revolução.
E também lá a revolução está em marcha,
E as fileiras de combatentes estão organizadas também lá.
Estamos de acordo com vocês.

Seu relato nos mostra o quanto
É necessário para se transformar o mundo:
Raiva e pertinácia, saber e revolta,
Intervenção rápida, profunda ponderação,
Fria tolerância, infinita perseverança.
Compreensão da parte e compreensão do todo:
Só ensinados pela realidade é que podemos
Transformar a realidade.